

UNIVALE - UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE
PROGRAMA DE MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO

Marcelo Cambraia de Alvarenga

**EMIGRAÇÃO E EMPREENDEDORISMO NO MUNICÍPIO DE
TEÓFILO OTONI**

Governador Valadares - MG

2011

MARCELO CAMBRAIA DE ALVARENGA

**EMIGRAÇÃO E EMPREENDEDORISMO NO MUNICÍPIO DE
TEÓFILO OTONI**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre em Gestão Integrada do Território, apresentada ao Programa de Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce.

Orientadora: Sueli Siqueira

Governador Valadares – MG

2011

Alvarenga, Marcelo Cambraia.

Emigração e empreendedorismo no município de Teófilo Otoni / Marcelo Cambraia de Alvarenga. – 2011.

161 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território, Governador Valadares, MG, 2011.

Orientadora: Sueli Siqueira

1. Empreendedorismo. 2. Migração internacional. 3. Território. I. Siqueira, Sueli. II. Universidade Vale do Rio Doce. III. Título.

CDD 658.421

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território

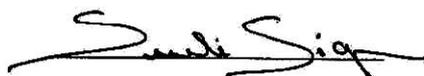
**ATA DA BANCA EXAMINADORA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
Marcelo Cambraia de Alvarenga**

Matrícula Nº 61843

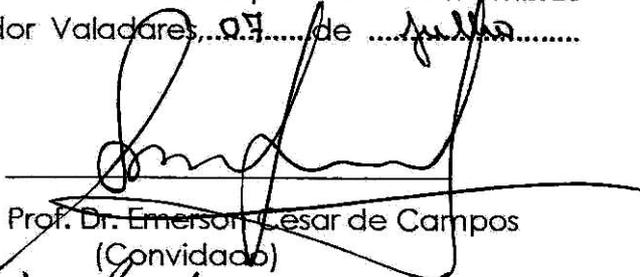
Aos sete dias do mês de julho de 2011 (dois mil e onze), às quatorze horas (14h) horas, no auditório C do Edifício Pioneiros no Campus Antônio Rodrigues Coelho da Universidade Vale do Rio Doce, reuniu-se a Comissão Examinadora da Dissertação do Mestrando intitulada "**Emigração e Empreendedorismo no Município de Teófilo Otoni**", Linha de Pesquisa: Território, Migração e Cultura, elaborada pelo aluno **Marcelo Cambraia de Alvarenga**. A comissão julgadora foi composta pelos professores Doutores Sueli Siqueira (Orientadora) – GIT/UNIVALE, Prof. Dr. Emerson César de Campos – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) Convidado – Prof. Dr. Mauro Augusto dos Santos – GIT(UNIVALE) e Profª. Dra. Nádia Dolores F. Biavati – GIT/UNIVALE). Abrindo a sessão, a presidente da Comissão, Profª Dra. Sueli Siqueira, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulares do Trabalho Final, passou a palavra ao mestrando Marcelo Cambraia de Alvarenga para apresentação de sua Dissertação. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença do mestrando e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora consideraram por unanimidade a Dissertação

Aprovada fazendo as seguintes observações:
A banca sugere que o trabalho seja publicado na forma de artigo e/ou livro.

Em seguida o resultado foi comunicado publicamente ao candidato pela presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou-se a presente, Ata que será assinada por todos os membros da comissão Examinadora. Governador Valadares, 07 de Julho de 2011.



Profª Dra. Sueli Siqueira
(Orientadora)



Prof. Dr. Emerson César de Campos
(Convidado)



Prof. Dr. Mauro Augusto dos Santos
(convidado)

Campus I - Armando Vieira

Rua Moreira Sales, 850 - Vila Bretas - CEP: 35030-390
Tel. (33) 3279.5200 - Fax (33) 3279.5202
Caixa Postal 295 - www.univale.br
Governador Valadares - Minas Gerais - Brasil

Campus II - Antônio Rodrigues Coelho

Rua Israel Pinheiro, 2000 - Universitário - CEP: 35020-220
Tel. (33) 3279.5500 - Fax (33) 3279.5042
Caixa Postal 295 - www.univale.br
Governador Valadares - Minas Gerais - Brasil

Dedico este trabalho à minha companheira de todos os momentos, aos meus filhos, aos meus pais, à minha família, aos meus amigos e a todos aqueles que buscam e realizam seus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar ao Pai e à Mãe de todos nós, que nos criaram, nos abençoam, iluminam nossos corações e mentes e permitem que toda e qualquer realização material seja possível.

Aos meus pais, Gil (*in memoriam*) e Zuleika, por terem me forjado dentro dos mais importantes preceitos.

À minha orientadora, Sueli Siqueira, por todo o ensinamento, dedicação, paciência e acolhimento.

Aos professores Haruf Salmen Espindola, Carlos Alberto Dias e Patrícia Falco Genovez pelos conhecimentos fundamentais para este estudo.

Ao Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território da UNIVALE, seus professores e, em especial, à secretária Neuza Santos, sempre disposta e solícita.

À minha esposa Zoraide pela paciência nesse difícil período de nossas vidas.

Aos meus filhos e familiares pela compreensão diante da falta de tempo para convivência.

Aos alunos Raquel Vilchez Gonçalves, Junior da Silva Reis e Kwanny Alves Folgado que auxiliaram no levantamento e tabulação dos dados.

Aos amigos Devani Tomaz Domingues, Eva Aparecida Silva, Kênia Fabiana Cota Mendonça, Agnaldo Keiti Higuchi e Leonel de Oliveira Pinheiro pelas importantes contribuições.

Aos amigos e colegas da UFVJM e da UNIVALE pela ajuda e compreensão, em especial à Niusarte Virgínia Pinheiro e Catarina Ferreira da Conceição Silva.

A todos os entrevistados que cederam informações importantes e tornaram possível esta pesquisa.

“Empreendedores são responsáveis pelo desenvolvimento de uma empresa, de uma cidade, de uma região, enfim, pela construção de uma nação. O papel social talvez seja o mais importante que o empreendedor assume em toda a sua vida.”

Dornelas, 2008

RESUMO

Dentre os emigrantes internacionais que retornaram para a cidade de Teófilo Otoni, Minas Gerais, vários investiram no território, abriram negócios e melhoraram seus rendimentos. Esta dissertação estuda as condições em que esses indivíduos saíram do Brasil, viveram no exterior, juntaram dinheiro, retornaram e iniciaram seus empreendimentos no município, com o objetivo de apresentar as possibilidades e condições desses emigrantes se inserirem de forma positiva, através do empreendedorismo, na economia de Teófilo Otoni. A pesquisa se justifica pela necessidade de se avaliar a possibilidade de o empreendedorismo ser um meio de ascensão social para o emigrante, além de sua contribuição para o desenvolvimento econômico e social da localidade, tendo em vista as limitações do território. Quanto à metodologia, a pesquisa é não probabilística, qualitativa e quantitativa, com amostragem utilizando a técnica *bola de neve* e levantamento de dados realizado por entrevistas em três fases distintas, a saber: entrevista formal, com cinquenta e dois emigrantes internacionais que retornaram e investiram em Teófilo Otoni; entrevista em profundidade com quatro desses sujeitos, selecionados por serem considerados empreendedores bem sucedidos e entrevistas com representantes de instituições públicas e não governamentais responsáveis pela organização do território estudado. A conclusão obtida é que o empreendedorismo se apresenta como uma boa alternativa, tanto para os emigrantes quanto para o território. A maioria dos empreendedores teve relativo sucesso, já que seus negócios continuam funcionando, superando as dificuldades e constrangimentos encontrados. Os dados demonstram que, apesar do sucesso, os empreendedores precisam melhorar suas qualificações para potencializarem seus esforços e os investimentos realizados. É necessário e importante que o território, através das entidades que têm poder para organizá-lo, ofereça um ambiente mais propício, com mais oportunidades de capacitação, capitais de fomento etc. para desenvolvimento da economia e os indivíduos não precisem emigrar para adquirir o capital e a experiência necessários para abrir seus próprios negócios.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Migração internacional. Território.

ABSTRACT

Among the international migrants who returned to the city of Teófilo Otoni, Minas Gerais, many invested in the territory, opened businesses and improved their incomes. This dissertation studies the conditions under which these individuals left Brasil, lived abroad, collected money, returned and started their businesses in the city, aiming to present the possibilities and conditions of these emigrants were inserted in a positive way, through the entrepreneurship, in the economy of Teófilo Otoni. The research is justified by the need to evaluate the possibility of entrepreneurship as a mean of social mobility for the emigrant, besides its contribution to economic and social development of the locality, bearing in mind the limitations of the territory. Regarding methodology, the research is qualitative and quantitative, with nonprobability sampling using the snowball technique and data collection by interviews conducted in three phases, namely: formal interview with fifty two international migrants who returned and invested in Teófilo Otoni, in-depth interview with four of them, selected because they are considered successful entrepreneurs and interviews with representatives of public and non-governmental institutions responsible for organizing the territory studied. The conclusion is that entrepreneurship is presented as a good alternative, both for the emigrants as for the territory. Most entrepreneurs had relative success, because their businesses continue functioning, overcoming the difficulties and constraints encountered. The data demonstrated that, despite of success, the entrepreneurs need to improve their skills to potentialize their efforts and investments made. It is necessary and important that the territory, through the entities that have the power to organize it, provide a better environment with more training opportunities, venture capitals etc. for the development of the economy and the individuals do not need to emigrate to acquire the necessary capital and experience to open their own businesses.

Keywords: Entrepreneurship. International migration. Territory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Placa comemorativa pelo bicentenário de nascimento de Teófilo Otoni.....	32
Figura 2 - Ilustração sobre Teófilo Otoni e os indígenas	36
Mapa 1 - Capitânicas do Brasil em 1707 e 1789.....	25
Mapa 2 - Fluxos migratórios para o Vale do Mucuri.	39
Mapa 3 - Localização do município de Teófilo Otoni e das microrregiões dentro da mesorregião e do estado.....	40
Mapa 4 - Maiores fluxos e concentrações migratórias de brasileiros pelo mundo.....	54
Quadro 1 - Vozes de Minas - ciclos da economia de Minas Gerais.....	23
Quadro 2 - Características empreendedoras, segundo McClelland.....	82
Quadro 3 - Características empreendedoras, segundo Chiavenato.....	83
Quadro 4 - Demandas dos emigrantes retornados ao território	122
Quadro 5 - Demandas dos emigrantes para os empreendedores do território.....	123

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparação entre PIB, população e concentração de renda de Teófilo Otoni e outros municípios do estado de Minas Gerais	41
Tabela 2 - Comparação entre PIBs de Teófilo Otoni, MVM e estado de Minas Gerais no período de 1999 a 2008.	42
Tabela 3 - Participação dos setores econômicos no PIB do município de Teófilo Otoni	42
Tabela 4 - Comparação entre IDHM de Teófilo Otoni com outros municípios, estado e país.	44
Tabela 5 - Dados sobre sobrevivência e mortalidade de empresas no Brasil (SEBRAE, 2007)	88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos setores econômicos da MVM	43
Gráfico 2 - Distribuição dos setores na economia da MVM sem o município de Teófilo Otoni	43
Gráfico 3 - Evolução da população de Teófilo Otoni entre 1970 e 2010.....	47
Gráfico 4 - Atividade Empreendedora Inicial de 59 economias do mundo	86
Gráfico 5 - Fatores motivadores de reemigração para os EUA.....	91
Gráfico 6 - Distribuição dos níveis de escolaridade dos emigrantes antes de saírem do Brasil.....	102
Gráfico 7 - Distribuição das saídas dos emigrantes por ano.....	104
Gráfico 8 - Distribuição de frequência das idades da primeira emigração.....	104
Gráfico 9 - Atividades profissionais principais desenvolvidas pelos emigrantes no exterior.....	107
Gráfico 10 - Distribuição das atividades gerenciais exercidas pelos emigrantes no exterior.....	108
Gráfico 11 - Renda média mensal dos emigrantes no exterior, em US\$.....	108
Gráfico 12 - Condições de moradia dos emigrantes no exterior.	109
Gráfico 13 - Dificuldades enfrentadas pelos emigrantes no exterior.	110
Gráfico 14 - Anos dos retornos dos emigrantes	110
Gráfico 15 - Motivos para o retorno dos emigrantes a Teófilo Otoni	111
Gráfico 16 - Motivos da mudança de vida pela emigração	112
Gráfico 17 - Motivos pelos quais valeu a pena emigrar	112
Gráfico 18 - Distribuição dos investimentos dos emigrantes retornados no Brasil.....	114
Gráfico 19 - Plano de trabalho dos emigrantes após o retorno a Teófilo Otoni.....	116
Gráfico 20 - Estudos realizados pelos emigrantes no exterior	116
Gráfico 21 - Distribuição dos setores dos negócios iniciais dos emigrantes.....	117
Gráfico 22 - Fases dos negócios percebidas pelos emigrantes empreendedores.....	118
Gráfico 23 - Planos futuros dos empreendedores para seus negócios.....	121

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	O TERRITÓRIO ESTUDADO	14
2.1	CONCEITUANDO TERRITÓRIO	14
2.1.1	A territorialidade e suas dinâmicas.....	17
2.1.2	Espaço e Espacialidade.....	18
2.1.3	Região, regionalidade, regionalismo	20
2.1.4	Identidade e cultura territorial.....	21
2.2	FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO MUCURI	23
2.3	THEÓFILO BENEDICTO OTTONI E O SONHO DA PHILADÉLPHIA.....	27
2.3.1	O personagem histórico Teófilo Otoni.....	33
2.4	O PAPEL DA IMIGRAÇÃO NA FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO MUCURI	35
2.5	A CIDADE DE TEÓFILO OTONI ATUAL	40
3	A MIGRAÇÃO E O TERRITÓRIO.....	49
3.1	CARACTERÍSTICAS DOS MIGRANTES.....	50
3.2	MIGRAÇÃO NO BRASIL.....	53
3.3	TEORIAS QUE EXPLICAM A MIGRAÇÃO INTERNACIONAL.....	54
3.3.1	Teorias baseadas em fatores econômicos.....	55
3.3.2	Teorias baseadas em aspectos sociais.....	59
3.4	MOBILIDADE SOCIAL ATRAVÉS DA MIGRAÇÃO.....	67
3.5	IMPACTOS DA MIGRAÇÃO SOBRE TERRITÓRIOS E INDIVÍDUOS.....	70
3.5.1	Identidade do migrante	70
3.5.2	O retorno	74
4	EMPREENDEDORISMO	80
4.1	DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDOR	80
4.2	NASCIMENTO DO EMPREENDEDORISMO	83
4.3	EMPREENDEDORISMO NO BRASIL	87
4.4	PROBLEMAS DO EMIGRANTE EMPREENDEDOR.....	90
4.4.1	Empresas como territórios.....	91
5	METODOLOGIA DA PESQUISA	95
5.1	SUJEITO E LOCAL DE PESQUISA	96
5.2	DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	96
6	PERSPECTIVAS ECONÔMICAS DOS EMIGRANTES RETORNADOS ...	101
6.1	CARACTERIZANDO O EMIGRANTE DO TERRITÓRIO ESTUDADO	101
6.2	O EMIGRANTE EMPREENDEDOR.....	113
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
	REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	135
	GLOSSÁRIO	142
	APÊNDICES	143

1 INTRODUÇÃO

A emigração é um fenômeno presente em todo o mundo. No Brasil e, mais especificamente em Minas Gerais, seu estudo ganhou relevância devido aos fluxos que ocorreram para os países desenvolvidos, influenciando significativamente os territórios. A cidade de Teófilo Otoni, dentro deste contexto, tem seu cotidiano marcado por esses movimentos populacionais.

Este trabalho analisa o fenômeno do retorno dos emigrantes internacionais para esta cidade, destacando o empreendedorismo como forma de reinserção à sua vida produtiva, enfocando as condições existentes e necessárias para o sucesso do emigrante que se torna empreendedor após seu retorno. A questão que norteia este estudo é: *Quais são as possibilidades e as condições para o emigrante internacional retornado se inserir de forma positiva, através do empreendedorismo, na economia da cidade de Teófilo Otoni?*

A migração internacional produz transformações em dois territórios: no de destino e no de origem. Muitos estudos têm sido realizados sobre esse fenômeno no Brasil, um país que até os anos de 1960 era caracterizado como destino de emigrantes vindos de vários países do hemisfério norte. A mudança no sentido do fluxo, de um país receptor de mão de obra para exportador promoveu grandes modificações nos localidades de onde saíam esses brasileiros. Exemplos são as cidades de Governador Valadares – MG e Criciúma – SC que, dentre outras, foram temas de vários estudos¹ que demonstram o impacto desse movimento migratório em seus territórios.

A cidade de Teófilo Otoni constitui-se no *polo* político-administrativo da mesorregião do Vale do Rio Mucuri, geograficamente localizado no nordeste do estado de Minas Gerais. Por concentrar as atividades e poderes político-administrativos e econômicos dessa região, Chagas (1978) atribuiu-lhe a denominação de *Capital do Mucuri*.

Além dessa divisão territorial imposta pelo Estado, o município pertence a diversos outros territórios, dependendo do foco que se necessite trabalhar. Pela tradição comercial das atividades relacionadas à lavra, lapidação e comércio de gemas, por razões comerciais, ela se identifica como a *Capital das Pedras Preciosas*.

¹ Alguns autores que estudam a migração nesses territórios são: Amorim (2008), Assis (1996), Campos (2003), Fazito (2010), Franken (2008), Fusco (1998), Patarra (2005), Sasaki e Assis (2000), Silva (2008), Siqueira (2006, 2008, 2009), Soares (2002), dentre outros.

O território do Mucuri se caracteriza por baixos indicadores econômicos e sociais, apresentado Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) entre os mais baixos do país. A economia da região passou por um período de estagnação devido à decadência do comércio de pedras, provocada pela gradativa exaustão das lavras. Este contexto causou um grande fluxo de emigração interna e internacional nas últimas décadas. Porém, nenhum estudo específico sobre o fenômeno da migração internacional havia sido feito neste território anteriormente, o que motivou a confecção desta dissertação.

Estudos sobre a migração (Siqueira, 2006, 2008, 2009) demonstram que o desejo dos indivíduos é juntar dinheiro fora do seu país, mas que faz parte do projeto voltar ao mesmo território para investir e melhorar a sua renda. Vários emigrantes retornados conseguem atingir este objetivo através do empreendedorismo.

Em Teófilo Otoni vários emigrantes retornados buscaram se inserir no mercado através do empreendedorismo. O ato de empreender torna-se, então, um aspecto fundamental para os emigrantes, mas também para os territórios, tendo em vista que os sucessos dos negócios individualmente refletem em melhorias econômicas e sociais do local e da região.

Contudo, não é simples para um empreendedor montar um negócio e alcançar o sucesso. É bastante complexo compreender e dominar todas as dimensões relacionadas à gestão de um negócio. Variáveis relacionadas ao produto/serviço, mercado, leis, liderança de pessoas, alocação de recursos (financeiros, materiais etc.), planejamento, decisões etc. exigem o conhecimento de técnicas e ferramentas administrativas que muitos emigrantes não tiveram acesso. Além disso, o território estudado apresenta fatores desfavoráveis às iniciativas empreendedoras.

A metodologia adotada neste trabalho foi uma pesquisa quantitativa e qualitativa, utilizando amostra não probabilística com emigrantes internacionais retornados que empreenderam no município de Teófilo Otoni. Através de entrevistas formais com cinquenta e dois emigrantes empreendedores e quatro entrevistas em profundidade pôde-se traçar um perfil e conhecer as dificuldades enfrentadas por eles, tanto na migração como no ato de empreender.

Também foram feitas entrevistas com organizadores do território, que são instituições com o poder de modificar as condições do ambiente local, tornando-o mais favorável ao desenvolvimento dos pequenos negócios.

A coleta de dados foi feita por entrevistas baseadas em roteiros e o acesso aos sujeitos através do uso da técnica *bola de neve*, indicada para este tipo específico de população, que não pode ser oficialmente identificada.

Para compreensão dos fenômenos da migração e do empreendedorismo em um dado território, é necessário fundamentar estas categorias, explicando seus conceitos, propriedades e dinâmicas. É importante conhecer o território, contextualizá-lo, compreender sua formação, as forças que agiram e agem nele sobre os fatores: espacial, social, político, econômico etc., moldando-o na sua configuração atual.

O modelo territorial permite compreender melhor as estruturas existentes a partir da forma manifesta, seja nas relações sociais, nos processos produtivos, nas configurações do espaço, nos arranjos políticos, nos posicionamentos do Estado e dos diversos agentes econômicos, dentre outras.

Mas, o território não explica todas as variáveis envolvidas em um fenômeno complexo como a migração internacional. Faz-se necessário compreender também outros aspectos já muito estudados dentro dos domínios da Economia, Sociologia, Antropologia, dentre outros.

O texto está dividido em sete capítulos, incluindo esta introdução. O capítulo 2 apresenta uma revisão sobre conceitos fundamentais relacionados ao território e descreve a formação do território de Teófilo Otoni, inserido no Mucuri e em Minas Gerais, e os fatores que o levaram a ter a configuração atual.

O capítulo 3 descreve as principais teorias que explicam o fenômeno da migração internacional, explicando as motivações que levam os emigrantes a saírem do seu país natal, morar e trabalhar anos no exterior e retornarem.

Pontos fundamentais do empreendedorismo, relacionando-o à sua importância para o fortalecimento dos territórios locais e regionais diante das pressões homogeneizadoras da globalização são tratados no capítulo 4.

A metodologia utilizada na pesquisa de campo é descrita no capítulo 5 e a análise dos dados coletados no capítulo 6. A discussão e reflexão sobre os resultados serão feitas à luz das teorias visitadas nos capítulos iniciais, tentando aprofundar a compreensão sobre a emigração, o retorno e o empreendedorismo dentro do território de Teófilo Otoni.

No capítulo 7 são apresentadas as considerações finais, esboçando um fechamento da pesquisa visando, evidentemente, não esgotar o tema, mas fomentar a continuidade da discussão a partir dos dados levantados.

2 O TERRITÓRIO ESTUDADO

Este capítulo apresenta temas relacionados a território, espaço e identidade cultural. A intenção é estabelecer conceitos que irão coadunar com os demais na análise do objeto de estudo, quais sejam, emigração de retorno e empreendedorismo. Outro subitem deste capítulo é a formação do território Mucuri e o papel da migração na formação do mesmo. Por considerar que o território é um espaço que extrapola o geográfico, onde circulam pessoas, ideias, relações de poder e sociabilidade, torna-se importante a construção dessa reflexão para contextualizar a discussão do objeto central.

2.1 CONCEITUANDO TERRITÓRIO

Antes de analisar o fenômeno da migração no território, é necessário fundamentar o conceito de território, explicar suas categorias, propriedades e dinâmicas. É importante conhecer o território específico, contextualizá-lo, compreender sua formação, as forças que agiram e ainda agem nele, moldando-o na sua configuração atual.

Tradicionalmente, o conceito de território veio dos naturalistas que estudavam a territorialidade animal. Para os geógrafos, território é uma parcela do espaço definida por limites, que possui um sistema de leis e uma unidade de governo (MONKEN e BARCELOS, 2005).

Um dos primeiros a definir território foi Ratzel, na unificação alemã de 1871.

Território, para ele, é uma parcela da superfície terrestre apropriada por um grupo humano, coletividade esta que teria uma necessidade imperativa de um território com recursos naturais suficientes para sua população, recursos que seriam utilizados a partir das capacidades tecnológicas existentes. E, mais importante, o conceito de território ratzeliano tem por referencial o Estado (SCHNEIDER e TARTARUGA, 2005, p. 101).

Rafestan (1993) critica esta visão unidimensional do território. Ele explica território como uma formação que acontece, a partir de um espaço físico, definido pela apropriação física ou abstrata das pessoas. Para ele, a visão geográfica homogênea a sociedade porque ignora os contextos sócio-histórico e espaço-temporal, e complementa que a territorialidade pode ser definida por uma relação tridimensional sociedade – espaço – tempo. É nesses contextos sócio-histórico e espaço-temporal que os diversos atores se interligaram em incontáveis conexões, tecendo malhas ou redes de relacionamentos, que ele chama de sistema territorial. Esse sistema vê o território como um campo de poder balizado e modificado pelas

redes, circuitos e fluxos que nele se instalam (rodovias, estradas de ferro, circuitos comerciais e bancários, rotas aéreas etc.).

Gottmann, em *The significance of territory* (1973 apud Schneider e Tartaruga, 2005), coloca que o conceito de território evoluiu desde o final do século XX. Com as novas tecnologias, que trouxeram maior rapidez às comunicações e aos transportes, a percepção de território ganhou fluidez. A *sociedade em rede*² acelerou a globalização, encolheu o mundo, acabou com as fronteiras e encurtou as distâncias. Com isso as dimensões circulação e relação ganham nova importância. Nas dimensões espacial e temporal acontece a circulação de pessoas e mercadorias em escala planetária, criando novas relações entre os países, repercutindo em novas configurações territoriais.

A análise territorial oferece uma forma diferenciada de visualizar as relações existentes dentro de uma combinação espaço/tempo específica. É uma nova forma de estruturar a realidade sob o ponto de vista das forças que atuam em um espaço físico. Este “novo território” é muito mais abrangente conceitualmente e, ao mesmo tempo, mais detalhista, por apresentar uma maior variedade de propriedades.

[...] pode-se falar em abordagem, enfoque ou perspectiva territorial quando se pretende referir a um modo de tratar fenômenos, processos, situações e contextos que ocorrem em um determinado espaço (que pode ser demarcado ou delimitado por atributos físicos, naturais, políticos ou outros) sobre o qual se produzem e se transformam (SCHNEIDER e TARTARUGA, 2005, p. 107).

Alguns autores, Claude Raffestin, Milton Santos, Régério Haesbaert, Sergio Schneider, Bertha Becker dentre outros, esforçam-se para quebrar a visão puramente positivista e cartesiana buscando refletir sobre o lado simbólico do território, que está relacionado com o tempo, a história, a cultura, o poder etc. Essa visão mais atual se expande, rompendo as fronteiras epistemológicas, permeando as mais diversas áreas do conhecimento, lançando o território na base de vários estudos multidisciplinares.

Eles demonstram a multiplicidade dimensional na análise territorial, em categorias diversas que se relacionam com o território: espaço, espacialidade, região, fronteiras, sociedade, local, lugar, paisagem, ambiente, Estado, política, governo, nação, população, migração, língua, religião, etnias, nodosidade, centralidade, marginalidade, regionalidade, regionalismo, redes, recursos, atores, trunfos, resistência, influência, autoridade, espaço-

² O termo “sociedade em rede” foi descrito por Castells definindo um novo paradigma de organização social em que as relações econômicas, sociais, de trabalho etc. são realizadas em uma rede global, alterando a nossa percepção de tempo e espaço.

tempo relacional, territorialidade, territorialização, desterritorialização, reterritorialização, dentre outras.

Para Santos (1988) o uso conceitual do território pelos diversos cientistas que lidam com o espaço: economistas, sociólogos, etnólogos, politicólogos, historiadores, demógrafos etc. retirou a exclusividade dos geógrafos e lhes criou uma ameaça.

A visão territorial passou a ser, nos últimos anos, a referência para o planejamento e a atuação dos poderes público e privado, devido à sua característica interdisciplinar, conferindo-lhes maior abrangência e efetividade. Ela tem a capacidade de descrever melhor a realidade, extrapolando o mero particionamento espacial do mundo.

O território deve ser gerido sob uma visão sistêmica. Monken e Barcellos (2005) se referem a Santos (1988) para demonstrar isso.

Com a técnica – conceito-chave da obra de Santos –, o indivíduo em sociedade forma um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. Essa concepção de espaço leva em conta todos os objetos existentes numa extensão contínua, supondo a co-existência desses objetos como sistemas e não apenas como coleções: a utilidade atual dos objetos, passada ou futura, vem exatamente do seu uso combinado pelos grupos humanos que os criaram ou que os herdaram das gerações anteriores (MONKEN e BARCELLOS, 2005, p. 4).

Assim como a visão sistêmica criou novos paradigmas descritivos nas ciências, em geral, a visão territorial criou um arcabouço conceitual para auxiliar nos planejamentos, nas pesquisas, e em tudo mais que trabalhe com a dimensão espacial, sem deixar de lado a dimensão temporal. É a evolução de um modelo mecanicista cartesiano que analisa regiões sob óticas restritas para uma visão holística, sistêmica, ambiental.

Santos (2006) explica que a ação humana no território não é puramente racional e enfatiza a noção do território composto por aspectos abstratos e concretos, mas alertando que estes últimos não podem ser relegados.

Apenas, o espaço é um misto, um híbrido, formado como já o dissemos, da união indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Os sistemas de objetos, o espaço-materialidade, formam as configurações territoriais, onde a ação dos sujeitos, ação racional ou não, vem instalar-se para criar um espaço. Este espaço – o espaço geográfico – é mais que o espaço social dos sociólogos porque também inclui a materialidade (SANTOS, 2006, p. 199).

Castells (2005, p. 512) explica que a sociedade contemporânea está organizada em *espaços de fluxos* e *espaços de lugares*. Para ele “um lugar é um local cuja forma, função e significado são independentes dentro das fronteiras da contiguidade física”. Porém, a função e o poder estão organizados em espaços de fluxo, e alteram a dinâmica e o significado dos lugares, isto é, onde as pessoas moram.

Para Santos (1988) a evolução científica e tecnológica causou a especialização funcional das áreas e lugares, causando o aumento das cidades grandes e médias e a estagnação e desaparecimento das pequenas. A diversificação e o barateamento dos transportes criou um aumento do fluxo de pessoas e mercadorias entre cidades e regiões, aumentando a importância das trocas.

Uma comunidade não é um lugar, mas está contida nele. Algumas comunidades podem conviver em um mesmo lugar sem se relacionarem diretamente, mas com uma interação diária em um ambiente físico. Esses lugares são alterados, por exemplo, pela concentração de populações de etnias diferentes, formando bairros ou enclaves étnicos. Nesses territórios, há a sobreposição de lugares e comunidades.

Na pós-modernidade, o território torna-se mais mutante, flexível, as sensações de espaço e tempo não são mais as mesmas. Os territórios podem ser de tamanhos variados, sobrepostos, contíguos, simultâneos, concretos, psicológicos, virtuais etc. As fronteiras são menos definidas e o poder mais disperso.

Território é espaço coletivo e, por isso mesmo, é tecido por relações, que visam resolver “o problema fundamental da repartição das coisas entre os seres humanos” (RAFFESTIN, 1993, p. 34). Essas relações podem ser unilaterais, bilaterais ou multilaterais, simétricas ou dissimétricas. Mas, essas classificações são teóricas, pois na maioria dos casos elas são multilaterais e dissimétricas.

As relações são criadas pelos atores e por suas políticas, que são as estratégias que estes utilizam para atingir seus fins. Em todo processo relacional, devido à assimetria inerente a eles, existe um componente fundamental que é o poder (RAFFESTIN, 1993).

O poder econômico, gradualmente, está se sobrepondo ao político, ao qual interessa “dividir para reinar”, criando disjunções e evitando a difusão, para conseguir manter o controle centralizado. Mas, o poder econômico quer um território isotrópico, sem obstáculos, que facilite a difusão e permita mudanças rápidas. Raffestin (1993) complementa que existem inúmeros poderes em escala inferiores e superiores ao Estado. Este autor confronta o conceito de zona com o de fronteira. Segundo ele fronteira está relacionada aos aspectos administrativo e político que, pela sua natureza, são mais estáticos e determinados; enquanto zona se relaciona com o econômico que é mais dinâmico, flexível e indefinido.

2.1.1 A territorialidade e suas dinâmicas

A territorialidade está ligada à dinâmica de apropriação do território e seus recursos, o que está diretamente ligado ao poder. Para Sack (1986) a territorialidade está ligada a um

espaço geográfico, utilizado pelos humanos através de estratégias para controlá-lo, com a finalidade de afetar, influenciar ou controlar recursos, pessoas, fenômenos e relações. Nessa visão territorialidade está intimamente ligada ao conceito de poder sobre o território como, por exemplo, quando uma autoridade define limites (fronteiras) para moldar, influenciar e controlar atividades e acessos.

Para Soja (*apud* Raffestin, 1993, p. 162) “a territorialidade [...] seria composta de três elementos: senso de identidade espacial, senso de exclusividade, compartimentação da interação humana no espaço”. Raffestin (1993, p. 160) complementa que “Territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo, em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema”.

O termo “territorialização” é muito recente, segundo Haesbaert (2006, p.21). É “derivado do verbo territorializar, que significa tornar territorial, situar em bases territoriais, ou ainda associar a um território ou distrito particular”.

Para Raffestin (1993) pode ocorrer de duas formas: a territorialização passiva, onde ocorre, por exemplo, o consumo de bens culturais, caso em que encontram-se os atores paradigmáticos; ou a territorialização ativa, deslocamento físico, conexão às redes, realizados pelos atores sintagmáticos que são aqueles que realizam algum programa (ação).

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao apropriar de um espaço concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

2.1.2 Espaço e Espacialidade

“O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas” (SANTOS, 1988, p. 7).

A relação entre território e espaço é muito próxima, pois é no espaço que se organiza o *campo operatório* de qualquer sociedade ou grupo de indivíduos, é onde ocorrem as interações políticas, econômicas, sociais e culturais. O território se expressa na dimensão espacial, mas é muito mais do que isso, pois possui as dimensões temporal, psicológica e econômica.

De fato, a variável espacial passou a obter grande destaque e ser apontada por alguns estudiosos como de fundamental relevância para se compreender o dinamismo de determinadas regiões e suas relações com o desempenho dos atores e das instituições. Esse dinamismo é explicado com base na idéia de que a maior proximidade dos atores que atuam em determinado espaço geraria ações coletivas e cooperadas (troca de experiências, redes de colaboração) que ampliariam a espessura e a densidade das relações sociais e,

como consequência, favoreceriam o surgimento de oportunidades inovadoras de desenvolvimento (SCHNEIDER e TARTARUGA, 2005, p. 100).

As ações organizadas espacialmente são a “produção territorial” e interferem na tessitura, nó e rede. Explicando melhor, os nós são os atores do território e as relações que são criadas entre eles são representadas por linhas formando redes, que, devido à multiplicidade de ligações, tecem malhas. “O poder constrói malhas nas superfícies do sistema territorial para delimitar campos operatórios” (RAFFESTIN, 1993, p. 149).

E as relações de produção revelam as relações de poder. Este poder aparece também na noção de limite territorial (e delimitação por consequência), que é a manifestação do poder em uma área precisa, exprime o domínio de uma porção de espaço por um grupo. Delimitar é isolar, tecer malhas e “a forma mais elementar da produção de território” (RAFFESTIN, 1993, p. 153).

O espaço é, de certa forma, "dado" como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. "Local" de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente, o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Muitas vezes o espaço é utilizado de forma meramente administrativa, para a gestão física de alguma especialidade (saúde, segurança, educação etc.). Isso prejudica a visão holística, já que resume a uma única dimensão e especialização (espaço da saúde, por exemplo). Essa talvez seja a explicação das dificuldades históricas do Estado em lidar com as relações tão complexas que existem no âmbito territorial. Uma nova visão integrada do território torna-se fundamental.

É necessário diferenciar imagem de estrutura. As imagens (redes urbanas de uma cidade, por exemplo) exprimem uma estruturação do modelo (distribuição populacional, por exemplo) orientado por objetivos e ações econômicas, políticas, sociais e culturais. Dessa forma, elas explicitam as relações de produção e de poder, dentro da hierarquia: Estado, organizações e indivíduos. “Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem ‘territórios’ ” (RAFFESTIN, 1993, p. 152).

Redes são imagens e instrumentos de poder porque podem assegurar a comunicação de alguns ou impedir a comunicação de outros. Este é o paradoxo do sistema territorial: “tessituras, nodosidades e redes criam vizinhanças, acessos, convergências, mas também disjunções, rupturas e distanciamentos” (RAFFESTIN, 1993, p. 161).

A tessitura pode otimizar o uso do território pelo grupo (tessitura *desejada*) ou otimizar o controle do grupo no território (tessitura *suportada*). Resumindo a tessitura ou limites definem a área de exercício ou de capacidade dos poderes. “As tessituras se superpõem, se cortam e se recortam” dependendo da atividade: econômica, cultural etc. (RAFFESTAN, 1993, p.154).

2.1.3 Região, regionalidade, regionalismo

O conceito de região é mais difícil de determinar, tendo em vista que, para sua caracterização, existe a necessidade de certa homogeneidade sobre vários aspectos: social, econômica, política, formação histórico/econômica, comportamentos sociais, relevo etc. dentro de sua dimensão espacial ou territorial. Porém, não existe homogeneidade absoluta, mas um conjunto de fatores que devem ser semelhantes para que se possa definir como região.

Santos (2006) explica que o desenvolvimento e conformação dos territórios ocorre de forma heterogênea, devido às suas feições naturais, seus processos sociais (formas herdadas), que hoje definem a divisão territorial do trabalho, mas também pelas formas artificiais (meio ambiente construído), principalmente após a inclusão de *objetos técnicos*.

A análise regional deve ressaltar as particularidades que diferenciam regiões, mas a ideia de homogeneidade não deve existir. A busca pela igualdade não deve ser para a homogeneização social, cultural etc., mas para a justiça social.

As regiões político-administrativas (e seus limites) são mais bem definidas e duradouras, e quase nunca coincidem com as regiões econômicas, que são mais dinâmicas e se adaptam mais rapidamente às conjunturas (lembrando o conceito mais amplo de região).

Apesar da evolução para o enfoque territorial, região ainda é uma divisão geográfica muito utilizada instrumentalmente por organizações, políticos e militares. Regiões são recortes feitos de acordo com o interesse de quem vai atuar nela. Uma empresa define a região por rota de atendimento, o governo para organizar a descentralização administrativa, culturalmente a região é uma entidade simbólica que cria uma identidade regional e, com ela, a noção de pertencimento. Administrativamente, os governos usam, hoje, os conceitos de microrregião, mesorregião e macrorregião. Mesmo dentre essas organizações, trabalhar sob a ótica do território tem se tornando mais interessante do que a lógica da região.

O regionalismo, assim como região, é um conceito um tanto ambíguo. Interessa-nos o aspecto ligado às instituições e práticas culturais que distinguem grupos regionais. Neste caso, aspectos culturais do regionalismo (língua, grupos de parentescos, afinidades religiosas, ritos

de nascimento, morte e mudança de vida, hábitos de relações sociais ou relacionamentos com o ambiente) são importantes para a noção de identidade, cultura e pertencimento. Essas instituições e práticas criam também resistências a mudanças diante do novo. O regionalismo fomenta o enraizamento, uma ligação forte do indivíduo com o seu lugar.

Um sentimento de pertencimento regional é comum aos nativos dos vales do Jequitinhonha e Mucuri. Isso pode ser visto em frases como “*sou do vale*” (e não é necessário identificá-lo, como se fosse único existente) ou “*eu saí do vale, mas o vale não saiu de mim*” (normalmente utilizado pelo que emigraram). O emigrante tem sempre o sonho de voltar ao seu local, mantendo-o inalterado na sua memória. Por isso, ocorre o impacto, o estranhamento quando ele retorna e percebe que o local faz parte de um território e que ele mudou.

2.1.4 Identidade e cultura territorial

Este trabalho não pretende explorar todos os conceitos relacionados à identidade, pois possui grande diversidade conceitual, seja na Psicologia, Antropologia, Filosofia e Sociologia, e é nesta última que irá se concentrar. Limitar-se-á apenas àquelas que influem sobre os sujeitos estudados, com o intuito de clarear a compreensão do fenômeno.

Será usada a revisão teórica de Maraschi (2006) para descrever, minimamente, identidade. Na concepção sociológica identidade é produto da socialização e garantida pela individualização e é na articulação entre o individual e o social que a identidade é construída. Identidade está relacionada aos aspectos subjetivos dos indivíduos, o reconhecimento de um “eu”, de uma autoconsciência ou autoimagem, de um sentimento de unicidade e durabilidade. A identidade é composta por aspectos pessoais e sociais, construída na articulação entre o indivíduo e o grupo sendo, então, moldada pela cultura.

Ela possui uma dupla visão, intrínseca, de semelhança e diferença com relação ao outro, ao grupo social. Esse duplo olhar é necessário, pois não há como identificar o semelhante sem reconhecer o diferente. Então, a identidade é coletiva, com um sentido de pertencimento a um grupo com o qual se tem atributos semelhantes e ao mesmo tempo de alteridade, de estranhamento, de contraste com o diferente. Ela é a ligação entre o “eu” e o “outro”, por identificação criando o “nós”, e pela diferença definindo o “eles”.

Costa (2002) define identidade cultural como uma experiência social que impregna os indivíduos na busca de construir traços culturais comuns entre si. Neste caso o processo é mais importante que o resultado. A identidade cultural possui uma forte base territorial.

Visão semelhante é a de Santos (1994) para quem as identidades culturais combinam o próprio e o alheio, o individual e o coletivo, a tradição e a modernidade. Mas, elas não são

rígidas – nem as identidades mais sólidas como as de gênero, nacionalidade ou continentalidade –, são mutáveis, transitórias, num processo de negociação de sentidos, são identificações em curso (SANTOS, 1994).

Identidades individuais e coletivas podem ser desterritorializadas e reterritorializadas. Por isso, os territórios resistem, tentam manter suas tradições, que se originaram de um processo histórico, que pode ser recente ou mais antigo, desde a sua formação.

Desterritorializar, mais do que retirar alguém do seu território (local físico), é fazê-lo perder a noção de seu espaço (próprio ou apropriado) e o sentimento de pertencimento. Esse fenômeno pode causar um grande impacto na identidade do indivíduo, por vezes irreparável. O sentimento de pertença provém da confiança adquirida no outro, na vida comunal, e é uma necessidade fundamental para a integridade e autenticidade do ser (GIDDENS, 1991). “Em certos casos, desterritorializar significa dissolver ou deslocar o espaço e o tempo, o que pode implicar na perda de algumas determinações essenciais. No empenho de abstrair, codificar ou taquigrafar, provocando a dissolução do real” (IANNI, 1998, p. 98).

A pós-modernidade trouxe maiores facilidades de comunicação e transporte, aumentando o dinamismo na utilização dos territórios, tanto na apropriação quanto nos fluxos que ocorrem no mesmo. A coexistência de vários territórios em um mesmo espaço e tempo pode tornar o ser humano confuso, ambíguo e ambivalente. Ele tenta buscar novos significados para vida. O novo homem, da era pós-moderna, tem que adaptar sua identidade para cada território em que transita. Atualmente, muda-se com muita frequência de emprego, profissão, carreira, cidade, casa, família etc.

Campos (2003) explica que a identidade cultural de uma cidade é seu maior patrimônio, e faz questionamentos sobre sua dinâmica. Ela seria naturalmente constituída pelas etnias que compuseram a formação do território, historicamente? Ela poderia ser artificialmente criada pelos diversos organizadores políticos do município? Ou ainda, ela sofreria grande influência dos emigrantes que estão no exterior? Para ele, “isto é importante ser considerado, especialmente no momento contemporâneo em que cada vez mais o que se faz presente são signos de identificação e não sistemas de identidades herméticos” (CAMPOS, 2003, p. 78).

É possível compreender a angústia gerada por essa fragmentação, que se deve aos processos sociais que acontecem dentro dos territórios. Angústia maior e mais recente vem da tentativa de homogeneização cultural do mundo, causada pela globalização, que tenta impor a cultura ocidental capitalista em todos os territórios do planeta.

Ianni (1998) explica que antes mercados eram invadidos por mercadorias, mas agora culturas inteiras são invadidas por informações, entretenimentos e ideias. A instantaneidade dissolve fronteiras, desenraiza coisas, gentes e ideias, formando linguagens globais, pasteurizando a produção, as mercadorias, mas também os públicos, pela homogeneização de padrões, estilos, linguagens, modas ou ondas.

Diante do exposto, percebe-se que o território é um dos pontos de referência cultural e identitário das pessoas, local ao qual pertencem, onde as ações acontecem e, devido a elas, são modificados para novas configurações. Esta dinâmica cria a uma inserção temporal e social na concepção puramente espacial. As redes sociais são tecidas dentro e para fora dos territórios, permitindo os fluxos internos e entre eles, criando a mobilidade humana, dentre outras. Como *espaços de lugares* os territórios enraízam as pessoas, como *espaços de fluxo* eles fomentam a mobilidade. Os dois efeitos são importantes para a compreensão da emigração e a necessidade do retorno. Mas, as relações de poder nos territórios são dissimétricas, o que cria uma série de dificuldades a serem enfrentadas pelos emigrantes e pelos empreendedores.

2.2 FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO MUCURI

Compreender a situação atual do município de Teófilo Otoni é bem mais fácil pela visão territorial adotada nesse estudo. Inicialmente, será descrita a formação dos territórios maiores (estado e região), nos quais ele está contido.

A ocupação do território mineiro ocorreu em três períodos, de acordo com Carvalho (2005), que criou a metáfora das *Vozes de Minas* para descrevê-los. O Quadro 1 resume a descrição encontrada no texto de Carvalho (2005). Na *Voz do Ouro* fortunas eram criadas instantaneamente, mas acabavam com a mesma velocidade. Pode-se observar que Teófilo Otoni aparece como um dos principais agentes de luta pela liberdade dessa época.

Voz	Época	Palavra chave	Principais nomes	Transporte	Características	Tonalidade
Ouro	Solitária até metade do século XIX	Liberdade	Felipe dos Santos, Tiradentes, Teófilo Otoni	Tropeiros	Economia do ouro, mineradora, urbana caótica, rebelde	<i>Vibrato fortissimo</i>
Terra	Predominou por cem anos a partir da metade do século XIX	Tradição	Silviano Brandão, Bias Fortes	Vagões	Economia rural (agrícola e pecuária), conservadora, ordeira, equilibrada, familiarística	Baixa, <i>pianissima</i>
Ferro	Em trio, a partir da metade do século XX	Progresso	Israel Pinheiro, Juscelino Kubichek, João Pinheiro, Milton Campos, Tancredo Neves	Caminhões	Economia siderúrgica, indústrias pesadas, cidades industriais, tecnologia e progresso	<i>Ma non troppo</i>

Quadro 1 - Vozes de Minas - ciclos da economia de Minas Gerais

Fonte: Resumo do autor a partir de Carvalho (2005).

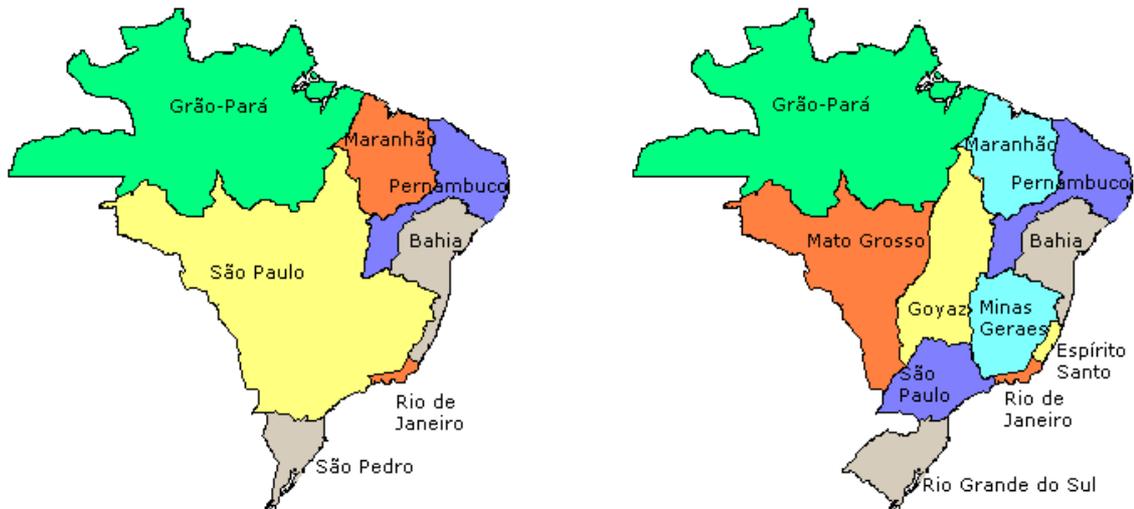
A ocupação do centro do estado de Minas ocorreu em dois sentidos: da Bahia, pela expansão da pecuária para o sul e de São Paulo, pela subida da cafeicultura para o norte (CARVALHO, 2005).

A dinâmica de devassamento do território das Gerais aconteceu através dos cursos d'água. No início eram expedições predatórias, despovoadoras, com a extração do ouro de aluvião, nas margens dos rios. Houve o grupo de Pandia Calógeras que saiu da baía da Guanabara em 1531, subindo pelo vale do Paraíba e, em 1554, o de Brás Espinhosa partiu de Porto Seguro, subindo até a nascente do Jequitinhonha e depois até a cabeceira do São Francisco. Martim de Carvalho, a partir de 1567, esquadrinhou o curso do Jequitinhonha e suas ligações com as bacias do Doce, Mucuri e São Mateus. Sebastião Fernandes Tourinho embrenhou-se pela mata desde Porto Seguro até o Rio de Janeiro.

Posteriormente veio o bandeirismo pesquisador, que buscava as nascentes nas serras para encontrar os metais e pedras preciosas. Mercadante (1973) descreve o desbravamento feito pelos bandeirantes do Sertão do Leste, região que engloba as regiões sul (Zona da Mata), central e nordeste do estado de Minas Gerais. Os caminhos da ocupação eram os cursos dos rios das Velhas, Paraíba, Jequitinhonha, São Francisco, Mucuri, São Mateus, Doce e outros. Os locais de pouso tornaram-se povoados, sesmarias e cidades.

A capitania de São Paulo e Minas do Ouro, criada em 1709, foi dividida, dando origem à capitania de Minas Gerais (RENGER e MACHADO, s.d.). A proposta feita pelo Governador D. Brás Baltasar da Silveira em 1714 (MERCADANTE, 1973) só foi realizada por D. João V em 1720, após a revolta de Vila Rica (MINISTÉRIO DA FAZENDA, 2008). Deram origem às quatro comarcas: Vila Rica de Ouro Preto; Vila Real de Sabará; Rio das Mortes (São João del Rei); e Serro Frio. (MERCADANTE, 1973). A divisão territorial de Mato Grosso e Goiás ocorreu em 1748 (RODRIGUES, s.d.).

O Mapa 1 apresenta dois momentos na divisão territorial do país, o primeiro antes e o segundo após a criação da Capitania das Minas do Ouro, posteriormente nomeada Minas Gerais.



Mapa 1 - Capitanias do Brasil em 1707 e 1789.

Fonte: Sociedade Educacional Palma (<http://projeto-paraisopolis.blogspot.com>)

Os sertões do leste – na definição de Mercadante (1973) – ou a região leste do estado de Minas foi a última a ser desbravada pelos homens brancos na parte sudeste do país. À coroa não interessava a diversidade de rotas para evitar o descaminho (tráfico) do ouro. Essas florestas, denominadas “áreas proibidas”, evitavam a ação dos sonegadores.

Durante a ocupação, os índios surgiam como um obstáculo. Os forasteiros usavam a aguardente para quebrar o gelo no relacionamento com os aborígenes, e esses estariam extintos em menos de cem anos.

A queda da produção de ouro, a partir de 1760, transfere a pujança econômica para a produção agrícola na Zona da Mata e no sul do estado, que começam a se destacar em 1820. A população urbana se desloca para os campos. A exaustão das lavras empobreceu o estado de Minas e sua capital, Vila Rica. Os mineiros levaram 20 anos para desistir da extração, mesmo tendo chegado a uma condição de miséria e promiscuidade. Iniciou-se a criação de gado, agricultura de cereais, cana, fumo, algodão etc.

Em torno de 1780, com o governador Luís da Cunha Meneses a metrópole relaxou o controle sobre os Sertões do Leste. Nessa região predominava a agropecuária, mas era isolada da corte. Também fica isolada a Comarca do Serro Frio, por ter demorado a mudar seu ciclo econômico e por seus meios de acesso e comunicação precários, apenas pela Estrada Real.

No fim do século XVIII é que o crescimento demográfico volta a ocorrer e o acesso à Zona da Mata passa a ser feito pelo Rio Doce. Depois veio o surto cafeeiro. Na segunda metade do século XIX os filhos e netos voltam a Minas pelo Paraíba, trazendo os negros, depois do empobrecimento do solo fluminense para o café (MERCADANTE, 1973).

A importância das regiões da capitania se alternou com o tempo. Inicialmente, Vila Rica (cidade dos sobrados) torna-se a mais importante cidade das Américas (mais até que o Rio de Janeiro), depois São João Del Rei e finalmente Juiz de Fora, com a imigração e a primeira hidroelétrica da América do Sul (1880).

O Rio Mucuri não aparecia nos mapas até que seus dados fossem levantados pelo engenheiro Pedro Victor Renault (ou Pierre Victor Renault, segundo Gama, 2004), contratado pelo presidente da província em 1836 (MIRANDA, 2007). Seu relatório, datado de 02/04/1837, relata a aventura suicida que empreendeu com seu pequeno pelotão pelo *Mokury* (nome indígena, Mó = vá, Kury = lavar), navegando o rio desde Minas Novas até sua foz (GAMA, 2004), passando pelos ataques dos Nak-Nanuks e Jiporocas (RENAULT, 1837). O objetivo da missão de Renault era a instalação da Colônia Militar do Urucu, de degregados e vagabundos (BENTO, 2006).

Os escravos eram uma mercadoria muito cara e Minas era o maior mercado comprador. Após a proibição do tráfico negreiro eles passaram a vir do nordeste. Nas regiões dos vales dos rios Mucuri e Doce o trabalho escravo foi menos preponderante, com o “embranquecimento” ocorrido com a imigração europeia.

Pesquisadores historiográficos definem dois marcos que caracterizaram a geo-história da bacia do Mucuri: o primeiro e mais importante foi o período que compreende a atuação da Companhia do Mucuri e o segundo corresponde à instalação da Estrada de Ferro Bahia e Minas (IDENE, 2008). A EFBM ligava o porto de Caravelas, no sul da Bahia, à cidade de Araçuaí passando pelos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, mas foi desativada em 1966, pelo governo militar.

Bento (2006) compara o sucesso dos dois empreendimentos.

A EFBM consegue chegar mais longe que a CCNM, na medida em que esta chegou a Alto dos Bois e a outra consegue adentrar mais o Jequitinhonha, chega ao Calhau, a Araçuaí, ganha também na longevidade da existência física, antes de chegar em definitivo ao imaginário. A primeira começa e termina suas ações em pouco mais de uma década, de 1847 a 1862, a EFBM persiste de 1880 até o século passado, o XX, em 1966, mas não resiste ao regime militar (BENTO, 2006, p. 123)

Não existem muitos estudos relacionados à formação do território Mucuri e do município de Teófilo Otoni. Os trabalhos mais relevantes giram em torno da biografia de Teófilo Otoni, da Companhia de Navegação do Mucuri, até a criação da Filadélfia.

A falta de estudos que abarquem definitiva e completamente o Vale do Mucuri é um grande entrave dos trabalhos cujo objetivo seja o estudo da identidade e perscrute o mais profundo do imaginário popular (BENTO, 2006).

A cidade de Teófilo Otoni sofre de um grande atraso, em termos de ciclos econômicos, com relação à história do estado. Ela foi criada sob a égide da *Voz do Ouro*, segundo a metáfora de Carvalho (2005), e a atividade extrativista ainda está muito viva nas mentes das pessoas, mesmo não sendo predominante, como no passado. O extrativismo só trouxe concentração de renda, mas não investimentos produtivos nem riqueza ao território. Hoje em dia, a região se encontra na Voz da Terra, pois sua economia agrária é bem desenvolvida. Porém, a industrialização é ainda muito incipiente. Apesar de o território ter iniciado sua conformação dentro de um ideal revolucionário, todo ele se perdeu com o tempo, ou, de outro modo, se mantiveram no tempo as ideias que já não fazem mais sentido. Não houve evolução. A estagnação econômica é reflexo da estagnação política.

2.3 THEÓPHILO BENEDICTO OTTONI E O SONHO DA PHILADÉLPHIA

Não há como falar do Território Mucuri e da cidade de Teófilo Otoni sem falar de Theóphilo Benedicto Ottoni, seu idealizador e fundador. Homem público, comerciante e empreendedor. Considerando os relatos dos historiadores, ele era uma figura histórica surpreendente pela sua inteligência, articulação, coerência, convicção, persistência e idealismo. “Tarefa difícil, no entanto, é separar o homem histórico de sua figuração mitológica” (ARAUJO, 2007, p. 15).

Migração, política e empreendedorismo estiveram sempre presentes na vida desse homem de personalidade pragmática e franca. Talvez tenham sido essas características que possibilitaram a ele empreender um projeto de tal porte, como foi a construção da cidade de Filadélfia (atual Teófilo Otoni) e da estrada que a ligaria ao mar, em pleno século XIX, em uma região inóspita, de mata inexplorada pelo homem branco.

Desde o início, a história da família Ottoni foi marcada pela luta política e pela migração. O primeiro Ottoni no Brasil foi o genovês Manoel Ottoni, que após ter se asilado em Portugal por razões políticas, veio para o Brasil e se instalou em São Paulo, com o filho Jorge Benedito Ottoni em 1724. Jorge seria, mais tarde, pai do primeiro Ottoni brasileiro, Manoel Vieira Ottoni, que seria avô de Teófilo. Manoel se casou e mudou para o Serro onde teve família numerosa. Um de seus filhos, Jorge (neto) se casou com Rosália e, entre os onze filhos que tiveram Teófilo e outros três irmãos (Honório, Christiano e Jorge) se destacaram, por terem ido para o Rio de Janeiro para estudar na Marinha (MIRANDA, 2007).

Jorge Benedito Ottoni já era um liberal, lutava pela independência e foi o primeiro Ottoni na vida política, tendo sido vereador no Senado Municipal e depois Presidente da

Câmara Municipal do Serro. As câmaras das vilas coloniais reuniam as funções do Executivo, Legislativo e Judiciário.

Teófilo Benedito Otoni nasceu em 27 de novembro de 1807, na cidade do Serro e cresceu em ambiente familiar revolucionário, promovido pela influência de seu pai, mas também do tio José Eloy, poeta letrado que também se envolveu na política e na luta pela independência. Além disso, ele cresceu em ambiente de admiração pela ideologia da revolução e independência americana e pelas ideias de Thomas Jefferson.

A visão democrática de Teófilo Otoni fica bem clara na sua circular dedicada aos eleitores e senadores da província de Minas Gerais: “uma democracia pacífica, a democracia da classe média, a democracia da gravata lavada, que, com o mesmo asco, repele o despotismo das turbas ou a tirania de um só” (MIRANDA, 2007, p. 58). Com este ideal de luta contra o império, lançou, no dia 4 de setembro de 1830, o primeiro número do jornal “Sentinela do Serro”.

Vibrante e revolucionária, escrita com veemência, a *Sentinela do Serro* ultrapassa a projeção provinciana e repercute na Corte. [...] Avançado, perigosamente, a *Sentinela do Serro*, ultrademocrático, proclama as excelências do regime republicano. Investe agressiva e insolente contra a tirania (CHAGAS, 1978, p. 29).

Segundo Miranda (2010), a consciência democrática que dominava a mentalidade do povo do Serro era algo muito avançado para aquela época e envolvia brancos, pobres, negros, pardos e mulheres.

Durante sua vida política, Teófilo teve proximidade com ambas as posições existentes na época – os partidos Conservador e Liberal –, mas acabou por assumir uma postura independente. Pela independência de sua postura política seu jornal desagradou a ambas as facções. Os historiadores têm dificuldade em classificá-lo como exaltado ou moderado. Sua posição era a de lutar contra os conservadores que dominavam a Câmara, o Senado vitalício e a imprensa, enquanto houvesse governos regenciais.

Teófilo Otoni participou da revolução de 1842 e, na batalha final que aconteceu na cidade de Santa Luzia, Minas Gerais, havia 3000 revolucionários, sob seu comando. Após a morte de 70 homens e temendo mais derramamento de sangue, Teófilo e os demais líderes se entregaram. Eles foram presos e enviados a Ouro Preto. Ao ser levado a júri, após dezesseis meses de encarceramento, Otoni se defendeu sem advogado e foi absolvido por unanimidade, demonstrando grande domínio do Direito e da História.

Mas, ele não foi apenas político. Como empreendedor teve uma loja de tecidos com o irmão Honório, foi presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro (Associação da

Praça do Comércio) e também presidente do Montepio Geral (precursor da atual Previdência) saneando-o e salvando-o da insolvência. Junto com Mauá (Irineu Evangelista de Sousa) reabriu o Banco do Brasil, quebrado pelo Primeiro Reinado.

Embora em algumas passagens de seus escritos ainda seja encontrada a clássica oposição entre os mundos do trabalho e da política, sua atuação real como empresário à frente de uma das primeiras e mais bem sucedidas sociedades por ações de seu contexto – a Companhia do Mucuri –, demonstra como já percebera, na prática, a indissociabilidade entre esfera pública e privada em uma sociedade moderna (ARAÚJO, 2007, p. 16).

O projeto do Mucuri traria desenvolvimento econômico, social e cultural para esta região a ser desbravada, trazendo direitos civis como o de propriedade e ao voto. Mas, além disso, traria uma ligação da região serrana, de Serro e Minas Novas, ao Rio de Janeiro. A navegação seria uma forma de exportar a crescente produção agrícola, tanto a de algodão, quanto de produtos básicos de subsistências, bem como minerais de forma mais rápida e com um custo menor. Teófilo acreditava que os rios Todos os Santos (que corta a cidade de Teófilo Otoni) e Mucuri poderiam servir para o transporte de pessoas e mercadorias (MIRANDA, 2007).

Em 1847, Teófilo Otoni, junto com seu irmão Honório, conseguem a aprovação do projeto e criam a “Companhia de Comércio e Navegação do Rio Mucuri”. Os dois irmãos mais dezoito pessoas fazem uma viagem no vapor “Princesa Imperial” do Rio de Janeiro até a Vila São José do Porto Alegre (hoje município de Mucuri/BA), na foz do Mucuri, e navegam pela região. Teófilo volta ao Rio acreditando na viabilidade do projeto.

O desencanto com a política parlamentar-estatal associado à morte de seu irmão e grande companheiro Honório, em 1849, colaboraram para que Teófilo resolvesse se dedicar mais ao seu projeto de desenvolver a região nordeste da província mineira, através da sua companhia de navegação. Para ele o empreendimento era mais do que um negócio, era um projeto político alternativo (MIRANDA, 2007).

O projeto de Vale do Mucuri era um projeto social completo, destinado a transformar radicalmente a paisagem humana e natural da região, um projeto que buscava construir alternativa política ao modelo escravista desenvolvido no Império, que tinha como centro o Rio de Janeiro (ARAÚJO, 2003 apud MIRANDA, 2007, p. 103).

Teófilo “contratou um engenheiro inglês para constatar que o rio, só no curso baixo, da cachoeira de Santa Clara até a barra no oceano, e no tempo de seca, era navegável somente por barcos de pouco calado” (TIMMERS, 1969, p. 80). A constatação de que o Mucuri não era navegável em todo o seu curso, obrigou-o a construir uma estrada que ligasse Santa Clara (Cachoeira próxima à atual cidade de Nanuque) a Filadélfia, que seria um entreposto para as

mercadorias que iriam para Minas Novas. A necessidade era justificada também pela impossibilidade de transitar com veículos de rodas e tração animal pelas picadas por onde passavam os tropeiros.

Em 1851 são lançadas quatro mil ações da Companhia do Mucuri no mercado e arrecadado 1.200 contos de réis, uma quantia vultosa para a época. Os maiores acionistas eram a própria família e amigos, que incluíam o Barão de Mauá, e outros pequenos investidores. Todo o capital inicial era privado, mas, posteriormente, o governo da província integralizaria 25% do capital total. A Companhia bancou a construção de estradas, desobstrução do rio, construção de portos, armazéns e navios.

Com a morte do engenheiro responsável pela construção da estrada, em 1852 Teófilo sobe de canoa os 170 Km navegáveis desde a foz do Mucuri até a cachoeira de Santa Clara, enquanto outros grupos saíram de Alto dos Bois (atual Minas Novas) e Trindade até o aldeamento de Poté, a partir de onde abrem um trecho de 33 Km até o local onde seria construída a nova Filadélfia. Outros 50 Km foram abertos até a foz do Rio Todos os Santos, que corta a cidade de Teófilo Otoni e deságua no Mucuri.

Foi necessário construir duas embarcações – o Santa Clara, projeto do Engenheiro inglês John Barnetts Humphreys, e depois o Giporock, projeto de Christiano Ottoni – antes que o Peruhype satisfizesse as necessidades de navegação do Rio Mucuri. O vapor fazia o trecho São José do Porto Alegre a Santa Clara em dezoito horas, rebocando duas balsas com 400 arrobas na baixa ou 600 arrobas na cheia.

Às margens do Rio Todos os Santos, o projeto era de uma cidade moderna, planejada, com traçado reto para a circulação de pessoas e produtos, mas também tinha a intenção de contestar as linhas tortuosas e becos da corte, que Teófilo comparava à burocracia morosa, autoritária, conservadora e irracional (MIRANDA, 2007).

No aniversário da Independência, a 7 de setembro de 1853, Teófilo Ottoni faz a inauguração de Filadélfia como centro das colônias do Mucuri. A data não era arbitrária. Ele a escolheu de propósito, na intenção de brindar o grande dia com uma nova cidade. A solenidade é bem simples: o engenheiro Scholobach faz o alinhamento de uma rua, plana e retilínea, comprida de meia légua, no rumo norte-sul (CHAGAS, 1982, p. 198).

A cidade de Filadélfia foi inaugurada como entreposto comercial e, a partir dela, construiu-se uma estrada até Capelinha, e de lá até Minas Novas. A Rua Direita (hoje Avenida Getúlio Vargas), que concentra a maior parte do comércio no centro da cidade, tinha o mesmo nome da rua onde ficava sua empresa, a Ottoni e Cia., na cidade do Rio de Janeiro.

O ideal de cidade manifesto na criação de Filadélfia pode ser entendido a partir do choque entre dois mundos, dois universos de valores. De um lado, o espaço regional, visto como formador de identidades, construtor de um tipo de liberdade, empreendedor e viril. De outro, a cidade corte marcada por rituais efeminados, como o beija-mão. Filadélfia é a negação da cidade-corte. No Rio de Janeiro, a circulação era dificultada pela presença da burocracia, dos aristocratas e, principalmente, do imperador. Suas ruas estreitas, sujas e tortuosas pareciam refletir a estrutura política que sufocou a vida da cidade, transformando-a em extensão do espaço doméstico do Palácio Imperial, seja dos sobrados e dos grandes proprietários de escravos (ARAÚJO, 2003 - apud MIRANDA, 2007, p. 110-111).

Filadélfia significa “cidade do amor fraterno” e é uma homenagem àquela que foi o berço da república e democracias americanas e a capital dos Estados Unidos de 1790 a 1800. Ela seria uma lembrança do sonho da revolução americana do século XVIII, onde todos seriam irmãos, iguais e cidadãos com direitos em lugar de favores, privilégios ou bajulação (o beija-mão da corte). Seu fascínio pelas ideias anglo-americanas de federação, igualdade, proteção dos direitos individuais e liberdades civis tornam-se os princípios políticos de Teófilo Otoni (MIRANDA, 2007).

A estrada Santa Clara – Filadélfia tinha a extensão de 27,5 léguas (180 quilômetros) e tinha um traçado semelhante ao da atual “Estrada do Boi” (BR-418) que faz a interligação do nordeste mineiro ao norte do Espírito Santo e ao sul da Bahia. Foram construídas 174 pontes de madeira de lei sobre mais de 50 córregos e rios, aterros, abertura em rocha viva e uma muralha de 26 palmos de altura à beira do rio Mucuri (MIRANDA, 2007, p. 108). Foram contratados vários engenheiros estrangeiros e militares brasileiros, além da participação de seu irmão Christiano, que depois veio a se tornar o “patrono da engenharia brasileira”.

A estrada de Santa Clara era a Via Ápia do Mucuri. Por ela trafegavam, em 1859, mais de quarenta carros particulares, puxados por bestas, duzentos carros de bois, quatrocentos lotes de burros. Tinha uma extensão de cerca de cento e setenta quilômetros, desenvolveu-se em plena floresta, com declive nunca superior a 5% (CHAGAS, 1982, p. 202)

O custo de construção da estrada foi quatro vezes o estimado, o que não apagou o sucesso da entrada triunfante de Teófilo Otoni em seu carro de quatro rodas, com eixo fixo, puxado por bestas e uma comitiva na Filadélfia, no dia 23 de agosto de 1857, onde duas mil pessoas esperavam para participar da inauguração.

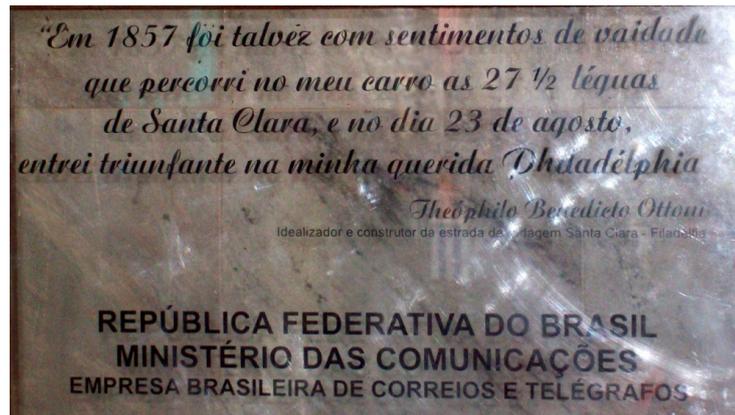


Figura 1 - Placa comemorativa pelo bicentenário de nascimento de Teófilo Otoni
Fonte: Foto do autor

No centro da cidade de Teófilo Otoni foi inaugurada, por ocasião da comemoração do bicentenário de nascimento de seu fundador (27/11/2007), uma placa (Figura 1 - Placa comemorativa pelo bicentenário de nascimento de Teófilo Otoni) com um trecho retirado da “Circular” que Otoni dedicou aos senhores eleitores, senadores e deputados pela província de Minas Gerais:

Em 1857 foi talvez com sentimentos de vaidade que percorri no meu carro as 27 ½ léguas de Santa Clara, e no dia 23 de agosto, entrei triunfante na minha querida Philadélfia. Theóphilo Benedicto Ottoni. Idealizador e construtor da estrada de rodagem Santa Clara - Filadélfia (MIRANDA, 2007, p. 109).

A estrada Santa Clara – Philadélfia é reconhecida como a primeira estrada de rodagem do Brasil, anterior à “União Indústria”, que liga Juiz de Fora ao Rio de Janeiro (CHAGAS, 1978).

Após a inauguração da estrada Santa Clara – Filadélfia, Otoni resolve voltar à política. Foi eleito sucessivamente ao Senado nas listas tríplice, mas sempre preterido pelo imperador, até que a imprensa questionou tal poder pessoal de indicar os membros do Senado.

Muitos foram os fatores desfavoráveis encontrados pela Companhia do Mucuri: navegabilidade do rio, falta de informações sobre a região, dificuldade em obtenção de mão de obra, necessidade de construção de estradas, desbravamento da mata, enfrentamento dos índios, doenças e mortes pela adversidade da mata, interferências inadequadas da Corte, conservadorismo político etc.

Apesar das dificuldades, em 1858, Teófilo consegue aprovação no Senado de um empréstimo de 1.200 contos para construir estradas de rodagem para Minas Novas, Capelinha e Piedade, segunda etapa de seu projeto de ligar o Serro ao mar. Porém, com a mudança de gabinete, o projeto é inviabilizado.

Devido ao receio de Teófilo criar uma “República do Mucuri”, o ministro da Guerra, Manuel Felizardo, desacreditou o projeto da Companhia no país e fora dele, até conseguir enterrá-lo. O fracasso de uma possível atracção do imperador na foz do Mucuri, o que poderia lhe dar a chance de comprovar a viabilidade do projeto, aliado ao naufrágio do vapor Mucuri (que fazia a rota Mucuri – Rio de Janeiro), fizeram com que Teófilo caísse em desânimo (MIRANDA, 2007).

Teófilo era uma ameaça também aos escravocratas, o que o tornou alvo de intrigas políticas. Apesar de ele ter provado aos acionistas que o negócio era plenamente viável e também ter requerido uma auditoria independente para comprovar sua probidade, em 1860 acontece a encampação da Companhia do Mucuri pelo Estado imperial (MIRANDA, 2007).

Depois da encampação, a navegação no Mucuri foi abandonada e o leito do rio voltou a ser obstruído. A colônia de Santa Clara desapareceu. A população de Filadélfia decresceu. A estrada foi parcialmente abandonada. Mas o que estava plantado não tinha retorno (MIRANDA, 2007, p. 138).

Na liquidação da Companhia do Mucuri os acionistas não tiveram prejuízo. Teófilo abriu mão do direito de indenização sobre privilégios que cedeu à companhia, bem como dos honorários como diretor executivo, que nunca recebera, após dez anos de trabalho. Ele ainda requereu uma auditoria independente para comprovar sua probidade. Christiano Otoni (*apud* Miranda, 2007) explica que Teófilo possuía uma *fortuna modesta* gerada pelo seu comércio no Rio e pelo dote de sua esposa, Carlota. Mas, a aventura do Mucuri lhe custou o negócio, a fortuna e a saúde. As doenças que ele contraiu fragilizaram o coração e o fígado. “E, finalmente, morreu pobre e não ficou com nem um palmo de terra na vastidão do Mucuri.” (MIRANDA, 2007, p. 139).

2.3.1 O personagem histórico Teófilo Otoni

O pequeno volume de informações que se tem sobre a formação do território do Mucuri se deve aos historiadores desse personagem histórico. No prefácio do livro *Teófilo Otoni e a Companhia do Mucuri: a modernidade possível*³, Teófilo é tratado com profundo respeito:

tal a sensibilidade ao tratar de assuntos políticos, administrativos, sociais, sobretudo aqueles no trato com os índios, distinguindo-o, hoje, como precursor do Marechal Rondon. (...) Pela vida plena de ação e de amor ao solo nacional, fácil é reconhecer em Teófilo Otoni um dos fundadores da nacionalidade brasileira. A navegação a vapor foi fundamental para o seu trabalho de colonização do índio, de povoamento do sertão, de criação de povoados, de defesa à liberdade de negros e índios (ARAÚJO, 2007, p. 8).

³ O prefácio é assinado por: Aécio Neves, Governador do Estado de Minas Gerais e Eleonora Santa Rosa, Secretária de Estado da Cultura.

Historiadores descrevem Teófilo Ottoni como liberal abolicionista, contrário ao uso de escravos e índios nas suas empreitadas.

Foi precursor dos direitos humanos ao recusar a escravidão, a dizimação dos indígenas, resgatando neles a humanidade então negada; ao defender o julgamento por júri e a presunção da inocência, a independentização do Judiciário e os horrores das prisões arbitrárias. Pacifista e não violento, foi por três vezes às armas pelo direito de resistência à opressão (MIRANDA, 2007, p. 14).

Quando parlamentar, Ottoni fez vários discursos contra a escravidão, mas a questão só foi colocada na ordem do dia pelos republicanos junto com a discussão sobre a própria República, porque, para ele, império e escravidão eram inseparáveis. Minas era a província com o maior número de escravos, até a metade do século XIX, o que tornava o abolicionismo minoritário (MIRANDA, 2007, p. 132-133).

Porém, Achtschin (2008) quebra a crença, criada por informações errôneas, de que não havia mão de obra escrava no projeto liberal do deputado Ottoni. No seu relatório aos acionistas da companhia, de 15 de outubro de 1857, Teófilo informa sobre a festejada inauguração da estrada e explica que o vapor Peruípe é tripulado por escravos e aponta, de forma pragmática e não idealista, que a substituição dos “braços africanos” causou o aumento dos preços dos gêneros alimentícios no litoral.

A partir de seus estudos documentais, Achtschin (2008) apresenta que a Companhia do Mucuri, desde a sua fundação e durante toda a sua existência, possuía 27 escravos, e que em seu contrato de criação consta que o uso desse tipo de mão de obra deveria ser em menor proporção. A posse e a venda de escravos aparecem em documentos, inclusive no relatório inventariando os bens da companhia ao Império por ocasião de sua liquidação. Os escravos apareciam com seus valores contábeis, bem como os valores obtidos pelas alienações, junto dos bens imóveis da companhia.

As revelações de Achtschin (2008) são surpreendentes, considerando a posição da história oficial até então. Ele coloca que essa era uma das contradições do liberalismo brasileiro do século XIX, o que não diminui a figura histórica de Teófilo Ottoni. Ele complementa que o mesmo deve ser interpretado com cuidado. É preciso contextualizar suas afirmações ao pensamento do século XIX, como no trecho abaixo em que ele compara a mão de obra escrava com a chinesa:

Nunca considerei os chins como colonos, mas sim como máquinas para substituir os braços escravos. Já expliquei o ano passado os motivos por que contratei 100 homens destes, declarando francamente que preferia não tê-lo feito. Com a mesma franqueza declararei agora que os pobres chins não são tão imprestáveis como eu supus a princípio. Se eles adquirem a convicção de que não são temidos, se se lhes paga regularmente os seus salários, se não se

lhes falta com o arroz e chá na forma do contrato, entregam-se ao trabalho com tal disposição, e são mais inteligentes do que os pretos: fazem com perfeição os serviços de estrada, e não é mister explicar-lhes duas vezes o que deles se quer... (ACHTSCHIN, 2008, p. 23-24).

Na época houve muitos conflitos sociais relacionados ao movimento abolicionista, pelos diversos crimes de escravos que foram levantados por Achtschin (2008). Mas, a tensão era amainada pela busca de equilíbrio na relação senhor - escravo.

Assim como Mauá, Teófilo teve suas iniciativas empreendedoras freadas pelo Estado imperial brasileiro. A explicação pode estar no temor que à matriz ibérica do império (luso) brasileiro tinha pela revolucionária visão republicana, libertária e empreendedora anglo-saxônica. Os pensadores norte-americanos se faziam presentes nas ideias e nos ideais de Teófilo Ottoni que foram plasmadas na criação da Filadélfia mineira.

“Ao morrer, Teófilo Ottoni era uma figura quase mitológica. Sua popularidade havia se enraizado não só em Minas, mas também na Corte.” (MIRANDA, 2007, p. 17).

A história do território é contada através da biografia de Teófilo Otoni, visto como um democrata, liberal, revolucionário, político e empreendedor, que criou as condições iniciais para o desenvolvimento do mesmo. Isso explica a falta de registros mais recentes sobre o território. Suas maiores limitações, relacionadas ao desbravamento do território, foram vencidas, mas da relação com o poder adveio a derrota. Tal fato nos leva à reflexão sobre esse aspecto fundamental em qualquer empreitada.

O interesse de Teófilo era dinamizar a economia do território, criando canais de escoamento da produção. Posteriormente, por pouco tempo, Estrada de Ferro Bahia e Minas ligou o interior do estado ao porto. Hoje as rodovias cumprem esse papel, mas o sentimento de perda parece irreparável para os habitantes do território. Bento (2002, p. 112) descreve que “o fim trágico e inesperado da EFBM parece ter acendido o sentimento de perda, de injustiça e incerteza, além do isolamento geográfico, político, econômico e cultural com que se achou o Vale após a extinção das linhas que o ligava inteiro”.

A cidade de Teófilo Otoni foi criada para representar o modernismo, em contrapartida ao tradicionalismo da corte, mas, atualmente, esses papéis se inverteram. É grande a descrença do *povo do Vale* pela ajuda dos poderes públicos superiores.

2.4 O PAPEL DA IMIGRAÇÃO NA FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO MUCURI

Antes da ocupação branca, havia várias tribos indígenas nas florestas do leste e nordeste do estado: botocudos, naquenuques, pojichás, malalis, cracatas, dentre outras. Desde

Dom João VI, em 1808, a Corte do Rio declarou guerra aos botocudos, visando sua aniquilação, com o objetivo de controlar a navegação dos rios Doce e Jequitinhonha. A Corte considerava uma “guerra ofensiva e justa”, pois os selvagens praticavam as “mais horríveis e atrozes cenas de bárbara antropofagia” (MIRANDA, 2007, p. 123).

Botocudo era uma denominação genérica dada a várias tribos, segundo o engenheiro Renault (1837) que falava dos Botocudos Nak-nanuks como mansos e dos Botocudos Jiporocas, que horrorizavam não somente os civilizados, mas também seus próprios vizinhos Nak-nanuks. Em seu relatório ao Presidente da Província escreveu “o único obstáculo que se oferece é o número de bugres que infesta as margens do Mucuri” (RENAULT, 1837, s.p.).

Só após a queda de Pedro I foram abolidas as leis de guerra, aniquilamento e escravização indígena e a legislação sobre os mesmo passou para as províncias.

Teófilo Ottoni tinha uma postura bem diferente ante os indígenas, rejeitava a “pedagogia da pólvora e da bala”. Não concordava com seu tráfico, escravidão e muito menos com a barbárie de “matar a aldeia”. Ele os estudou e desenvolveu um método próprio de catequese.

Cuidei seriamente de conhecê-los, e para saber o que deles havia de esperar ou temer, consultei a história e as tradições antigas e recentes, tanto do lado de Minas Gerais como do outro lado da costa (MIRANDA, 2007, p. 125).

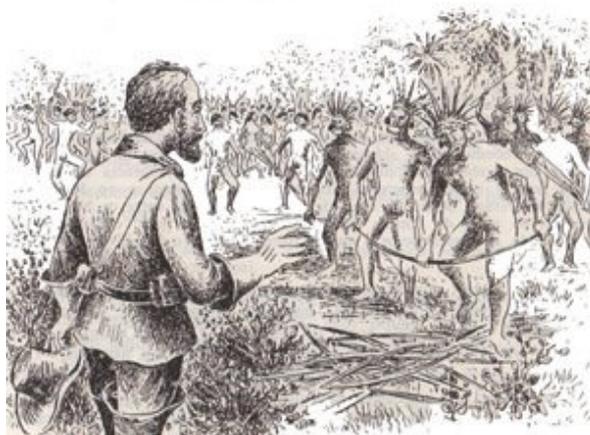


Figura 2 - Ilustração sobre Teófilo Ottoni e os indígenas
Fonte: Chagas (1978, p. 183)

A imigração sempre esteve presente no território do Mucuri, devido a sua riqueza natural, tanto em termos agropecuários com terras muito férteis, quanto pela extração mineral de pedras preciosas e semipreciosas.

A tradição pecuarista que hoje a bacia do Mucuri ostenta, na verdade, é o produto da colonização européia associada ao “transbordamento” dessa atividade a partir da bacia do Jequitinhonha. Essa transposição efetuou-se graças à grande seca de 1890, que estimulou a migração jequitinhonhense para o vale do rio Pampã, afluente do Mucuri (IDENE, 2008, p. 257).

A migração acontecia inicialmente do norte (mais próximo da foz do rio) para o sul, em busca da estrada Santa Clara – Filadélfia, mas foi muito intensificada com a criação da Estrada de Ferro Bahia e Minas.

A composição social da região era diversificada. Havia várias etnias indígenas pré-existentes, vieram lavradores do norte de Minas e posteriormente colonos portugueses, chineses, alemães, prussianos, suíços, belgas, holandeses e outros grupos do norte europeu trazidos por Teófilo e a Companhia do Mucuri, sem falar dos negros (CHAGAS, 1978).

Filadélfia é uma babel de raças e de línguas. São os colonos estrangeiros que a Cia. do Mucuri já instalou aí: alemães, belgas, holandeses, suíços, portugueses, chineses. E são os negros. E são os botocudos. Ritmos saxões. Ritmos africanos. Ritmos indígenas. Ritmos construtores da Filadélfia (CHAGAS, 1978, p. 200).

O objetivo inicial de Teófilo era usar somente trabalhadores livres, mas após dois anos sem conseguir atrair brancos, negros alforriados ou índios; ele alugou 150 escravos de fazendeiros. Ele esperava que a criação da Companhia do Mucuri fosse atrair muito trabalhadores para o nordeste mineiro pela busca de oportunidades, de trabalho e de terra. Vieram centenas de famílias de Minas Novas, mas ainda menos do que o esperado. Os índios não se adaptavam ao trabalho, e os botocudos (nome pejorativo), que predominavam na região, eram guerreiros e nômades (MIRANDA, 2007).

Teófilo recorreu à força de trabalho dos alemães, com pretensão de trazer 2 mil famílias em 10 anos, como colonos. Sua ideia era torná-los associados e não assalariados. Além das diversas famílias alemãs, vieram também colonos suíços. As imigrações eram organizadas pela própria Companhia. Ottoni falava da germanização do Mucuri, já que era simpático pelos princípios sociais daquele povo. O mesmo não ocorreu com chineses, contratados não como colonos, mas como associados assalariados (MIRANDA, 2007).

O governo trouxe imigrantes portugueses, da Ilha da Madeira, para criar a Colônia Militar do Urucu, devido ao medo de ataques dos selvagens. A colônia de Urucu tinha, em 1855, 28 praças e um major, com 28 famílias que vieram de Madeira e outras 162 famílias de belgas e holandeses. Em torno de 1898, com a construção da estrada de ferro Bahia – Minas, a colônia de Urucu se mudou para mais próximo da mesma, que passava a 30 Km (MIRANDA, 2007).

Porém, depois de 1858 a migração ficou difícil, devido ao fato de o Império ter promovido imigrações com propaganda enganosa e promessas incumpríveis. Por suposta perseguição política a Associação Central de Colonização, e por trás desta o Ministério da Guerra, acusa a família Ottoni por maus tratos aos colonos e indígenas (MIRANDA, 2007).

De acordo com Chagas (1978), em 1858 havia 1.031 imigrantes, mas, segundo relatório de Machado Nunes, em 1860 havia 863 imigrantes no Mucuri e quatro mil habitantes no distrito de Filadélfia. Ele relatou também doze casas de comércio e que havia produção de: milho, arroz, feijão, café, açúcar, aguardente e gado.

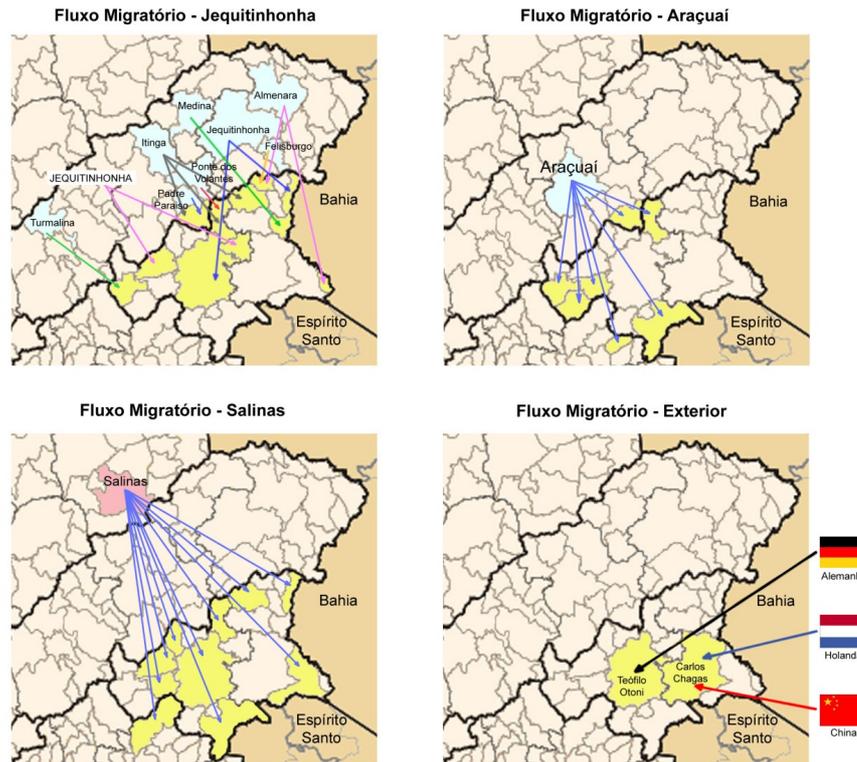
Com o fim da Companhia do Mucuri a população local reduziu drasticamente. Segundo relatórios de Teófilo Ottoni e seu irmão Ernesto, confirmado pelos comissários Sebastião Machado Nunes e José Cândido Gomes, a região passou de 5000 habitantes em 1858 para 2800 em 1862. Contudo, o censo nacional de 1872 mostrou que a população voltou a crescer para 6864. Tanto o decréscimo populacional quanto o posterior crescimento refletiram na economia regional, com seu encolhimento e recuperação.

Porém, esse crescimento vertiginoso não poderia ser pela reprodução vegetativa. Achtschin (2008) coloca duas possibilidades para essa superação. A primeira seria que esse crescimento tenha sido causado pelos engenhos, moinhos de milho e fábricas de farinha, voltados para consumo da própria região. A outra seria o avanço da fronteira agrícola. Ambas as hipóteses podem se confirmar com o censo que mostrou que os habitantes vinham de outras regiões do país.

Achtschin (2008) apresenta números do censo de 1872-73. Na época a Filadélfia contava com 6864 habitantes, sendo que os estrangeiros eram 3.131.

A composição social contava com imigrantes internos (brancos e negros) que vinham de outras regiões e posteriormente imigrantes internacionais: alemães, suíços, portugueses, prussianos, suíços, belgas, holandeses, polacos, ingleses, franceses, italianos, chineses etc. Pela grande variedade de imigrantes que vieram para o Vale do Mucuri, a sociedade da época era bem matizada, diferente da imagem que se tem de predominância quase exclusiva de imigrantes alemães. Fica clara a mescla étnica que ocorreu na formação social do território.

O Mapa 2 mostra quatro fluxos de migrações internas e externas para o território Mucuri. “Entre 1860 e 1920, a população passou de 4.000 colonos para 160.000 habitantes e, apesar do crescimento natural, a maior parte desta expansão deve ser creditada a migração” (GEPAF, 2010, p. 20-21).



Mapa 2 - Fluxos migratórios para o Vale do Mucuri.
 Fonte: Montagem do autor a partir de GEPAF (2010, p. 21)

Informações obtidas no site do IBGE (www.ibge.gov.br) sobre a formação administrativa explicam que a freguesia foi criada com a denominação de Nossa Senhora da Conceição da Filadélfia, pela lei provincial nº 808, de 03-06 ou 03-07-1857, e posteriormente confirmada sua criação pela lei estadual nº 2, de 14-09-1891, sendo na época subordinado ao município de Minas Novas, tendo sido desmembrado e elevado à categoria de vila com a denominação de Teófilo Otoni, pela lei provincial nº 2486, de 09-11-1878. Em 1911 é constituído o município de Teófilo Otoni com seus 10 distritos: Teófilo Otoni, Aimorés, Concórdia, Itambacuri, Itaipé, Pampan, Poté, Malacacheta, Setubinha e Urucu.

A cidade tornou-se ponto de passagem pela confluência da Estrada de Ferro Bahia e Minas⁴ com a rodovia “Rio-Bahia” (BR-116) e com a “Estrada do Boi” (BR-418). Até hoje ela está organizada predominantemente como um *espaço de fluxo*, mais do que um *espaço de lugar*, segundo a denominação de Castells (2005), por onde passam mercadorias e pessoas. Talvez isso explique algumas características do território atual.

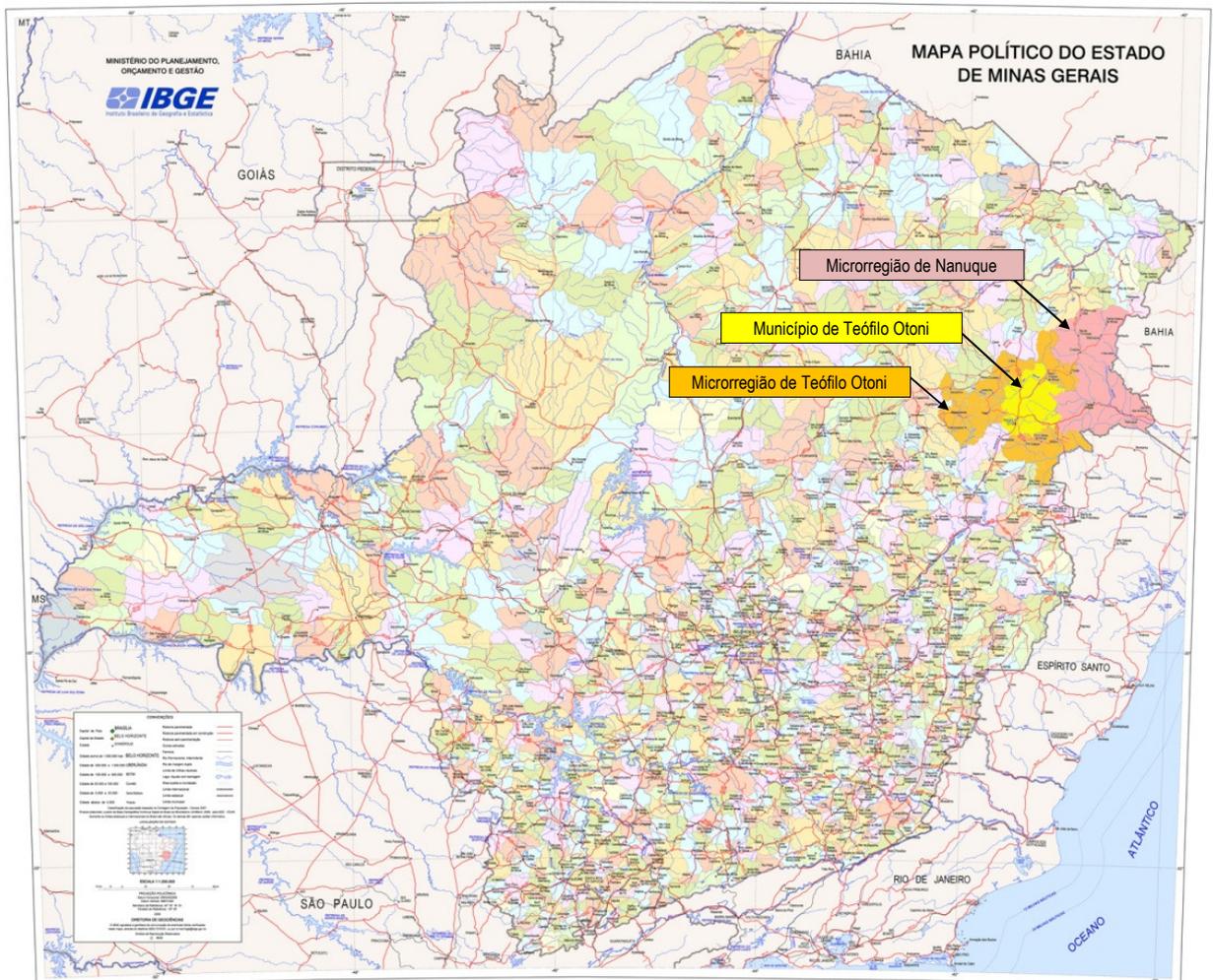
⁴ A Estrada de Ferro Bahia a Minas ligava Ponta de Areia (Caravelas) - Bahia a Araçuaí - Minas Gerais, passando, passando pela serra de Aimorés, na divisa com Minas Gerais, Teófilo Otoni, Ladainha, Engenheiro Schnoor, Alfredo Graça. Foi extinta em 1966. Embora houvesse planos para uní-la à ferrovia Vitória-Minas, isso nunca aconteceu.

2.5 A CIDADE DE TEÓFILO OTONI ATUAL

Neste subtítulo será explorado o território de Teófilo Otoni, inserido nos territórios maiores do Mucuri e no estado de Minas Gerais.

O município de Teófilo Otoni, onde foi realizada esta pesquisa, se localiza no sul do Mesorregião do Vale do Mucuri (MVM). Devido à sua proximidade geográfica, a cidade exerce atração sobre diversos outros municípios do norte da região do Rio Doce. Apesar de seu entrelaçamento com diversos outros territórios, a delimitação feita na pesquisa se deve exclusivamente a razões práticas: prazo da pesquisa e possibilidade de deslocamentos.

O Mapa 3 mostra as Microrregiões de Teófilo Otoni e de Nanuque, que formam a MVM, localizadas no mapa do estado de Minas Gerais.



Mapa 3 - Localização do município de Teófilo Otoni e das microrregiões dentro da mesorregião e do estado
 Fonte: Montagem do autor a partir de mapa do IBGE (<http://www.ibge.gov.br>)

A MVM está localizada no Nordeste do estado de Minas Gerais, com aproximadamente 23,2 mil km², tem uma população de cerca de 430 mil habitantes e (2,4%

da população do estado) é formado por 27 municípios: Águas Formosas, Ataléia, Bertópolis, Campanário, Caraí, Carlos Chagas, Catuji, Crisólita, Franciscópolis, Frei Gaspar, Fronteira dos Vales, Itaipé, Itambacuri, Ladainha, Machacalis, Malacacheta, Nanuque, Novo Oriente de Minas, Ouro Verde de Minas, Pavão, Pescador, Poté, Santa Helena de Minas, Serra dos Aimorés, Setubinha, Teófilo Otoni e Umburatiba.

Além do próprio rio Mucuri o território integra as bacias hidrográficas dos rios Doce, São Mateus, Itanhém, Jequitinhonha, Peruipe, Itaunas.

O município de Teófilo Otoni está a 450 Km de Belo Horizonte, capital do estado, e segundo o IBGE, possui uma área de 3.242 Km² e uma população de 134.733 habitantes (Censo de 2010), um PIB de R\$ 1.044.091,00⁵, que o posiciona em 44º lugar no estado de Minas. Seu PIB per capita é de R\$ 7.999,41. A Tabela 1 mostra a relação entre PIB absoluto e per capita e população de alguns municípios do estado de Minas Gerais com semelhantes características, pelo porte médio, por serem polos de suas mesorregiões e por estarem localizados mais ao norte do estado.

Tabela 1 - Comparação entre PIB, população e concentração de renda de Teófilo Otoni e outros municípios do estado de Minas Gerais

Município	PIB 2008 (R\$ 1 mil)	Partic. PIB Estado (%)	PIB per capita 2008 (R\$)	População 2010 (pessoas)*	Partic. Pop. Estado (%)	Índice Gini, 2003
Teófilo Otoni	1.044.091	0,370	7.999,41	134.733	0,688	0,45
Governador Valadares	2.589.447	0,917	9.884,10	263.594	1,345	0,41
Montes Claros	3.462.739	1,226	9.665,14	361.971	1,847	0,41
Belo Horizonte	42.151.108	14,920	17.313,06	2.375.444	12,122	0,42
Minas Gerais	282.522.337	100,000	14.233,00	19.595.309	100,000	0,46

Fonte: Montagem do autor a partir de dados do IBGE (www.ibge.gov.br)

Nota: Dados da população referentes aos primeiros resultados do Censo 2010.

Uma análise preliminar da Tabela 1 já nos mostra que o município tem um PIB per capita inferior aos outros municípios. Também o índice Gini maior indica que há mais concentração de renda em Teófilo Otoni, mas ainda melhor que o do estado. É praticamente impossível tecer comparações com a capital do estado, com exceção do Índice Gini, tendo em vista as grandes discrepâncias de valores.

Comparando sua participação de 0,370% no PIB estadual com a participação de 0,688% na população estadual, percebe-se uma produtividade abaixo de outros municípios.

A Tabela 2 faz uma comparação histórica entre os valores dos Produtos Internos Brutos do município de Teófilo Otoni, da MVM e do estado de Minas Gerais no período entre

⁵ Valor retirado do site do IBGE (<http://www.ibge.gov.br>), sem especificação de data de referência.

1999 e 2008. Observa-se que o PIB de Teófilo Otoni cresceu em valores monetários, mas decresceu em termos relativos, tanto se comparado com o estado como com a mesorregião. Pode ter ocorrido um encolhimento da economia local, ou o crescimento em taxa inferior ao ocorrido na região e no estado. Em ambos os casos essa situação funciona como um fator repulsor da população, que sai em busca de melhores oportunidades. O maior valor em 2001 pode explicar a redução na queda populacional que aparece no Gráfico 3 (mais a frente) e, ocorreu leve recuperação do PIB percentual a partir de 2007, explicando o aumento da população.

Tabela 2 - Comparação entre PIBs de Teófilo Otoni, MVM e estado de Minas Gerais no período de 1999 a 2008.

ANO	PIB MG	PIB MVM	PIB TO	% TO / MVM	% TO / MG
1999	89.789.782,00	836.237,00	363.409,00	43,46%	0,405%
2000	100.612.293,00	926.537,00	407.015,00	43,93%	0,405%
2001	111.315.221,00	1.024.218,00	466.024,00	45,50%	0,419%
2002	127.781.907,00	1.199.105,00	521.472,00	43,49%	0,408%
2003	148.822.788,00	1.347.749,00	580.580,00	43,08%	0,390%
2004	177.324.816,00	1.483.428,00	645.722,00	43,53%	0,364%
2005	192.639.256,00	1.669.541,00	740.010,00	44,32%	0,384%
2006	214.753.977,00	1.865.084,00	779.825,00	41,81%	0,363%
2007	241.293.054,00	2.058.421,00	880.463,00	42,77%	0,365%
2008	282.522.320,00	2.450.257,00	1.044.091,00	42,61%	0,370%

Fonte: Montagem do autor, a partir de dados do IBGE (<http://www.sidra.ibge.gov.br>)

A Tabela 3 mostra que a predominância econômica do município é do setor terciário, composto pelas atividades de comércio e serviços. O município possui poucas indústrias.

Tabela 3 - Participação dos setores econômicos no PIB do município de Teófilo Otoni

Setor	Identificação do IBGE	Valor (R\$)	%
Primário	Valor adicionado bruto da agropecuária a preços correntes	55.147	5,28%
Secundário	Valor adicionado bruto da indústria a preços correntes	176.734	16,93%
Terciário	Valor adicionado bruto dos serviços a preços correntes	717.411	68,71%
	Impostos sobre produtos líquidos de subsídios a preços correntes	94.799	9,08%
	PIB a preços correntes	1.044.091	

Fonte: Montagem do autor a partir de dados do IBGE (www.ibge.gov.br)

Quanto à MVM a situação já é um pouco diferente. O Gráfico 1 mostra que a produção agropecuária tem uma participação maior (15%). Retirando o município de Teófilo Otoni, que é mais populoso e predominantemente urbano, dessa comparação, o Gráfico 2 indica um aumento da parcela do PIB proveniente da agropecuária para 21%.

Setores da Economia da Mesorregião do Mucuri

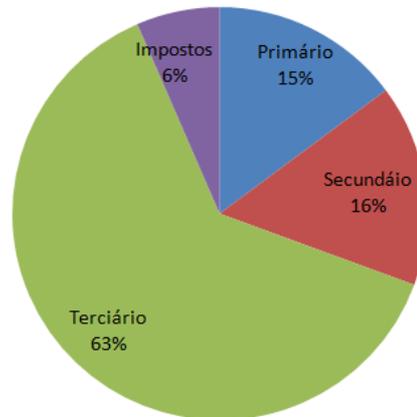


Gráfico 1 - Distribuição dos setores econômicos da MVM
Fonte: Montagem do autor a partir de dados do site do IBGE (www.ibge.gov.br)

Setores da economia do Vale do Mucuri sem T. Otoni

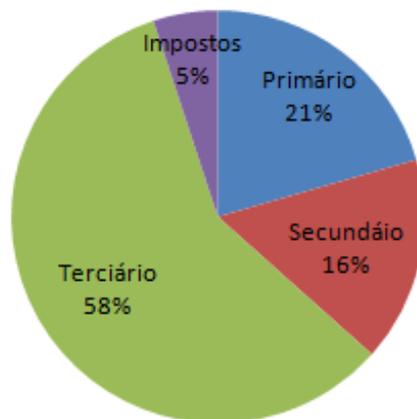


Gráfico 2 - Distribuição dos setores na economia da MVM
sem o município de Teófilo Otoni
Fonte: Montagem do autor a partir de dados do site do IBGE (www.ibge.gov.br)

Aparentemente, a situação social do território melhorou nas últimas duas décadas. Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2003)⁶, o município de Teófilo Otoni teve o Índice Gini de 0,61 em 2000 contra 0,62 em 1991. Isso indica uma evolução na distribuição de renda nesse período. Também o índice de Theil, semelhante ao Gini, mas calculado de forma diferente, evoluiu para 0,65 em 2000 desde o 0,70 em 1991. Ambos os índices variam entre 0 e 1, e o valor zero seria a distribuição totalmente igualitária da renda.

⁶ Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil é uma publicação do PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e está disponível no endereço eletrônico: <http://www.pnud.org.br/atlas>.

Mesmo com essa uma melhoria, a situação do município é precária. Analisando os dados da Tabela 4, que mostra índices IDHM (PNUD Brasil)⁷, a mesorregião do Mucuri e o município de Teófilo Otoni tiveram os piores índices, apesar de terem sido o que mais evoluíram no período.

Tabela 4 - Comparação entre IDHM de Teófilo Otoni com outros municípios, estado e país.

Município	IDHM, 1991	IDHM, 2000	Variação
MVM *	0,531	0,631	18,9%
Teófilo Otoni	0,651	0,742	14,0%
Governador Valadares	0,717	0,772	7,7%
Montes Claros	0,721	0,783	8,6%
Belo Horizonte	0,791	0,839	6,1%
Minas Gerais	0,697	0,773	10,9%
Brasil	0,696	0,766	10,1%

Fonte: Organização do autor a partir de dados do PNUD Brasil (<http://www.pnud.org.br/atlas/tabelas/index.php>)

Nota: Valores relativos MVM calculados pela média aritmética dos IDHM dos 27 municípios.

O desenvolvimento da mesorregião, como um todo, é bem deficiente. O IDHM (PNUD/2000) dos municípios do Mucuri varia de 0,568 a 0,742, que é o de Teófilo Otoni. Seis municípios têm IDHM abaixo do 0,6 e apenas dois estão acima do 0,7, o que demonstra a pobreza da região. Teófilo Otoni possui 35% da população e responde por 42,6% do PIB do vale, destacando-se muito dos demais municípios.

A mesorregião possui, hoje, um percentual de população rural bem maior que as médias estadual e nacional. Dados levantados no site do IBGE demonstram que a MVM tem 32,3% de sua população no campo. Este percentual aumenta para quase 40% se for retirada a população do município de Teófilo Otoni. Esta proporção é bem maior que a do estado e do país, que são 14,7% e 15,7%, respectivamente. Oito municípios da mesorregião possuem mais da metade da população no campo, com três deles chegando perto dos três quartos.

A história do Brasil é marcada pela exploração das riquezas vegetais e minerais, dada a exuberância original de suas matas e jazidas. Sodré (2010) descreve os ciclos econômicos da economia brasileira e defende que o país ainda está na fase de dependência econômica do capital internacional, iniciada após a independência política de Portugal. Para ele o neoliberalismo e a globalização são termos novos para fantasiar, dar uma aparência de

⁷ PNUD Brasil - É a equipe brasileira do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, órgão das Nações Unidas presente em 166 países, cujo objetivo é o combate à pobreza. Publica o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) que se propõe a ser uma medida sintética de qualidade de vida.

modernidade à situação de dominação mantida pelos “vitoriosos na ‘guerra fria’”, ou os países do G-7 (sete nações mais desenvolvidas).

O papel do Brasil na divisão internacional do trabalho (DIT) é o de ser fornecedor de matérias-primas e alimentos, o que explica o fato de as maiores exportações se concentrarem nos setores primário-agropecuário e intensivo em recursos naturais. Segundo Sodré (2010) devido a isso, o capitalismo brasileiro encontra-se em estágio semiperiférico, com predominância extrativista de exploração.

O território do Mucuri não foi diferente. Durante muitos anos a extração e venda de gemas preciosas e semipreciosas foi predominante na região. Assim, como os mineiros levaram 20 anos para desistir da extração do ouro, os teófilo-otonenses demoraram muito a perceber que o negócio de “pedras” estava exaurido. Muitos dos que viviam da lavra e comercialização quebraram, mas ainda hoje há algumas empresas e autônomos (pedristas) que vivem dessa atividade. Nesta pesquisa, pelo menos 13,5% dos entrevistados relataram que trabalhavam em atividades relacionadas ao ramo de pedras (lapidação, comércio etc.) antes de emigrar, apesar de não terem sido arguidos especificamente sobre isso.

Essa resistência à mudança está presente em outra característica dos habitantes do território, que é o conservadorismo, principalmente por parte das pessoas mais idosas, normalmente descendentes diretos de imigrantes internacionais. Muitas pessoas, inclusive alguns dos emigrantes entrevistados, relatam a dificuldade em obter credibilidade das pessoas do local. Esta pode ser uma das características que dificultam o desenvolvimento do empreendedorismo na cidade.

Teófilo Otoni é considerada uma cidade média e tornou-se um espaço de fluxo (SANTOS, 1988 e CASTELLS, 2005) – onde as relações de trocas são fundamentais. Sua importância regional está em suprir às necessidades das cidades circunvizinhas em serviços, comércio, saúde, educação etc. Basta observar como se avoluma o movimento diurno de pessoas no centro comercial, a quantidade de ônibus fretados nas portas das faculdades e de ambulâncias de outras prefeituras nas imediações dos hospitais.

Culturalmente, a cidade apresenta uma característica de conservadorismo. Muitas pessoas, inclusive alguns dos entrevistados, afirmam que as pessoas mais velhas são fechadas aos *forasteiros*.

[...] o povo aqui vive no mundo ainda antigo. Você tem que evoluir para o mundo, que o mundo evolui rápido. Com a internet, com tudo nesse mundo, então, a evolução é muito maior, é muito rápida. Se você não acompanhar, você não tem como viver. A verdade é essa: o mundo em geral é isso, é a evolução. Tem que evoluir (S, emigrante retornada, feminino, 45 anos).

Essa visão conservadora se apresenta na pergunta comumente feita pelos residentes para um desconhecido: *de que família você é?* Uma explicação para isso pode estar em relatos de oportunistas vindos de fora, sem compromisso com o local. Essa pode ser uma defesa ante a insegurança gerada pela característica do território de ser um *espaço de fluxo*.

Recentemente foi realizada uma pesquisa⁸ não probabilística com quatorze empresas teófilo-otonenses utilizando a tipologia de Miles e Snow (1978). Esses pesquisadores definiram uma taxonomia de estratégias genéricas que tem chamado a atenção de pesquisadores em administração, pois permite classificar as empresa de acordo com a predominância de um dos quatro comportamentos: defensivo, prospectivo, analítico ou reativo. O resultado da pesquisa revelou predominância defensiva na postura das empresas, o que significa que elas têm as seguintes características estratégicas: agressivas apenas em um segmento de mercado; ignoram desenvolvimentos fora do seu domínio; penetram profundamente no seu próprio mercado e crescem com cautela e de forma incremental, sem saltos. Mesmo não oferecendo um resultado conclusivo esta pesquisa aponta indícios, que podem ser confirmados posteriormente, de que as empresas da cidade possuem um comportamento conservador.

Apesar de o território ter sido criado sob a égide da inovação, empreendedorismo e miscigenação étnica, sofreu, durante duas ou três décadas, de estagnação política, que refletiu na situação econômica e social. Ainda hoje não há perspectivas de novas lideranças políticas que possam mudar esse quadro.

Essa estagnação contribuiu para gerar uma descrença muito grande na população. No período de implantação da Universidade Federal, antes do início da construção do campus, havia uma preocupação de algumas pessoas de que o projeto não se concretizasse. E mesmo nos dias atuais essa universidade tem dificuldade de reter seu corpo docente, já que é formado, em sua grande maioria por *forasteiros*, imigrantes de todas as partes do país.

O panorama traçado sobre o processo histórico de constituição desse território (município de Teófilo Otoni) aponta para dois problemas que interferem no objeto de estudo: (1) baixo nível social e econômico do território que contribuiu, durante décadas, para um fluxo emigratório da região; (2) dificuldade em se acreditar na inovação, principalmente trazida de fora, e na prosperidade econômica. Esses fatores criam um ambiente econômico desfavorável aos novos empreendedores, do ponto de vista de credibilidade do mercado, e de crédito.

⁸ A pesquisa foi realizada por alunos da UFVJM, sob orientação do prof. Agnaldo Keiti Higushi, sem publicação até o momento. Trata-se de um piloto para uma pesquisa futura.

Nos últimos anos a tendência do mercado é de crescimento, comprovado pelo número de novas lojas abertas no centro da cidade, novas ofertas de educação e também pela especulação imobiliária. O mais importante é a mudança no perfil da população, que rejuvenesce pela quantidade de cursos superiores oferecidos no município. Teófilo Otoni ganhou importância como polo educacional. No ano de 2002 havia apenas uma faculdade privada com oferta de 5 cursos de graduação. Hoje, há oito instituições que oferecem aproximadamente 47 cursos de graduação na modalidade presenciais e cerca de 34 cursos na modalidade à distância, além dos cursos de pós-graduação.⁹

O Gráfico 3 mostra a variação da população residente do município nas últimas quatro décadas. O que teria causado essas variações positivas como negativas na população da cidade, ambas na casa dos 9%? Uma resposta plausível seria o desempenho da economia. Ao que tudo indica houve um grande fluxo emigratório na década de 1970 e outro maior ainda na década de 1990. A partir de 2000 houve uma inflexão na curva e a população voltou a crescer. O crescimento populacional na última década pode estar ligado ao aumento nas vagas de cursos superiores oferecidas no município, que vem ocorrendo desde 2002 e se intensificando com o início do funcionamento da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, no final de 2006.

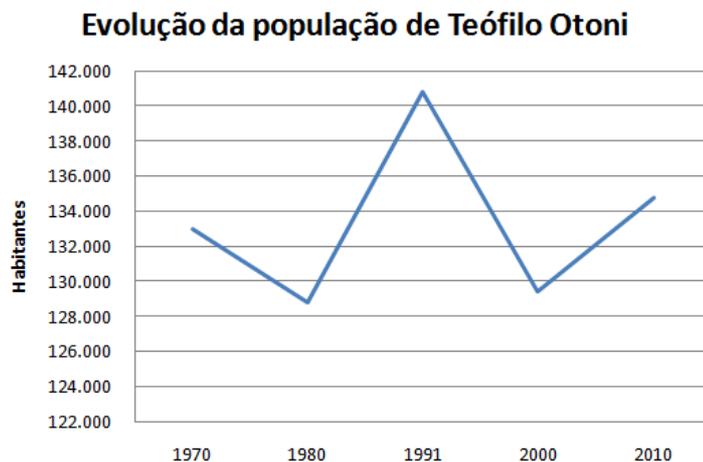


Gráfico 3 - Evolução da população de Teófilo Otoni entre 1970 e 2010
Fonte: Montagem do autor a partir de dados do IBGE (www.ibge.gov.br)

As principais economias da bacia são os municípios de Teófilo Otoni, Carlos Chagas e Nanuque, porém, o crescimento econômico da bacia tem sido, nos últimos anos, abaixo da média estadual, o que tem estimulado a emigração.

⁹ Levantamento feito pelo autor dos cursos de bacharelado, licenciatura e tecnólogo nos sites das instituições de ensino superior conhecidas, com campus ou polo no município: DOCUTM, FATEGIDIO, FENORD, UFMG, UFVJM, UNIPAC, IESFATO/UNIUBE e UNOPAR.

De acordo com dados do IBGE (2007), a maior população municipal pertence a Teófilo Otoni, com 126.895 habitantes, no outro extremo está o município de Umburatiba, com apenas 2.776. Ademais, a região é relativamente pobre, com indicadores econômicos e sociais variando de médio a baixo grau [PNUD, 2000] (IDENE, 2008, p. 254).

O Mucuri foi um dos últimos territórios a ser devassado no estado de Minas Gerais, e chegou à atual configuração forjado por todas as ações nele praticadas, organizadas pelos interesses políticos das elites que nele existiram, apesar do idealismo de Teófilo Otoni. A história sempre foi contada pelos vencedores, pelos dominantes, pelos pioneiros. Não se ouve sobre os índios dizimados ou os negros escravizados. Nem se fala das jazidas exauridas, das riquezas arrancadas, primeiro do solo e depois do território. Riquezas instantâneas se transformaram em pobreza perenes.

Apesar de a exploração estar presente na história de todo o estado *das Minas*, no Mucuri (e também no Jequitinhonha) ela ainda está muito forte. A cidade de Teófilo Otoni ainda ostenta, com orgulho, o título de *Capital das Pedras Preciosas*. Porém, hoje apenas uma parcela muito pequena ainda sobrevive desse negócio. Com relação ao estado e a outras cidades médias do estado, o município de Teófilo Otoni tem maior concentração de renda e IDH menor. Ele não possui empresas de grande ou médio porte.

Conhecendo o histórico da formação do território de Teófilo Otoni, inserido no Mucuri, compreende-se os fatores que determinaram a sua situação atual. Adiciona-se à este cenário a falta de lideranças políticas inovadoras, tendo em vista que há algumas décadas não surgiu nenhum nome novo e expressivo no cenário político da cidade.

As mudanças mais expressivas que ocorreram nos últimos anos no território estão relacionadas à instalação de cursos superiores e, pela via política, da universidade federal. Até 2002 só havia uma faculdade particular, com apenas cinco cursos, o que limitava muito a possibilidade de se fazer uma graduação na cidade. Muitas pessoas tiveram que sair da região para estudar, o que também contribuiu para a emigração.

O sentimento de abandono, mesmo que não tenha base real, habita o imaginário popular e está demonstrado no decréscimo na população, na estagnação ou decadência dos índices sociais e econômicos. Neste contexto de falta de perspectivas, a emigração oferece uma via para ascensão social e econômica.

Complementando o quadro, o empreendedorismo proporciona crescimento e dinamismo à economia local e regional, por oferecer a um grande número de indivíduos a possibilidade de geração de renda, principalmente àqueles que possuem baixo grau de escolaridade.

3 A MIGRAÇÃO E O TERRITÓRIO

A migração provoca mudanças em ambos os territórios: o de origem (emigração) e o de destino (imigração). Raffestin (1993) explica que a imigração é o fenômeno demográfico que mais impacta na composição racial, étnica, linguística e religiosa de uma população.

A preocupação com as migrações ocorre quando se trata de movimentos populacionais ou fluxos, com certo volume de indivíduos.

A demografia entende como migração o fenômeno que ocorre quando uma população de seres humanos se move de um espaço geográfico para outro, normalmente em busca de melhores condições de vida, seja em termos de alimentação, de temperatura, de trabalho, ou fugindo de condições adversas (SOUZA, 2006, p. 49).

Emigração é o movimento de dispersão de uma população para outros lugares. Imigração, ao contrário, refere-se à concentração de contingentes em outros lugares (SOUZA, 2006, p. 49).

A mobilidade espacial dentro de um país (interna) e entre territórios nacionais (internacional) é um fenômeno antigo, mas acentuou-se após a Revolução Industrial. A emigração era uma solução para o desemprego. Foi o que ocorreu na Europa, no século XIX, quando contingentes de pessoas buscaram oportunidades nos Estados Unidos, Austrália, Brasil e Argentina.

O crescimento das cidades, a partir do século XX, foi um processo necessário e, por isso, a migração ocorreu paralelamente ao desenvolvimento do capitalismo industrial. Nas cidades formam-se os mercados de mão de obra e consumidores. Os senhores do café tornaram-se industriais e o campo perdeu poder de forma acentuada.

Recentemente, as migrações têm sido profundamente estudadas por algumas ciências como a demografia, a economia, a sociologia, a antropologia, dentre outras, devido aos impactos que ela tem criado, principalmente nos países mais desenvolvidos.

A busca de uma vida melhor passa, necessariamente, pela possibilidade de trabalho e renda. Evidentemente, outros aspectos são tão ou mais fundamentais à vida humana, como as relações familiares e sociais, educação, cultura, saúde etc.

É de fundamental importância estudar os diversos aspectos relacionados à migração como fenômeno, sem esquecer que, além das motivações econômicas, há também as redes sociais e a representação social da figura do emigrante. Entender a vida fora do território original e as possibilidades e dificuldades do retorno. Com isso torna-se possível traçar um perfil do emigrante internacional e o impacto de suas experiências sobre o território de origem.

Com o advento da globalização esperava-se que os territórios nacionais se unificassem e que as fronteiras fossem eliminadas. Elas se abrem para as mercadorias e mais ainda para os capitais, mas se mantêm fechadas para as pessoas (ou pelo menos para as classes sociais menos privilegiadas). A insegurança criou esse relativo isolamento entre os países. Atualmente, só na União Europeia existe mobilidade entre nações. Mas, essa unificação atende mais a interesses econômicos do que a outros, de qualquer natureza.

A migração, na maioria das vezes, tem motivação econômica e mesmo quando não a tem ela está associada a outras pessoas que migraram por este motivo. Isso serve para as migrações internas e para as internacionais. Os fluxos migratórios ocorrem por oportunidades de trabalho e muitas vezes são planejadas para atender às necessidades de grandes contingentes de trabalhadores de algum país mais desenvolvido.

Dentro do território nacional, a migração ocorre por uma pressão populacional sobre a terra com o intuito de integrar o campo à economia de mercado. O pequeno produtor, que não possui quantidade de terra (recurso fundamental para a produção) necessária a alta produção, se vê forçado a buscar trabalho nas cidades, onde eles criam um excedente de mão de obra, o que Marx chamou de “exército industrial de reserva”, interessante para a classe capitalista, mas prejudicial à classe trabalhadora. A discrepância entre oferta e demanda de mão de obra desvaloriza o trabalho ao nível de subsistência.

Essas migrações (êxodo rural) provocam uma concentração urbana (atração), seguida por saturação (custo de oportunidade elevado) e desconcentração (repulsão pela falta de oportunidades). Este fenômeno, no entanto, tende a acontecer com a mão de obra de baixa qualificação, que busca trabalho manual nos grandes centros. Muitos desses emigrantes não retornam às suas terras de origem, se dispersando pelas periferias das zonas urbanas ou emigrando novamente para outro local em que haja oportunidades.

3.1 CARACTERÍSTICAS DOS MIGRANTES

É possível identificar algumas variáveis pessoais e do contexto socioeconômico que alteram a probabilidade de um indivíduo ser um migrante ou não. Indivíduos com maior capital humano (qualificação, rede de contatos etc.) possuem maior propensão a migrar do que outros e também tem uma mobilidade espacial maior, ou seja, conseguem migrar distâncias maiores (SACHSIDA et al., 2009).

Aqueles que trabalham no setor terciário (serviços, comércio) apresentam maior mobilidade do que os do setor secundário (indústria), que por sua vez, conseguem uma

abrangência geográfica maior que os do setor primário (extrativismo, agropecuária). No caso desses últimos, suas capacidades de trabalho os mantêm presos à própria terra ou à possibilidade de obtenção de trabalho rural (GOLGHER e ARAÚJO JUNIOR, 2004).

Pesquisas mostram que os migrantes intramicrorregionais, intermicrorregionais e interestaduais diferem em muitos aspectos. A distância envolvida na etapa de migração tem efeitos quantitativos e qualitativos. Pessoas em camadas sociais distintas também diferem no ato de migrar (GOLGHER e ARAÚJO JUNIOR, 2004).

Atribui-se à sociedade atual a denominação de *sociedade da informação*¹⁰, ligada à ideia de “uma nova era em que a informação flui a velocidades e em quantidades há apenas poucos anos inimagináveis, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais” (MCT, 2000, p.3). Nesta nova sociedade, quanto maior a agregação de conhecimento e informação em produtos e serviços maior será a riqueza gerada por uma empresa, setor ou país. O grau de desenvolvimento de um país está, dessa forma, ligado à capacidade de seus habitantes em gerarem riqueza. Assim, as mobilidades espacial e social em um território podem ser medidas pelo volume de capitais sociais dos seus habitantes.

Castells (2005) explica o termo *informacionalismo* ou *pos-industrialismo*, como um modo de desenvolvimento iniciado desde a revolução tecnológica da década de 1980 e responsável por um processo de reestruturação do capitalismo e sua predominância sobre o estatismo¹¹. A nova economia é informacional “porque a produtividade e competitividade [...] dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos” (CASTELLS, 2005, p.119). “No novo modo informacional de desenvolvimento, a fonte de produtividade acha-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento de informação e de comunicação de símbolos” (CASTELLS, 2005, p. 53).

Santos Júnior, Menezes-Filho e Ferreira (2005) trabalham a ideia da seleção positiva dos migrantes, comprovando que os indivíduos que emigram são mais motivados, ousados, ambiciosos, aptos, dispostos a correr riscos e empreendedores do que os não-migrantes. Para esses autores, os migrantes “têm mais disposição para enfrentar os custos monetários e não-monetários associados à migração” e afirmam que “os migrantes têm algo a mais que os não-

¹⁰ O termo “Sociedade da Informação” talvez tenha sido popularizado por Alvin Toffler, em seu livro “A terceira onda” de 1980, mas a conceituação inicial é atribuída a Fritz Machlup em seu livro “A produção e distribuição de conhecimento nos Estados Unidos” de 1962 e posteriormente por Daniel Bell, em seu livro “O advento da sociedade pós-industrial” de 1973.

¹¹ Castells (2005) define capitalismo e estatismo com formas de produção.

migrantes”. Apesar desse estudo ter se baseado na migração interna brasileira, é possível utilizar o conceito da *seleção positiva* para a migração internacional.

Indivíduos com maior renda e melhor nível de educação tendem a migrar percorrendo distâncias maiores porque podem pagar os custos mais elevados de uma mudança para um local mais afastado e estão conectados a redes de informações e conhecimentos que possibilitam percorrer grandes distâncias e minimizar os constrangimentos. Quanto mais longa a distância mais aptos são os atores, porque necessitam de mais informações, de mais contatos, os riscos são maiores. Jovens com alto nível de escolaridade na origem são mais propensos a migrar (SACHSIDA et al., 2009).

Por outro lado, os indivíduos que emigram, em sua grande maioria, possuem baixo capital humano e se concentram na periferia dos grandes centros (migração interna) ou em comunidades ou enclaves étnicos (migração internacional). Eles criam os estoques de reserva de mão de obra para o mercado de trabalho. Esse efeito social indesejável é necessário ao regime capitalista, para redução dos salários e aumento da mais valia, e a geração do “exército industrial de reserva”. “O produto do processo produtivo é usado pela sociedade de duas formas: consumo e excedente” (CASTELLS, 2005, p. 52).

Devido à baixa qualificação e perícia, esses trabalhadores não têm poder de barganha nas negociações do mercado de trabalho, pois não oferecem recursos escassos aos empregadores. Os imigrantes, assim como os miseráveis, os sem terra, os presos, os doentes, os idosos etc.; fazem parte do chamado “refugo humano”¹², que é um problema para as grandes metrópoles, em todo o mundo.

Imigrantes são problema para a maioria dos países, principalmente, para os desenvolvidos, já que muitos deles estão socialmente desajustados, sem a documentação legal, desterritorializados e saíram dele por falta de perspectivas. Os governos preocupam-se mais com os imigrantes que com os emigrantes.

A melhoria de vida, ou a chamada mobilidade social ascendente é o desejo dos indivíduos que emigram. A perspectiva de mobilidade social através da emigração internacional é maior que na emigração interna. Isso é natural do capitalismo, em que há relação direta entre os níveis de risco e de ganho.

Os ganhos para o território de origem são maiores com o retorno do emigrante internacional do que com o emigrante interno. Por outro lado, para o país de emigração, o

¹² O termo “refugo humano” foi utilizado por Zygmunt Bauman no livro “Vidas Desperdiçadas” de 2005.

estudante que se qualifica e não retorna ou a emigração de um trabalhador qualificado representam perda de capital humano e de investimento público gasto na sua formação.

3.2 MIGRAÇÃO NO BRASIL

A PNAD¹³ de 2006 levantou o número de 5.860.649 migrantes internos no território brasileiro. A distribuição entre brancos e pardos é paritária, assim como entre homens e mulheres. 36% dos migrantes (mais de 1/3) está na faixa etária economicamente ativa (27 a 44 anos). 29% se situam entre 14 e 27 anos de idade e não estão estabilizados econômica e profissionalmente (SACHSIDA et al., 2009).

De acordo com os resultados presentes nas tabelas de 1 a 5 podemos inferir que: i) não existem grandes diferenças de migrantes no que se refere a raça; ii) ao contrário do esperado, a população masculina não possui uma propensão maior a migrar do que a população feminina; iii) idade parece ser um importante determinante da migração, indivíduos muito novos ou muito velhos, tal como sugerido pela literatura, são pouco propensos à migração; e iv) o nível educacional é outro importante determinante da migração. Indivíduos mais qualificados possuem maior propensão a migrar. Esse resultado sugere a ocorrência de seleção positiva (SACHSIDA et al., 2009, p.13-14).

Mas a migração internacional é mais preocupante para a maior parte dos países do mundo. Especialmente, os países desenvolvidos têm necessidade de controlar a entrada de imigrantes para que essa população não venha a causar problemas sociais em seu território. Para o Brasil, essa questão só se tornou uma preocupação governamental recentemente. O IBGE divulgou o Mapa 4, que demonstra que os volumes de brasileiros que emigraram para outros países é bastante expressivo.

¹³ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD é realizada pelo IBGE anualmente, levantando características gerais da população, de educação, trabalho, rendimento e habitação e, com periodicidade variável, informação sobre: migração, fecundidade, nupcialidade, saúde, segurança alimentar, entre outras.



Mapa 4 - Maiores fluxos e concentrações migratórias de brasileiros pelo mundo.

Fonte: IBGE (<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/atlas/pag021.pdf>)

O Mapa 4 deixa claro que o fluxo migratório e a quantidade de brasileiros residentes nos Estados Unidos é bem mais volumoso que para os demais países. A segunda migração mais significativa ocorre para o Paraguai, mas essa migração é muito típica, realizada por residentes das zonas rurais próximos da fronteira com esse país. Observando as demais setas, é possível identificar que os outros países que recebem um grande volume de emigrantes brasileiros são: Japão, Alemanha, Itália, Portugal e Argentina.

A presente pesquisa identificou que os EUA e Portugal receberam a maior quantidade dos emigrantes de Teófilo Otoni.

3.3 TEORIAS QUE EXPLICAM A MIGRAÇÃO INTERNACIONAL

No atual ambiente pós-moderno globalizado os territórios se reconfiguram. Capitais, mercadorias, serviços e informação fluem livremente sem fronteiras, as pessoas ainda têm restrições a sua mobilidade. Mesmo assim, o termo *cidadão do mundo* torna-se cada vez mais efetivo. Contudo, os emigrantes, que saem de sua pátria em busca de melhores oportunidades de trabalho, não poderiam ser enquadrados nessa categoria.

O fenômeno da migração internacional é muito complexo e, por esse motivo, não pode ser facilmente explicado por uma única teoria. É necessário lançar mão de conceitos de várias áreas do conhecimento: a economia, a sociologia, a antropologia etc.

A motivação para a emigração é composta por uma série complexa de fatores. “A decisão migratória depende das condições sociais, econômicas e políticas do país de origem e

do país de acolhimento, das motivações e aptidões individuais” (RAMOS, 1999 apud FRANKEN, COUTINHO e RAMOS, 2008, p. 178). A decisão de emigrar é tomada com bases sociais mais intrincadas. Outros atores tomam parte nessa empreitada, além do sujeito que emigra. Nesse sentido há motivações sociais.

Cada fator, a seu turno, tenta explicar porque os indivíduos emigram, porque alguns se mantêm no país estrangeiro e porque outros voltam para casa e, ainda, porque alguns vivem entre os dois países. Siqueira (2008) relaciona alguns desses fatores:

O primeiro deles é a existência de um mercado de trabalho secundário no país de destino [...]. O segundo é a crise de emprego e a queda no poder aquisitivo da classe média nos países de origem [...] O terceiro fator [...] a constituição das redes sociais [...] O quarto fator a ser considerado é o surgimento, na origem, de mecanismos facilitadores para emigrar (SIQUEIRA, 2008, p. 271-272).

Na literatura referente à migração internacional aparecem quatro visões, descritas por Siqueira:

Destacam-se quatro vertentes teóricas que buscam explicar o fenômeno da Migração internacional: a teoria neoclássica, a teoria histórico-estrutural, a teoria das redes sociais e a análise baseada na transnacionalização (SIQUEIRA, 2006, p. 7).

Porém, há de se considerar outro importante fator, também no caráter social, que interfere sobremaneira nas decisões dos emigrantes, que é a chamada “cultura da emigração”. Neste trabalho interessa-nos analisar os fatores que motivam a emigração resumidos em dois grupos: os fatores econômicos e os fatores sociais.

3.3.1 Teorias baseadas em fatores econômicos

Da economia provém a explicação para os fatores econômicos e políticos que provocam as migrações internacionais. De acordo com essas teorias o ser humano é visto como ser econômico, pautando suas decisões apenas nos aspectos materiais da vida. Considera-se aqui duas principais linhas teóricas: *push-pull* (Ravenstein, 1885) e mercado de trabalho dual ou segmentado (Piore, 1979).

A teoria de Ravenstein foi descrita em dois artigos com o mesmo nome (*The Laws of Migration*, 1885 e 1889) explicando que a assimetria entre as economias cria diferenças nas taxas salariais entre os países. Esse efeito é denominado *push-pull* (repulsão-atração), pois criam uma força de atração de mão de obra nas economias mais desenvolvidas, e outra força nas economias subdesenvolvidas que repelem parte da sua força de trabalho.

Borjas (1990) acredita que o fator preponderante para a migração é a busca de melhores condições de trabalho. Essa busca sempre ocorre dos países mais pobres para os

mais ricos. Ele descreve a existência de um mercado internacional de migração e tenta mostrar que as políticas migratórias e as condições econômicas dos países definem a competitividade neste mercado, determinando os fluxos migratórios entre os países, seus tamanhos, suas origens e a qualificação de seus componentes. Há uma estreita ligação entre o mercado de trabalho e os fluxos migratórios.

Nesse mercado diferenças de rendimentos e oportunidades de acordo com habilidades fazem um país mais atrativo. Para Borjas (1990) os países hospedeiros é que regulam o tamanho e a composição dos fluxos migratórios através de políticas que restringem a entrada de acordo com as características do migrante: qualificações, riqueza, ocupação, formação, retidão moral, nacionalidade ou existência de parentes residindo no país.

Borjas (1990) explica, de forma simplista, que o indivíduo calcula o custo e o benefício para tomar a decisão de emigrar. Essa teoria explica porque o movimento migratório, em sua maior parte, ocorre dos países pobres para os ricos, dos países mais agrícolas para os mais industrializados, como se fosse um êxodo rural em escala mundial.

Porém, existe também o que Borjas (1990) chama de *mercado negro* ou a *imigração ilegal*. Evidentemente, devido às restrições de entrada, forma-se um contingente de migrantes que não conseguem ser admitidos no país rico (no caso dos estudos dele os EUA). Da mesma forma o imigrante *ilegal* avalia a relação custo-benefício de estar indocumentado no país. Borjas (1990) pinta um quadro negativo dessa classe de imigrantes, acusando-os de serem um custo para os Estados Unidos já que não pagam impostos e usufruem dos programas de *welfare*.

Cabe, aqui, um esclarecimento com relação à nomenclatura *imigrante ilegal*. O termo *imigrante indocumentado* tem sido mais bem aceito para descrever aqueles indivíduos que se encontram em situação migratória irregular. A expressão diminui o peso que se imputa sobre os emigrantes, pois a maior parte desses imigrantes não realiza atividades ilegais e trabalha duro dentro da economia formal, ajudando no desenvolvimento do país e, na maioria das vezes, não usufruindo de alguns benefícios, como a assistência social (*welfare state*), exatamente pela condição de indocumentado.

Vários outros estudos, contudo, mostram que o grupo de imigrantes indocumentados é composto por um grande contingente que não usufrui das benesses do país capitalista desenvolvido, como os serviços de saúde pública, mesmo trabalhando de forma ética e produtiva, gerando riqueza para a sociedade hospedeira, mais do que para o país de origem. A falta de documentação os coloca em ilegalidade perante a lei migratória do país, e os coloca em risco de serem presos e deportados.

Por isso, esses imigrantes vivem em condições extremamente precárias, morando em espaços inadequados, trabalhando muito mais horas do que o normal, sempre em estado de alerta diante da polícia e da imigração. Seu objetivo é a acumulação financeira rápida. Ele se coloca em tal situação devido ao sentimento de falta de perspectiva no país de origem.

“As políticas imigratórias não são atributo único do Estado, mas de múltiplos grupos no seu interior” (RAFFESTIN, 1993, p. 91). Partidos políticos, empresas e sindicatos têm posições diferenciadas são atores que criam um sistema de poder complexo.

Aqui está clara a existência de uma discriminação étnica, em que os imigrantes são considerados uma classe inferior, que deve se sujeitar a trabalhos piores. As políticas migratórias são, normalmente, etnicamente exclusivas. “A lei de exclusão dos chineses foi promulgada em 1882. A política de imigração americana tomou então uma verdadeira orientação racial” (RAFFESTIN, 1993, p. 90).

Borjas (1990) demonstra forte preocupação com o controle do território americano, propondo endurecimento nas regras de entrada de imigrantes e regulação do mercado de trabalho. Em um artigo posterior, Borjas (1996) acusa alguns empresários norte-americanos de utilizarem mão de obra imigrante, normalmente indocumentada, para aumentarem seus lucros, já que pagam salários menores que para os nativos. Segundo ele, isso tem gerando um aumento da imigração de trabalhadores sem qualificação, rebaixando o nível salarial e prejudicando os trabalhadores nativos sem qualificação.

Ocorre, aqui, outra divisão entre os teóricos: os do capital humano e os da segmentação. Os primeiros acreditam que os imigrantes tiram oportunidades dos trabalhadores nativos, aceitando salários menores, prejudicando a economia e, por outro lado oneram o país por usufruírem dos serviços assistenciais do *welfare* americano (SASAKI e ASSIS, 2000).

A segunda visão economicista vem de Michael Piore (apud Borjas, 1990, p. 83), teórico da segmentação, que explica que os imigrantes não tiram empregos dos residentes porque trabalham em ocupações não aceitas pela força de trabalho nativa. Assim, ele assume a existência de um mercado secundário de trabalho, com ocupações menos prestigiosas, que exigem menor qualificação. Esse mercado secundário, que não é interessante para o trabalhador local, atrai o estrangeiro menos qualificado – ou às vezes mais qualificado do que a função exige – e, devido às diferenças macroeconômicas, remuneram os trabalhadores imigrantes algumas vezes mais do que em seu país de origem. Um exemplo típico é de uma professora que sai do Brasil para trabalhar no ramo de faxina doméstica nos EUA, porém,

diferentemente da maioria – importante destacar que essa não é a trajetória da maioria dos emigrantes brasileiros –, conseguiu ascender profissionalmente.

[...] quando migrou para os Estados Unidos tinha 29 anos, era solteira, trabalhava como professora e havia concluído o curso superior. [...] Logo que chegou percorreu o caminho semelhante ao de outras imigrantes: trabalhou inicialmente com faxina, como empregada doméstica “live in” e depois numa firma de festas, emprego no qual permaneceu por alguns anos. [...] O depoimento de Eliane diferencia-se das demais mulheres entrevistadas, pois ela conseguiu sair do nicho de mercado restrito às brasileiras – a faxina e o emprego doméstico – e inseriu-se em uma atividade profissional de acordo com a sua qualificação profissional (ASSIS e SIQUEIRA, 2008, p. 11-12).

Observados historicamente, os grandes fluxos de emigração de cidades brasileiras – e aqui Governador Valadares é o exemplo mais pungente e próximo – tornaram-se significativos na chamada “década perdida” de 1980, quando o Brasil enfrentava uma grave crise econômica. Essa crise seria, então, o chamado fator expulsor (*push*) dos trabalhadores para uma econômica mais desenvolvida e estável, como a norte-americana. De forma análoga, a atual crise econômica, que tem seu epicentro nos EUA, mas também muito forte na União Europeia, está repelindo os imigrantes que tendem a retornar ao Brasil, e demais países de origem. Esse movimento já começa a ser sentido na região de Valadares.

A segunda linha teórica, denominada histórico-estrutural, é composta por pensadores economistas e sociólogos americanos. Essa linha se subdivide em dois grupos teóricos. O primeiro explica o mercado de trabalho dual, com postos de trabalhos de maior status que são preenchidos pelos nativos de um lado, e do outro lado, postos menos valorizados relegados aos imigrantes. O segundo grupo estuda as mudanças estruturais causadas pela globalização moderna, principalmente após o desenvolvimento tecnológico mais acelerado que ocorreu desde os anos 80, levando a um novo modelo de produção capitalista. Este modelo criou grandes transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas, culturais e ideológicas em todo o planeta (SIQUEIRA, 2006).

No mercado de trabalho dual, os trabalhadores nativos mais capacitados formam a “aristocracia de trabalho”, beneficiados pelos sindicatos e pelo *welfare state*, deixando e os menos favorecidos (imigrantes, minorias étnicas e mulheres) com as ocupações marginais, de menor remuneração.

O emigrante brasileiro típico vai para os países de economia mais desenvolvida para trabalhar no mercado secundário, que se constitui por ocupações que os nativos não querem ter, pois não exigem qualificação, refletindo em baixas remuneração e prestígio. Em muitos casos há um rebaixamento de status entre as atividades que ele desempenhava no país e vai realizar no exterior. A diferença do ganho justifica tal rebaixamento.

Esta explicação está em completa aderência à visão marxista de divisão social do trabalho no capitalismo, onde as classes sociais são determinadas pelo nível de renda que é distribuída de maneira desigual e onde algumas pessoas vivem do trabalho de outras. Os capitalistas querem pagar salários cada vez menores para maximizar ganhos e usam o trabalho imigrante, menos qualificado, para isso.

Estruturalmente, o mundo se reorganizou sua economia, de forma diferente da organização política. A mobilidade do capital e das mercadorias é total. O mercado de mão de obra também se globalizou, mas de forma mais restrita. Os fluxos de trabalhadores obedecem aos interesses do capital.

Há algumas situações relacionadas às emigrações que não conseguem ser explicadas pelas teorias econômicas. Essa visão utilitarista dos economistas é parcialmente verdadeira, mas não consegue explicar totalmente as decisões dos migrantes. Há aspectos mais complexos relacionados à decisão de migrar que os puramente de natureza econômica.

3.3.2 Teorias baseadas em aspectos sociais

Fusco (1998) explica que há situações que não podem ser explicadas pela visão econômica e que a migração é seletiva, tendo seus primeiros fluxos entre pequenos proprietários e trabalhadores com alguma especialização. Segundo suas análises realizadas sobre os dados de um *Survey*¹⁴ realizado em Governador Valadares em julho de 1997, o início do fluxo migratório dessa cidade ocorreu timidamente no ano de 1980, explodindo no ano de 1985, crescendo até 1987 e depois decrescendo até estabilizar a partir do ano de 1990. Apesar da crise econômica pela qual o Brasil passava, ele chega a conclusão de que a migração valadarense é:

Um processo que é mediado coletivamente e cuja organização é fortemente influenciada por laços estabelecidos sobre as fronteiras e através do tempo não comporta uma explicação restrita à racionalidade econômica e ao capital humano. [...] podemos analisar a migração como um produto social, não somente como resultado de decisões individuais, não unicamente como resultado de parâmetros econômicos ou políticos, mas como o resultado destes e outros fatores em interação (FUSCO, 1998, p. 31).

Ainda pelas análises de Fusco (1998) sobre os dados do *Survey*, 13% dos emigrantes tinham nível superior completo/incompleto e 43,9% tinham o ensino médio completo/incompleto, ou seja, 56,9% dos emigrantes tinham um nível de qualificação. Os primeiros emigrantes de Governador Valadares eram pessoas de classe média que não

¹⁴ Dados retirados do *survey* realizado pela professora Teresa Sales (IFCH-UNICAMP) na cidade de Governador Valadares em julho/1997, relativos à primeira viagem que o emigrante realizou com destino aos EUA.

estavam, necessariamente, desempregadas. Pattara (2005) indica que os novos fluxos emigratórios brasileiros foram constituídos por jovens adultos de classes médias urbanas.

É comum se deparar com casos de pessoas com situação econômica privilegiada no Brasil que decidiram emigrar pela facilidade da realização do ato ou pela aventura que ela representa. Pode-se dizer que em todos os casos há uma busca pela melhoria da vida, mas esse motivo é um tanto subjetivo.

Há outras questões que não conseguem ser completamente explicadas pela visão materialista. Por que muitos emigrantes desistem do plano de retornar ao país de origem depois de terem amealhado o capital razoável e construído um patrimônio, já que este era o seu projeto original? Por que muitas crianças valadarenses não querem estudar, acreditando que o futuro delas será emigrar para trabalhar nos Estados Unidos?

Siqueira (2006) demonstra, através do relato de um professor aposentado, que não é só por dinheiro que se emigra.

Graças a Deus tenho minha casa e tenho duas aposentadorias, não vim só por causa do dinheiro. Sabia que a vida aqui é dura e ser pego pela imigração é sempre um risco, mas, a vida em Valadares estava sem graça depois que fiquei viúvo e meus filhos casaram, então vim para conhecer e ganhar mais um dinheirinho, assim dá pra ajudar mais os filhos (Alex, 62 anos).

Este relato é de um professor aposentado que tinha um padrão de vida de classe média no Brasil, antes de migrar. Sua decisão de emigrar passou muito mais pela experiência da aventura do que pelos ganhos financeiros (SIQUEIRA, 2006, p. 52).

A riqueza de um país, medida por seu PIB, pode não ser o único indicador de “qualidade de vida” de sua população. O conceito de qualidade de vida surgiu nos anos 1960, e apesar de não ser consensual, aponta para uma visão holística e humanizada do cidadão, passando pelos campos material, biológico, psicológico e social (FRANKEN, COUTINHO E RAMOS, 2008, p. 181).

Os “novos economistas” perceberam que o ato de emigrar não é puramente econômico. Portes (1995) defende a ideia de uma Sociologia Econômica ou de uma Sociologia da Imigração, para que se possa compreender mais profundamente o fenômeno da migração. Para Portes a migração é uma “ação econômica socialmente orientada” e não pode ser explicada por uma ou outra ciência, mas por uma convergência de conhecimentos de ambas.

Sendo assim, a migração não é individual, mesmo que apenas uma pessoa saia do seu país. Além do emigrante, há vários atores envolvidos no processo, para que ele se torne possível. A decisão ocorre no momento em que o emigrante tem informações sobre a

possibilidade de trabalhar e se manter no outro país, mas “o projeto torna-se, portanto, familiar, afetivo e econômico, envolvendo aqueles que não migram nesse processo” (ASSIS, 1996, p. 37). Ele não aconteceria sem a participação da esposa que aguarda, pacientemente, a volta do marido, sem os avós que cuidam dos netos, sem os parentes que se incumbem de investir as remessas do emigrante, construindo seu patrimônio. Por isso a unidade de análise deixou de ser o indivíduo e passou a ser a família ou o domicílio.

Surge, então, uma nova abordagem da Sociologia para complementar as explicações sobre o fenômeno da migração, principalmente para os grandes fluxos migratórios modernos, como os que ocorreram a partir de Governador Valadares, Criciúma e outras cidades brasileiras. Neste trabalho abordam-se as redes sociais a transmigração e a cultura da migração, com alternativas complementares de explicação do fenômeno.

Uma rede social é definida pelas ligações múltiplas que existem entre as pessoas, dentro do modelo topológico de rede e tem completa aderência ao conceito de território. Raffestin (1993) apresenta o “sistema territorial” onde ele define os seus principais atos praticados pelos atores: repartição de superfícies, implantação de nós e construção de redes. Ele explica que “toda prática espacial [...] se traduz por uma ‘produção territorial’ que faz intervir tessitura, nó e rede”. Segundo ele, a distância – que se refere à interação política, econômica, social e cultural entre os diferentes locais – pode ser espacial, temporal, psicológica e econômica. Este sistema organiza a hierarquia no controle dos recursos e as relações de produção e, conseqüentemente, as relações de poder.

No sistema territorial de Raffestin os pontos representam os atores, são a expressão do poder, locais de referência. A rede é composta pelas linhas que interligam, que geram a comunicação entre os pontos. Mas, algumas vezes as linhas criam fronteiras, disjunção, dependendo da hierarquia dos pontos. “Toda rede é uma imagem do poder” (RAFFESTIN, 1993, p. 157).

Interessa-nos a visão de Raffestin sobre a utilização que o indivíduo faz da rede para atender a seus interesses:

O que importa saber é onde se situa o Outro, aquele que pode nos prejudicar ou nos ajudar, aquele que possui ou não tal coisa, aquele que tem acesso ou não a tal recurso etc. (RAFFESTIN, 1993, p. 156).

Soares (2002) explica que as redes sociais, quando aplicadas ao processo de migração internacional, possuem certas particularidades.

Rede social essa que abriga várias redes sociais e adquire a instância de rede migratória em virtude do processo em torno do qual ela se organiza. A rede migratória internacional é um tipo específico de rede social – da qual fazem parte certas representações sociais que constituem o cerne da cultura

migratória – que agrega redes sociais existentes, redes pessoais, por exemplo, e enseja a criação de outras redes, como é o caso das agências de falsificação de documentos; consiste, portanto, em rede de redes sociais. (SOARES, 2002, p. 170).

As relações proporcionadas pela rede abrem espaço para outro conceito que é o de capital social, que seria uma forma de obtenção de vantagens individuais. Robert Putnam (1996, p.177) *apud* Schneider e Tartaruga (2005, p. 119) descrevem que, na concepção de Robert Putnam (1996, p.177), o capital social seria o conjunto de dispositivos para “dizem respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas”.

Neste caso as pessoas, pertencente a uma rede social conseguem obter informações e serviços por terem o contato com as *pessoas certas* ou, dito de outra forma, um *contato privilegiado*. Uma pessoa que tenha conhecimento da rede, mas não tenha o capital social, não conseguirá acessar seus serviços. Nas redes sociais a moeda de troca é o serviço prestado, há trocas de favores e às vezes, mas nem sempre, há trocas monetárias, mas principalmente há o trânsito de direitos e deveres.

O interessante é que o chamado capital social tem o mesmo funcionalismo do capital monetário. Alguns indivíduos têm mais ou menos influência, e conseguem exercer seus direitos e deveres sociais – e muitas vezes burlá-los –, dependendo da sua posição na estrutura da rede.

Alguns autores (Tilly, 1990; Portes, 1995; Fazito, 2002, 2010; Fusco, 1998; Sasaki e Assis, 2000; Siqueira, 2006 etc.) descrevem o funcionamento e a importância das redes sociais na migração. De acordo com a teoria das redes sociais as pessoas emigram porque há uma estrutura que facilita sobremaneira esse processo que poderia ser extremamente complexo se realizado individualmente. A rede social cria os meios para a ida do emigrante, sua manutenção na outra sociedade e sua volta ao país de origem.

A rede atende a aspectos puramente materiais, mas também aos psicológicos, como o amparo social e religioso. Por meio da rede os interessados conseguem acessar informações e serviços como: emissão de passaportes, obtenção de vistos, compra de passagens, colocação de trabalho no país de destino, local para moradia, transporte na chegada, tradução, assistência jurídica e até dinheiro para financiar a empreitada. Nas redes há também os ramos ilegais que permitem a entrada parcial ou totalmente ilegal, tornando os emigrantes um grupo indocumentado, que vive à margem de uma sociedade capitalista.

Boekstijtin (1989, *apud* Franken, Coutinho e Ramos, 2008, p. 186) descreve o “dilema do migrante”, que consiste no impasse entre a adaptação sociocultural na sociedade

hospedeira e a “preservação da identidade”, que fica comprometida por essa necessidade de adaptação, ou seja, além de se superar para sobreviver, o emigrante tem sua individualidade, de certa forma, submetida à vontade do corpo social em que está inserido.

Nesse aspecto, a teoria do suporte social de Kaplan et al. (1977 apud Franken, Coutinho e Ramos, 2008) explica que as inter-relações entre indivíduos que as redes sociais promovem têm a capacidade de contrapor ou minimizar o estresse causado pela migração, melhorando, assim, a saúde mental do migrante e sua qualidade de vida (FRANKEN, COUTINHO e RAMOS, 2008, p. 185).

Como as teorias não são excludentes – muito pelo contrário – a rede social também tem a função de complementar o funcionamento do mercado dual, pois é através dela que este se mantém fornecido de trabalhadores com baixa qualificação para os empregos menos remunerados e temporários.

Uma nova forma de se compreender a migração internacional é a “transnacionalização”. Sasaki e Assis (2000) lançam mão de Glick-Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992) para explicar uma nova abordagem relacionada à migração.

[...] as autoras afirmam que a palavra migrante evoca imagens de ruptura permanente, de abandono de velhos padrões, aprendizado difícil de nova língua e cultura [...] tais estudos obscurecem os dados sobre as ligações com o lar, o país de origem (SASAKI e ASSIS, 2000, p. 12).

Nessa nova visão, alguns migrantes são denominados transmigrantes quando mantêm relações permanentes com os dois lugares – país de migração e terra natal – de forma simultânea. Esse reduzido grupo consegue tornar-se, efetivamente, um cidadão transnacional, pois consegue ir e vir entre fronteiras, criando vínculos familiares, econômicos, sociais, religiosos e até políticos nos dois territórios.

O transmigrante consegue manter suas vidas, moradias, família (até mesmo filhos), negócios, participação política e comunitária nos dois territórios. Devido à sua grande mobilidade são identificados com “imigrantes temporários”.

Ele não se desterritorializa nem lá, nem cá. O problema é que vive as contradições em duplicidade, é duas pessoas ao mesmo tempo, “não encerrou seu processo de migração nos seus dois momentos extremos e excludentes”, é um “fora de casa”, “fora de lugar” (MARTINS, 1998 apud SASAKI e ASSIS, 2000).

Jones (1992, apud SASAKI e ASSIS, 2000) explica que o transmigrante contribui para legitimar a inserção excludente dos países periféricos no sistema econômico global, oferecendo mão de obra barata a ser explorada, porém com desvantagem sobre os emigrantes

ilegais que conseguem usufruir um pouco do *welfare state* americano. E complementa que essa categoria potencializa os efeitos de classe do capitalismo:

Desta forma, sugere que a transnacionalização é ao mesmo tempo um produto do capitalismo e contribui para a expansão de classe, o que implicaria em reconhecer que a produção e reprodução de classe, não é simplesmente um fenômeno sócio-econômico, mas também um fenômeno político cultural (SASAKI e ASSIS, 2000, p. 15)

Do ponto de vista sociológico, a cultura da emigração é outro aspecto que precisa ser analisado, dentro do escopo da discussão sobre a migração. O conceito de cultura (assim como o de identidade) é muito amplo e complexo. Neste trabalho não cabe discuti-lo com profundidade. Todavia, falar sobre ele torna-se necessário, tendo em vista sua influência sobre as decisões de emigrar, quando decidem emigrar, quando decidem retornar, quando decidem não retornar e até mesmo quando decidem voltar a emigrar. Tais conceitos explicam também as dificuldades que o migrante enfrenta, tanto na ida como no retorno.

De forma bem simplificada e específica, considera-se cultura como sendo um conjunto de valores e crenças, que habitam o imaginário de um grupo de pessoas e, mais especificamente, da população de um território – que pressupõem uma cultura territorial comum – e que cria pressupostos simbólicos (nem sempre racionais), a partir dos quais as pessoas tomam suas decisões. Toda cultura é coletiva, mas sua influência se plasma nas decisões dos indivíduos isoladamente, por estarem imersos e sujeitos a ela.

Não pode ser ignorada a existência de uma cultura que valoriza a emigração, enfatizando seus aspectos positivos e escondendo seu lado negativo e prejudicial, que chega a ser trágico em muitos casos.

Os primeiros emigrantes da cidade de Governador Valadares partiram para os EUA não apenas por razões econômicas e sim pela aventura e pela curiosidade de conhecer um país que consideravam rico, desenvolvido, cujo estilo de vida, narrada no cinema, as expectativas de consumo traduzido no *american way of life*, embalavam os sonhos dos jovens da época – era a terra das grandes oportunidades.

[...] As cartas acompanhadas de fotos eram enviadas com frequência, para amigos e parentes, relatando as oportunidades e maravilhas da terra, construindo e difundindo um imaginário sobre a grande aventura que era emigrar (ASSIS e SIQUEIRA, 2008, p. 2).

A cultura da emigração cria uma falsa ideia de que o país desenvolvido é um paraíso para se viver, se comparado ao Brasil. Não está claro que os próprios emigrantes contribuem, com seu trabalho, para que esses países sejam desenvolvidos. Simbólica e literalmente falando, os imigrantes cuidam do jardim dos americanos, mas não têm tempo nem dinheiro para cuidar do seu próprio jardim. Esta analogia tem a intenção de mostrar que poucos terão

sucesso no país estrangeiro e que “fazer a América” é muito mais parecido com “fazer pela América” do que “se fazer na América”.

Emigrar, no imaginário popular, é uma aventura muito boa que leva sempre a uma vida prospera e feliz. A “cultura da emigração” só mostra seus aspectos positivos, mas não fala nada sobre os fracassos e as perdas. As perdas materiais são grandes, mas as psicológicas são irreparáveis e nem uma nem outra são noticiadas. Para agravar a situação, vários retornam com problemas de saúde física e/ou mental.

O emigrante é visto como um herói que vai ao território estrangeiro (como o Ulisses mitológico) para enfrentar imensas adversidades e retornar, um dia, laureado por suas conquistas. Essa imagem é tão forte que aqueles que não conseguem alcançar o sucesso na sua empreitada não voltam, ou voltam com um extremo sentimento de fracasso.

Outro aspecto cultural é o que Max Weber descreve em seu livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. A crença protestante, baseada nas ideias calvinistas, prega o trabalho e a prosperidade. Mesmo que isso não esteja explícito nas pregações, a interpretação do adepto é de que o sucesso material é bom e deve ser buscado através do trabalho duro.

O trecho abaixo, extraído de uma entrevista realizada por Amorim (2008) com um pastor de uma igreja protestante histórica missionária retrata essa lógica:

Ultimamente estou pregando uma série de mensagens, as regras gerais da Igreja dizem assim: Trabalhe o máximo que você puder trabalhar; economize o máximo que você puder economizar; dê o máximo que você puder dar. É o que eu tenho ensinado a eles: estude, estude, estude. Procure fazer concursos. Procure crescer no seu trabalho. Chegue ao ponto mais alto que você puder, sem deixar de ser honesto, sem esquecer esses princípios. Eu tento motivar algumas pessoas da Igreja a participar da vida pública... (AMORIM, 2008, p. 103).

Existe a crença de que em alguns poucos anos de trabalho duro no exterior permitirão ao emigrante construir um patrimônio em território brasileiro que levaria toda uma vida para ser alcançado trabalhando em seu país. E se o homem serve a Deus através do seu trabalho, não há nada de mal nisso. Esse espírito capitalista impregna a mente do emigrante que vai para esses países desenvolvidos. Aproveitar todos os minutos possíveis para acumular capital é plenamente aprovado, já que é uma crença comum, pelos grupos sociais de sua convivência: pelos nativos que os empregam, pelos colegas imigrantes que compartilham moradia e poucos momentos de convivência e pela família que pacientemente espera seu retorno. O “espírito capitalista” torna-se, dessa forma, o valor maior de todos e a justificativa para tudo, até mesmo burlar os outros valores.

Para Weber (1997) o espírito do capitalismo moderno, representado na Europa Ocidental e América do Norte, está no “caráter ético de máxima orientadora de vida”. O

ganho não é simplesmente necessário, mas é a razão da vida. Weber colocou a ética protestante como “condição necessária para acumulação de capital e para impor um código de disciplina sobre a força de trabalho” (SASAKI e ASSIS, 2000, p. 3).

É perceptível em algumas regiões uma cultura da emigração mais exacerbada. Ela se torna clara quando há uma supervalorização do ato de emigrar, sendo mais proeminente do que em outras regiões, refletida efetivamente no número de pessoas que realizam a *travessia*.

O migrante gasta muita energia em seu processo de migração, por estar lutando contra todas as estruturas e poderes que querem mantê-lo em seu território original. Por outro lado, a sua ligação emocional com o território original é muito forte. O emigrante investe na construção de um imóvel no seu território, sendo que nunca conseguirá ter um retorno financeiro, porque alguns desses territórios são muito desvalorizados. Não é só a visão econômica.

Além do custo individual existe o custo social. Siqueira (2009) aponta que em Governador Valadares o custo social da emigração foi reforçado pela cultura predatória danosa ao território, devido às opções de investimento de sua elite. Os ciclos econômicos da região (Vale do Rio Doce) foram predatórios nas perspectivas ambiental, social e cultural, provocando na população um efeito de valorização do que é *de fora* em detrimento do local.

Porém, há outra modalidade não citada, devido ao fato de não oferecer autonomia decisória, mas uma premência involuntária. Trata-se dos flagelados ou grupos em situação de alto risco de vida que necessitam sair de seu território ou país. Os fatores motivadores podem ser as condições naturais inóspitas, perseguições políticas, guerras ou outros. Esses indivíduos não migram por opção, mas por falta de opção.

Diremos que a mobilidade é autônoma quando resulta de uma escolha deliberada, e heteronômica quando resulta de uma coerção. Há, naturalmente, casos-limite. Trata-se de uma mobilidade autônoma o caso daqueles que têm para escolher o deslocamento ou a morte? [...] Tomemos, por um lado, o exemplo do nordestino brasileiro que emigra para escapar da fome: ele faz uma escolha “autônoma” (RAFFESTIN, 1993, p. 88).

Pelo que foi visto, é possível concluir que a decisão de emigrar – excluindo-se aqui os flagelados – é parcialmente deliberada. Há liberdade de escolha, mas há também constrangimentos. A decisão é ocasionada pela combinação de vários fatores, dentro dos campos econômico e social. As motivações têm raízes materiais e culturais, racionais e irracionais, objetivas e subjetivas, individuais e coletivas. Pela complexidade do tema, não se pode ser leviano ao tratá-lo, devendo buscar uma compreensão mais profunda do que as meras aparências.

3.4 MOBILIDADE SOCIAL ATRAVÉS DA MIGRAÇÃO

Existem dois tipos de mobilidade das pessoas e famílias. A primeira ocorre espacialmente, através das migrações e a outra ocorre socialmente, pela mudança de classe social, na maioria dos casos no sentido ascendente. Interessa-nos ambas, tendo em vista a importância da mobilidade espacial como fator propício à mobilidade social, ou seja, a ascensão social dos indivíduos que emigram e retornam para seu território.

O sonho da melhoria de vida impulsiona os indivíduos a emigrarem para, supostamente em curto prazo, conseguirem uma ascensão social. Em alguns casos a motivação é o medo da perda de posição social em que já se encontra.

A dominação e a exploração implícitas na relação capital-trabalho são mais desfavoráveis para os imigrantes devido à vulnerabilidade social em que eles se encontram, principalmente se indocumentados. Os pequenos empresários aproveitam essa mão de obra mais barata para aumentar seu lucro, que é menor com os trabalhadores nativos, pois esses possuem alguma proteção social (sindicatos, leis trabalhistas, *welfare state*, seguro social etc.)

No país de destino dos migrantes internacionais, os trabalhadores locais se negam a desempenhar funções pouco qualificadas, mal remuneradas e de baixo prestígio social. A variação entre a oferta e a demanda por trabalhadores nativos não é o único componente das variações salariais. Há também um outro componente, o prestígio e status esperado pelos indivíduos e reconhecido pela sociedade. Aumentar salários para atrair os trabalhadores nativos eleva os custos da produção, além de criar estrangulamento no processo produtivo, sendo mais acessível e barato, num período de pouca oferta de trabalho, a importação do trabalho do imigrante que aceita as condições – baixo salário e pouco prestígio social (SIQUEIRA, 2006, p.33).

Borjas (1996) considera que os imigrantes não qualificados prejudicam a economia americana, como um todo. Segundo ele, um pequeno número de empresários e consumidores ganha com a mão de obra barata do imigrante, mas que muitos trabalhadores americanos perdem. Ele propõe que a política de imigração americana permita a entrada apenas de imigrantes qualificados.

Immigrants increase the number of workers in the economy. Because they create additional competition in the labor market, the wages of native workers fall. At the same time, however, native-owned firms gain, because they can hire workers at lower wages; and many native consumers gain because lower labor costs lead to cheaper goods and services (BORJAS, 1996, p.77).¹⁵

¹⁵ Tradução: “Imigrantes aumentam o número de trabalhadores na economia. Por eles criarem concorrência adicional no mercado de trabalho, os salários dos trabalhadores nativos caem. Ao mesmo tempo, no entanto, nativos proprietários de firmas ganham, porque eles podem contratar trabalhadores com salários mais baixos; e vários consumidores nativos ganham porque custos trabalhistas menores levam a bens e serviços mais baratos.”

Muitas vezes, o emigrante perde status social e passa a pertencer a uma classe social inferior a que ocupava na origem. Mas, a expectativa é que a ascensão social ocorra no seu próprio país, conseguida pela acumulação financeira obtida pelo trabalho duro no período de “exílio”.

O projeto de emigrar, independente da direcção do fluxo, passa sempre pelo desejo de retornar com uma situação económica melhor. A compra de casa própria, o investimento num negócio que possibilite um rendimento maior, são os principais motivos que impulsionam o projecto emigratório (SIQUEIRA, 2009, p.142).

O período da emigração é uma espécie de estado de suspensão, em que as pessoas mudam drasticamente seus valores, sua moral, seus conceitos; mas somente durante o período em que estão no estrangeiro. Nesse período aceita-se tudo, qualquer trabalho, todo sacrifício pela acumulação financeira.

O projeto de emigrar é, para o emigrante, um tempo em que a vida pára. Quando constrói esse projeto, ele tem em 50 mente que, no decurso de certo prazo, em que a linha da vida estará em suspense, ele estará engajado na aventura da migração internacional; passado esse tempo, voltará ao contexto natural de sua vida (SIQUEIRA, 2006, p.49-50).

Os emigrantes recebem salários menores que os dos nativos, fato que os coloca em um estrato inferior dentro da classe trabalhadora. Eles trabalham em atividades desqualificadas fora de sua área de atuação e muitas vezes de qualificação no país de origem.

O plano do emigrante é trabalhar e poupar para adquirir bens que irão lhe garantir conforto e renda na cidade de origem. Seus investimentos visam principalmente, manter o status ou ter uma ascensão social ao retornar.

O principal motivo declarado pelos entrevistados para emigrar é a possibilidade que vislumbram de ascensão social, concretizada através da compra da casa, da aquisição de bens de consumo duráveis e não duráveis, da abertura de uma empresa, etc. Emigram, portanto, tendo como principal motivação a possibilidade de ganhar dinheiro e de melhorar o padrão de vida no Brasil (SIQUEIRA, 2009, p.151).

Pouquíssimos conseguem o feito de elevar sua classe social no país hospedeiro, devido à sua condição de indocumentado (considerado ilegal perante as leis dos países), que não lhe permite um trabalho melhor e mais bem remunerado. Alguns fatores limitantes são: a baixa qualificação, a falta de domínio da língua do país, a resistência dos nativos e o senso de exploração típico dos países capitalistas. Normalmente, o imigrante que consegue progressão social deixou de ser mero imigrante e tornou-se cidadão, possuidor de todas as proteções sociais dos nativos.

Siqueira (2009) conclui que a maior parte dos emigrantes valadarenses retornados dos EUA e Portugal e tornaram-se empreendedores, obtendo mobilidade social ascendente, o

mesmo ocorrendo com seus familiares que permaneceram na cidade. Em parte, o capital financeiro estrangeiro ajudou na formação do capital humano do valadarense, financiando a educação dos filhos dos emigrantes com suas remessas. Mesmo os retornados que não tiveram ascensão social reconhecem que a emigração é uma via para tal.

Entendendo que a mobilidade social é o movimento de pessoas de uma posição social para outra, essa mudança pode ser ascendente ou descendente, de curta ou longa distância, podemos concluir que os emigrantes que retornaram e foram bem sucedidos em seus investimentos obtiveram uma mobilidade ascendente. Destacando o grupo dos transmigrantes cuja mobilidade foi ascendente e de longa distância (SIQUEIRA, 2009, p. 152-153).

Além das fronteiras físicas e políticas, existem as fronteiras sociais e culturais. Muitos indivíduos adentram legalmente os territórios físicos dos países, mas não os territórios sociais. A mobilidade social no país estrangeiro é mais difícil para o imigrante que para o nativo.

Depois de muito tempo, alguns emigrantes que conseguem regularizar sua documentação, decidem permanecer no país estrangeiro, podendo, em alguns casos, ter alguma ascensão social. Para muitos não importa a classe social que ocupem, desde que possam consumir bens e serviços que não tinham acesso no seu país.

Mas, eles não percebem que, mesmo que a lei permita, acabam não usufruindo de todos os benefícios sociais que os nativos têm, principalmente no com relação à aceitação social. O preconceito, muitas vezes, é velado, mas se reflete em restrições no convívio com os “amigos”.

Outra via para a ascensão social do emigrante seria o acréscimo de qualificações (credenciais) e perícias (talentos) no seu capital humano. Habilidades raras valorizam o indivíduo no mercado de trabalho, sobrepondo especialistas sobre os não especialistas (SANTOS, 2002). Porém, os emigrantes têm uma dificuldade muito grande em agregarem essas credenciais.

A mobilidade social é mais factível para o emigrante que se torna empreendedor na origem. Caso ele tenha sucesso, poderá ter uma ascensão social real. Esse é um dos motivos que torna relevante o estudo do fenômeno do empreendedorismo do emigrante internacional que retorna ao seu território.

3.5 IMPACTOS DA MIGRAÇÃO SOBRE TERRITÓRIOS E INDIVÍDUOS

Como já demonstrado no texto as decisões relacionadas à migração não são puramente individuais. Quando tomadas em grande escala, criam fluxos e interferem nas configurações dos territórios, tanto o de origem quanto o de destino.

Um território que recebe muitos emigrantes tem suas características culturais e econômicas alteradas. Nos países hospedeiros, alguns mercados de trabalho, nos quais os emigrantes atuam (faxina, empregos domésticos, construção civil, restaurantes, dentre outros) reduzem seu nível salarial, devido a um aumento da concorrência de mão de obra. O impacto é tão grande que economistas – como o americano Borjas (1990, 1996), por exemplo – lutam por regras que restrinjam a entrada de imigrantes em seus países.

Do outro lado, no território de origem, as remessas dos emigrantes aquecem e inflacionam a economia, mesmo que só em setores específicos, como por exemplo: o imobiliário, o da construção civil, o de bens de consumo duráveis etc.

Outro impacto da migração são os bairros ou enclaves étnicos. Castells (2005) descreve o bairro parisiense de *Belleville*, que se caracteriza por ser um “lugar” onde coexistem diversas comunidades étnicas de imigrantes. Algumas etnias que são naturalmente conflitantes coexistem pacificamente nesse espaço, mesmo havendo alguma tensão entre elas. O bairro se renovou ao longo dos anos, passando de uma “paisagem” de subúrbio pobre para outra mais moderna, mas guarda traços históricos, através de construções quase em ruínas. Nesse espaço os territórios étnicos coexistem.

Comunidades étnicas, que freqüentemente degeneram em hostilidades entre si, coexistem pacificamente em Belleville, embora atentas a seu espaço e certamente, não sem tensões” (CASTELLS, 2005, p. 514).

Siqueira (2006) também nos oferece um exemplo de mudanças ocorridas em um território, provocada pela migração em maior escala:

Um outro exemplo de como o espaço físico das cidades é reconfigurado pela presença dos imigrantes é o *downtown* de Framingham, Região Metropolitana de Boston, Massachusetts. Esta região era até a metade da década de 1980 uma área degradada e abandonada. Com a instalação de vários estabelecimentos comerciais étnicos de brasileiros a região passou a vivenciar um novo dinamismo econômico (SIQUEIRA, 2006, p. 47).

3.5.1 Identidade do migrante

A identidade está relacionada a um sentimento de unicidade, de individualização que a pessoa constrói através da articulação com uma sociedade, visando conferir integridade e durabilidade ao ser, diante da vida social. A identidade é individual, mas é moldada pela

cultura, que é coletiva, traduzindo uma relação dialógica, que pressupõe uma interferência mútua entre o indivíduo e a sociedade.

Partindo dessas reflexões, não há como isolar uma da outra. Mas, o migrante quebra esta relação dialógica com a sociedade original e cria uma nova relação com a sociedade hospedeira. Com o passar do tempo sua idiossincrasia se adaptará ao novo ambiente cultural.

A relação entre território e identidade é estreita.

[...] pode definir a identidade como uma construção simbólica de identificação-diferenciação produzida em relação ao um marco de referência determinado: o território, o gênero, a idade, a classe, entre outros (MARASCHI, 2006, p. 27).

O sentimento de pertença é básico para a estabilidade da identidade e fundamental para a saúde mental de um indivíduo. Por isso, o território torna-se uma necessidade referencial. Mas, o pertencimento provém muito mais de territórios simbólicos do que de territórios físicos, embora um esteja contido no outro. A migração causa a desterritorialização e o desenraizamento do sujeito. Com isso, ele perde o sentimento de pertença,

Importante é compreender que os territórios são extremamente dinâmicos – seja pela sua própria evolução, por crises que nele ocorram ou pela migração. As mudanças impactam na cultura territorial e exigem adaptabilidade dos indivíduos, que são forçados a se readaptarem constante e profundamente suas identidades. O referencial identitário com o território fica prejudicado.

Com o advento da globalização, o multiculturalismo tornou-se o padrão. E mesmo os transmigrantes, que já transitam entre culturas, criam seus territórios particulares para reduzir os choques de identidade. Mas, toda flexibilidade tem limites.

Sayad (2000) descreve bem a situação de angústia do emigrante. Sua identidade está fragmentada entre a culpa pela ausência e a necessidade da ascensão social. Nesta sociedade utilitarista ele tenta diminuir sua culpa comprando o amor da família, trocando a presença por presentes. “O imigrante está aqui e lá, está presente e ausente ou, invertendo os termos, não está aqui nem lá, nem presente, nem ausente. Está duas vezes presente e duas vezes ausente” (SAYAD, 2000, p.20).

Alguns emigrantes se adaptam e passam a viver no país estrangeiro como se tivessem nascido lá. Outros nunca se adaptam e alguns retornam ao seu território. Porém, o emigrante, depois de certo período de tempo se torna um desterritorializado em ambos os lugares. Eles não tem sentimento de pertença ao país de emigração e nem ao país de origem. Não existe uma “identidade global”.

O emigrante torna-se um estranho na sociedade que o recebe, pois não participa da vida social, já que sua vida se resume a trabalhar e, quando não está trabalhando, só convive com seus compatriotas, na sua comunidade étnica. Ele se impõe uma vida de privações pela necessidade de acumulação financeira; por estar indocumentado, na maioria dos casos; e por não falar o idioma do país, em alguns casos. Além disso, a sociedade não o aceita plenamente, fazendo com que não se sinta pertencente a ela, causando uma crise de identidade.

Alguns emigrantes alcançam o sucesso econômico e a ascensão social no país hospedeiro e, nesses casos, apesar de o desejo de retorno permanecer vivo, vai enfraquecendo, tornando-se uma possibilidade para um futuro remoto. A intensidade do desejo de retornar é inversamente proporcional ao tempo que ele fica no país. Em outras palavras, o estranhamento para com a sociedade estrangeira é um fator que fortemente motiva o retorno.

O distanciamento do seu território fez com que o emigrante criasse novos referenciais, relacionados à cultura do território de destino. Quando ele retorna ao seu território original ocorre o estranhamento. Tudo o que fazia parte da sua cultura lhe parece estranho e ele percebe que não pertence mais àquele lugar. Ele retorna ao mesmo local, mas não ao mesmo tempo, ou seja, ao mesmo espaço, logo não ao mesmo território. O intrigante é que a adaptação se torna mais difícil no retorno do que na ida.

O emigrante vive uma situação paradoxal, ao ser forçado a se adaptar a uma cultura diferente – a do país hospedeiro. É uma contínua renegociação de contrapontos envolvendo decisões, sonhos, vontades e expectativas (ASSIS, 1996). O sonho de voltar à terra de origem é grande, no entanto ele precisa se readaptar à cultura da sua própria terra, pois seu território mudou, as relações são outras e ele não se identifica mais com os costumes, modo de vida, enfim, sente-se um estranho na sua própria cultura, no seu próprio lugar. Ele vive a experiência do estranhamento e de identidades múltiplas, ou seja, identifica-se com alguns valores do país de destino, mas lá também é um estranho. Por fim, acaba sendo um estranho nos dois lugares.

Seus referenciais, seus valores mudam na emigração e novamente no retorno, para que o indivíduo consiga se sentir pertencente às duas sociedades, aos dois territórios. O estranhamento acontece nos pequenos detalhes: na alimentação, no consumo de determinados produtos, na preferência por estilos musicais, na tolerância ao nível de ruído ambiental etc.

Os emigrantes são seres corajosos, porque abrem mão, conscientemente ou não, da segurança identitária. Também abrem mão da segurança de alguns “sistemas abstratos”

(GIDDENS, 1991)¹⁶, para buscar a realização de um sonho. Eles saem da sua terra, do seu território, onde têm uma segurança maior, para enfrentar vários tipos de constrangimentos em outro território.

Para os retornados, as vantagens sociais e culturais sobrepõem-se às vantagens econômicas que tinham no exterior (DEBIAGGI, 2004, p. 144 apud SIQUEIRA 2008, p. 276). Eles precisam apresentar, no seu território de origem, símbolos de seu sucesso, mesmo que seja só na aparência, demonstrados pelas suas aquisições. Torna-se um reforço positivo para sua identidade, para seu bom posicionamento na sociedade original. É como se fosse a autorização para o reingresso no grupo abandonado no passado.

Para o emigrante, além do valor de mercado existe um valor simbólico que é comprar a casa na rua onde morava de aluguel, a fazenda onde era vaqueiro. É a possibilidade de mostrar para si e para os outros que seu projeto de emigrar foi bem sucedido (SIQUEIRA, 2008, p. 286-287).

Alguns migrantes conseguem transcender essas crises identitárias e ganhar a liberdade do ir e vir. Essa identidade multicultural é ambígua e ambivalente e uma característica de uma classe especial de migrantes, os chamados “migrantes transnacionais” ou “transmigrantes”, que são aqueles que conseguem viver em dois países, realizando o “estar lá e cá”, sem a crise do “não estar lá nem cá”, ou seja, sem a culpa da ausência ou a tristeza da saudade.

Compreendendo que a transnacionalização provoca um sentimento ambíguo à saudade e ao desejo de retornar à terra natal assim como a apreciação pelo novo mundo de possibilidades e valores culturais e econômicos que se colocam no país hospedeiro, vivendo entre o desejo de retornar e o de ficar, a emigração não se efetiva plenamente. O migrante não é permanente porque tem sempre um projeto de retornar, faz investimentos na terra natal, mantém contatos estreitos com os familiares e amigos. Também não é temporário, porque na ambiguidade entre o desejo de retornar e o de ficar, vai criando relações com o novo mundo e assimilando valores e costumes. Torna-se, portanto, um transnacional (SIQUEIRA, 2006, p. 42).

A ambiguidade da transnacionalização está no sentimento que o emigrante tem em relação a sua terra natal, vivendo fragmentado e incompleto, mantendo-se ligado a ela, construindo uma casa, investindo dinheiro, ligando frequentemente para os amigos e parentes na origem etc. (SASAKI e ASSIS, 2000).

Alguns transmigrantes criam mecanismos para proteger sua identidade, um deles é ter duas casas semelhantes e complementares num país e no outro. Um exemplo disso são os

16 Giddens (1991) chama de “sistemas abstratos” os aspectos capazes de gerar nos indivíduos a sensação de garantia na continuidade de coisas e eventos, transferindo a confiança para atores anônimos. Essa busca por segurança é causada pela forte necessidade psicológica de se ter em quem (ou que) confiar. Mas ela não é plenamente gratificante como no passado, em que era baseada no transcendental. Na pós-modernidade, a confiança se baseia na ciência, devido ao racionalismo, pragmatismo e materialismo que vem predominando desde a Reforma Luterana, acentuando-se com o Iluminismo e as Revoluções Industriais.

transmigrantes que têm casas no Brasil e nos EUA, a daqui com vários objetos que lhe mantém a lembrança da América e a de lá com vários objetos que os mantêm conectados ao Brasil.

Dois conceitos podem ajudar na explicação. O primeiro deles seria o das *representações sociais* que visam transformam o não familiar em familiar reduzindo o estresse perante o novo. Essa familiarização ocorre através dos processos de objetivação e ancoragem. O primeiro processo visa tornar físico o abstrato e o segundo procura associar um conhecimento novo a outro já dominado pelo indivíduo. O segundo conceito é de *objetivação* que pode explicar a compra de carros caros ou a construção de um prédio que chame a atenção na localidade de origem, ambos funcionando como uma mensagem de sucesso que o emigrante quer transmitir aos seus conterrâneos e também para si mesmo, como uma afirmação de que *valeu a pena* passar pelos constrangimentos e que seu projeto migratório foi bem sucedido.

O emigrante se desterritorializa para buscar se reterritorializar em outro país. Se ele retorna à terra natal, tem que se reterritorializar novamente, pois o território que existia quando ele saiu, já não existe mais, afinal existe uma dimensão temporal na composição desse território.

A desterritorialização provoca “múltiplas implicações simultaneamente sociais, econômicas, políticas e culturais, compreendendo as noções de espaço e tempo, o processo de desterritorialização tem acentuado e generalizado as condições de solidão” (IANNI, 1998, p.100). Mas, ela também “acentua e generaliza outras novas possibilidades de ser, agir, sentir, pensar, sonhar, imaginar” (IANNI, 1998, p.101).

3.5.2 O retorno

Segundo Alves (1994, p. 11-12 apud Costa, 2007), a análise dos emigrantes que retornavam foi negligenciada por muito tempo, por ser considerado um fenômeno sem expressão, tanto em quantidade como em impacto. Considerava-se que as pessoas só voltavam no final da vida. Mas, na contemporaneidade esse fenômeno se tornou muito mais vultoso, chamando a atenção dos pesquisadores.

A maioria dos emigrantes internacionais tem o sonho de retornar ao seu lar, o retorno sempre faz parte dos planos de migrar, mesmo que depois esse plano mude (SAYAD, 2000). Eles estão ligados às suas origens por vários laços, sendo que o familiar-afetivo é o mais forte. Esses migrantes, todavia, se sujeitam a passar por situações que não passariam em sua terra

natal, com a justificativa de ganhar dinheiro rapidamente e cumprir com a meta que se impuseram quando decidiram emigrar.

[...] o retorno nas migrações cumpre dois aspectos básicos: 1) fundamenta simbolicamente todo e qualquer projeto migratório; 2) desempenha uma função estrutural na topologia (estruturas invariantes universais)¹ de um sistema de migração que, muitas vezes, o particulariza num dado contexto (a circularidade da rede social da migração) (FAZITO, 2010, p.89).

O desejo pelo retorno acontece, independentemente, do sucesso ou da adaptação do emigrante ao país estrangeiro.

[...] a condição de retorno está sempre latente na essência do emigrante/imigrante. O retorno é, naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhes resta, então, refugiarem-se numa intranquã nostalgia ou saudade da terra. (SAYAD, 2000, p. 11)

Recentemente, o fluxo migratório de retorno está se ampliando, provocado pela crise que assola as economias dos países desenvolvidos desde 2005. Em um momento de crise, o desemprego e as dificuldades financeiras aumentam e, com isso, exacerba-se o nacionalismo e a xenofobia transformando o imigrante no vilão que *rouba* o emprego do nativo.

Porém, o retorno do emigrante acontece para o mesmo ponto geográfico do globo terrestre do qual saiu. Tudo mudou com o tempo: o local original, a sociedade, a economia, o grupo social ao qual pertencia etc. O território mudou e o emigrante também mudou. O tempo não para! O emigrante sofre para se adaptar a um novo território na emigração, mas o pior é quando ele percebe que não pertencente mais à nova configuração do território de origem. Ele tem dificuldade de se adaptar às pessoas, ao ambiente, à cultura, a tudo. Tudo está diferente e ele se sente, então, um estranho na sua própria terra (SAYAD, 2000).

Situação pior ainda é aquela que ocorre com vários emigrantes que, depois de uma vida tão sofrida no estrangeiro para acumular um capital que o emanciparia na sua volta, perde tudo por não saber aplicá-lo adequadamente. Soma-se ao sofrimento pela readaptação o sentimento do fracasso.

Grande parte dos investimentos realizados por emigrantes na Microrregião de Governador Valadares não são bem sucedidos como demonstrado na pesquisa de Siqueira (2006), principalmente por falta de conhecimento do mercado em que investem e de experiência como empresário (SIQUEIRA, 2009, p.10).

Muitos emigrantes saem do Brasil com um baixo grau de escolaridade e não estudam durante o tempo de “exílio”. Os emigrantes voltam por necessidade de sobrevivência e muitos nem trazem capital para investir. O sacrifício de anos termina em vão.

Alguns emigrantes conseguem ser bem sucedidos em seus investimentos e criar condições de geração de renda, mas mesmo estes têm uma perda que não é econômica nem mensurável: durante o período em que estiveram fora perderam o convívio com seus entes queridos. É comum a história de emigrantes que não viram seus filhos crescerem, seus cônjuges mudarem, seus pais envelhecerem ou suas amizades esfriarem.

O retorno ocorre por vários motivos, mas a mesma necessidade econômica que explica a emigração, explica também um grande fluxo de retorno. Com a recente crise econômica no primeiro mundo ocorre a redução de postos de trabalho, de jornadas e de salários. Os ganhos do capital não podem ser reduzidos. Isso acarreta em uma prevalência do nativo sobre o imigrante no mercado de trabalho, e deixa de ser compensador estar no país estrangeiro. Ocorre, novamente, um efeito de repulsa (*push*), mas agora da economia do país hospedeiro, gerando um fluxo migratório de retorno.

Devido à baixa qualificação e ao fato de ser estrangeiro, o imigrante é o primeiro a perder trabalho, em uma economia de primeiro mundo. A redução do ganho pode ser parcial, mas inviabiliza a sua condição de sobrevivência e de continuidade do projeto original. O objetivo é ganhar dinheiro e voltar. Como dizem alguns imigrantes entrevistados

“[...] aqui é muito bom para trabalhar e ganhar dinheiro, mas, o meu lugar é no Brasil [...] quando tiver atingido minha meta, volto para minha terra.”
(Alessandra, 32 anos)

“... aqui é lugar de ganhar dinheiro; lugar de viver é no Brasil.” (Eliseu, 52 anos)

“[...] venho sempre [ao Brasil] para recarregar minhas energias. Aqui tenho meus amigos, os parentes, a vida é muito melhor [...] aqui a gente vive.”
(Eliane, 48 anos) (SIQUEIRA, 2006, p. 47).

O caderno de economia da edição digital do *The Wall Street Journal* em 06 de junho de 2009 apresentou um artigo¹⁷ em que os autores discutem a inversão dos fluxos migratórios devido à crise econômica em uma intensidade não vista desde a Grande Depressão. Com isso os países mais ricos perdem mão de obra e contribuição de impostos dos trabalhadores e, por outro lado, os países mais pobres perdem remessas de dinheiro. Segundo eles, se as economias dos países ricos demorarem a reagir o retorno dos trabalhadores pode dar um impulso nas economias em desenvolvimento, já que estas não pararam de crescer e vários desses trabalhadores são altamente qualificados. O artigo cita uma pesquisa realizada recentemente por Vivek Wadhwa, pesquisador sênior de Harvard, sobre tendências migratórias. Nela 72% dos chineses e 56% dos indianos entrevistados, que estavam nos EUA

17 Artigo de Patrick Barta e Joel Millman intitulado *The Great U-Turn: Global Migration Flows Reverse for the First Time Since the Depression as Work in the Rich World Dries Up*. Disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB124424701106590613.html>. Acesso em: 18/07/2009.

e que voltaram para seus países, dizem que as oportunidades estão melhores no país de origem.

Muitos emigrantes que retornam ao lar têm tido grande dificuldade de se inserir no mercado formal de trabalho. Siqueira (2009) explica que grande parte dos emigrantes que retorna dos EUA para o Brasil não têm o sucesso esperado ou não consegue se readaptar e volta a emigrar para lá. Parte deles reemigra para os EUA ou para outro país, normalmente na Europa.

Poderia se imaginar que uma experiência profissional internacional abriria portas no mercado de trabalho, mas não é o que acontece na prática. As experiências vividas pelo emigrante que retorna não são consideradas pelo mercado de trabalho.

Nunan e Fernandes (2006) observaram que a educação formal é mais valorizada pelo mercado do que a experiência ou o capital que o emigrante traz.

[...] há o sentimento de que o investimento pessoal irá reposicionar o indivíduo no mercado formal de trabalho. Porém, esta nova inserção pode ser ilusória frente as reais demandas do mercado. Nesta realidade, organizações buscam profissionais capacitados e predispostos a enfrentar desafios da flexibilidade e adaptabilidade, inseridas numa nova Era, constituída pela sociedade do Conhecimento, em que se valoriza educação formal e experiência de vida (NUNAN e FERNANDES, 2006).

O emigrante teve experiências de trabalho e pessoais, mas não agregou valores à sua formação profissional ou formal, que são requisitos do mercado de trabalho do seu país de origem. O novo território que ele encontra no retorno exige maior preparo profissional que ele não possui, portanto as oportunidades são escassas para ele.

Se, durante o período de emigração, o indivíduo não elevar seu nível de educação formal ou focar sua atuação profissional em uma área de negócios, dificilmente ele conseguirá, ao retornar, se inserir no mercado formal de trabalho, restando-lhe apenas a opção de empreender, o que não é tarefa simples, pois também exige dele qualificação, conhecimentos e habilidades múltiplas. Vários são os exemplos de emigrantes que, após passar por extremas privações no exterior para formar um capital a ser investido no Brasil, perdem tudo quando voltam por falta de preparo.

a maioria dos entrevistados que regressaram para o Brasil investiram e retornaram para os EUA, porque seus investimentos não obtiveram sucesso, investiram sem conhecimento do mercado e não tinham experiência no ramo nem na forma de administrar uma empresa (SIQUEIRA, 2006, p. 8).

Por outro lado, mesmo no caso do emigrante que tenha tido uma boa evolução na sua qualificação enquanto estava no exterior, não há garantia de emprego no retorno. Singer (2008, p. 119) afirma que “o aumento da qualificação não induz os capitais a ampliar a

demanda por força de trabalho, pois esta depende basicamente do crescimento dos mercados em que as empresas vendem seus produtos”. Isto significa que a absorção de um excedente de mão de obra não acontece imediatamente, mas ela ocorrerá, dentro de um prazo que, provavelmente, o emigrante retornado não aguardará.

A impaciência ou a necessidade de trabalhar do emigrante retornado – isso foi observado na pesquisa – faz com que ele empreenda rapidamente. A maioria dos emigrantes que retorna e aplica seu capital em um negócio, baseia-se em informações de amigos, parentes ou em sua própria percepção, sem fazer um estudo do mercado e sem ter conhecimento sobre o ramo de negócio (SIQUEIRA, 2008).

Siqueira afirma que “são necessários projetos e políticas públicas que auxiliem o emigrante no seu retorno e investimento, sejam acionadas para evitar que torne a emigrar” (SIQUEIRA, 2006, p. 7).

É necessário que a sociedade civil, entidades de classe e o poder público, elaborem, com urgência, programas que canalizem e oriente os investimentos desses que pretendem retornar para que não aconteça com eles o que aconteceu com os 48,6% dos entrevistados que emigraram para os EUA, retornaram, investiram na microrregião e foram mal sucedidos, tornando-se emigrantes novamente (SIQUEIRA, 2008, p. 283).

Mas, a fixação do retornado no local de origem é uma questão que sofre interferência também dos aspectos psicossociais. O estranhamento e a falta de readaptação familiar e social normalmente geram uma crise de identidade que também pode contribuir para que o indivíduo volte a emigrar.

Siqueira (2006) aponta as duas principais variáveis sócio-demográficas que podem indicar o sucesso ou fracasso do retornado. A primeira é o tempo de permanência fora, que distancia o emigrante da realidade do local de origem. Na sua pesquisa 44,5% dos que obtiveram sucesso permaneceu entre dois e quatro anos fora, enquanto 62,9% dos fracassados ficaram no exterior entre cinco e dez anos. A segunda variável é relacionada à forma do investimento. Aqueles que investiram em um ramo que já tinham experiência (52,6%) ou se associaram com alguém experiente (14,5%) tiveram mais sucesso. Cabe lembrar que os emigrantes estavam no mercado de trabalho secundário e, por isso, não adquiriram experiência gerencial ou administrativa (SIQUEIRA, 2008).

A emigração surge como solução para muitos indivíduos. Solução de ascensão social, solução de enfrentar a falta de perspectiva, solução de afirmação identitária, mostrando para si mesmo e para os demais que tem a capacidade de transcender às limitações que o seu território impõe. O emigrante enfrenta suas próprias limitações, busca oportunidades em outro

território, mas sempre com a intenção de retornar ao seu território e mostrar que venceu, que valeu a pena o esforço.

O retorno faz parte do projeto, pois é no território original que ele quer se afirmar, abrir seu negócio, gastar seu dinheiro, ser admirado, tornar-se herói. Quando ele não pode voltar nesta condição, ele não volta ou, se volta, o faz com muito sofrimento. Porém, o emigrante muda e o território muda e eles podem tornar-se incompatíveis.

A experiência vivida em outra cultura modifica seus valores e, conseqüentemente, sua identidade, muda sua forma de se ver no mundo e de perceber sua terra natal e, no retorno, o emigrante não se reconhece mais pertencente ao seu local de origem, torna-se um estranho em sua própria terra natal, pois o tempo de partida que esperava encontrar no seu retorno já não existe mais. Ele mudou e seu território também.

Pelo visto, os emigrantes passam por uma série de dificuldades para se reinserirem no território natal, o que leva ao questionamento de a emigração ser a solução para a melhoria econômica e social dos indivíduos. No caso de Teófilo Otoni (território estudado), a maioria dos emigrantes entrevistados acredita que a emigração atendeu às suas aspirações.

O capítulo 6 apresenta e analisa os resultados da pesquisa de campo, tornando possível aprofundar neste tema, conhecendo os fatores que motivaram os teófilo-otonenses a emigrar, retornar e empreender.

4 EMPREENDEDORISMO

“O empreendedorismo é o combustível para o crescimento econômico, criando emprego e prosperidade” (DORNELAS, 2008, p. 9). Dessa forma, é necessário compreendê-lo e, mais do que isso, decifrar os mecanismos que podem fazer com que ele gere a prosperidade no território estudado. A seguir é feita uma revisão sobre o tema do empreendedorismo e da figura do empreendedor.

4.1 DEFINIÇÃO DE EMPREENDEDOR

O empreendedor é a pessoa que inicia e/ou opera um negócio para realizar uma idéia ou projeto pessoal assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente (CHIAVENATO, 2008, p. 3).

Chiavenato (2008, p. 3) extrapola este conceito simples e direto, descrevendo de forma mais metafórica que o empreendedor é “a energia da economia, a alavanca de recursos, o impulso de talentos, a dinâmica de idéias [...] é quem fareja as oportunidades e precisa ser muito rápido aproveitando as oportunidades fortuitas”.

A inovação é considerada a mola propulsora de uma empresa e de uma economia. Schumpeter, em seu livro *Teoria do desenvolvimento econômico*, publicado pela primeira vez em 1911, já falava da descontinuidade do desenvolvimento econômico, devido às inovações geradas por “novas combinações” entre os fatores: novos produtos; novos métodos produtivos; abertura de novos mercados; conquista de novas fontes de matérias-primas e estabelecimento de novas condições concorrencias (criação e quebra de cartéis ou monopólios). Ele complementa que, na maioria dos casos a essas combinações novas estão corporificadas em empresas novas, que geralmente não surgem das antigas (SCHUMPETER, 1982).

Essas inovações trazem consigo a mudança nas condições concorrenciais entre empresas, fazendo com que algumas cresçam e outras quebrem, e que indivíduos e famílias mudem suas situações sociais e econômicas. Este é o fenômeno dos ciclos econômicos (SCHUMPETER, 1982).

Em outro livro, *Capitalismo, socialismo e democracia* de 1942, Schumpeter define o “processo de destruição criativa” no qual novos produtos, serviços, métodos produtivos e mercados destroem os antigos, substituindo-os de forma mais eficiente e barata (DEGEN, 2009).

Nesse mesmo livro, Schumpeter previu que os Estados Unidos, por meio de seu regime democrático que incentiva a livre iniciativa e os empreendimentos, venceria a corrida econômica com os regimes socialistas liderados pela então União Soviética, com suas economias fechadas [...] (DEGEN, 2009, p. 5).

A inovação torna-se, então, uma importante característica do empreendedorismo, pois provoca a evolução das economias e das sociedades (territórios, no caso). Estas considerações nos levam à compreensão do empreendedor “como agente do processo de destruição criativa de Schumpeter, que é fundamental para o desenvolvimento econômico do país” (DEGEN, 2009, p. 6).

Entrepreneur é uma palavra francesa para empreendedor e significa aquele que assume riscos e começa algo novo. (DORNELAS, 2008). Analisando a etimologia da palavra *empreendedor*, Degen (2009) conclui que seu significado seria *intermediário*. Mas, evidentemente, não descreve a complexidade que ela encerra. É importante compreender que o termo empreendedor não é sinônimo de empresário (o que arrisca investindo capital próprio ou de terceiros visando lucro), nem de executivo (que lidera uma equipe em busca de resultados) e nem mesmo de empregado (que gosta do trabalho que faz e espera ser reconhecido por isso). Por isso, esses termos podem se acumular. Os empreendedores iniciantes assumem os quatro papéis, o que irá mudar com o desenvolvimento do negócio. Normalmente, o espírito empreendedor é aquele que transforma problemas em oportunidades.

Para Dornelas (2008, p.15) “todo empreendedor necessariamente deve ser um bom administrador para obter sucesso, no entanto, nem todo bom administrador é um empreendedor”. Os empreendedores se tornam empresários, mas não dominam os conhecimentos e as ferramentas de gestão, que poderiam dar uma maior chance de sobrevivência aos seus negócios.

Os empreendedores brasileiros consideram que o mais difícil no ato de empreender é a obtenção do capital inicial (*seed money*) e reclamam da restrição do crédito no país. Mas, para Dornelas (2008) este não é o maior desafio, pois o mais complicado é “construir uma empresa e fazê-la crescer, cumprindo as metas do plano de negócios, gerando lucro, criando empregos, atendendo às necessidades dos clientes e recompensando o investidor conforme previsto” (DORNELAS, 2008, p. 215). Não adianta ser visionário ou ter visão estratégica, se não conseguir gerenciar e operacionalizar o dia-a-dia da empresa.

Estudo de Vasconcelos et al. (2007) demonstra que os empreendedores utilizam seu capital social em suas redes sociais¹⁸ para mobilizarem os recursos necessários para seus negócios. As características desses relacionamentos mudam na medida em que o negócio evolui.

Os resultados indicam que os empreendedores utilizam seus relacionamentos para acessar recursos simples e complexos, na fase de criação de novos negócios. Por sua vez, na fase de evolução, a mobilização desses relacionamentos é contingente ao grau de complexidade dos recursos. Ou seja, relacionamentos são mais utilizados para acessar recursos mais complexos. Recursos mais simples são, principalmente, obtidos por meio de relações de compra e venda (VASCONCELOS et al., 2007, p. 115).

Segundo Dolabela (2003), pesquisas demonstram que o empreendedorismo oferece um elevado grau de realização pessoal e que o empreendedor tem prazer no trabalho, fazendo-o avesso à aposentadoria ou ao final de semana.

O estudo sobre o empreendedorismo e as características psicológicas do empreendedor é incipiente e pouco científico. Porém, cabe citar os aspectos comumente relacionados como características empreendedoras. O Quadro 2 apresenta características que foram adotadas por um programa de seleção e treinamento lançado no Brasil, em 1985, pelo SEBRAE em parceria com a ONU.

Características do empreendedor bem-sucedido, segundo McClelland
Iniciativa e busca de oportunidades;
Perseverança;
Comprometimento;
Busca de qualidade e eficiência;
Coragem para assumir riscos, mas calculados;
Fixação de metas objetivas;
Busca de informações;
Planejamento e monitoração sistemáticos, isto é, detalhamento de planos e controles;
Capacidade de persuasão e de estabelecer redes de contatos pessoais;
Independência, autonomia e autocontrole.

Quadro 2 - Características empreendedoras, segundo McClelland
Fonte: Chiavenato (2008, p. 18).

Além das características descritas por McClelland, Chiavenato (2008) complementa outras características como necessárias ao sucesso, que estão relacionadas no Quadro 3.

¹⁸ Os autores não utilizam a terminologia “rede social” ou “capital social”, mas termos como “inserção social” e “redes de relacionamentos” e, ainda, fazendo menção a outros autores que utilizam os termos “imersão social” ou “social embeddedness”.

Características do empreendedor bem-sucedido, segundo Chiavenato.

Ter vontade de trabalhar duro;
 Ter habilidade de comunicação;
 Conhecer maneiras de organizar o trabalho;
 Ter orgulho daquilo que faz;
 Manter boas relações interpessoais;
 Ser um self-starter, um autopropulsionador;
 Assumir responsabilidades e desafios;
 Tomar decisões.

Quadro 3 - Características empreendedoras, segundo Chiavenato.
 Fonte: Chiavenato (2008, p. 20).

4.2 NASCIMENTO DO EMPREENDEDORISMO

A primeira aplicação do conceito foi atribuído a Marco Polo, que firmou um contrato capitalista para vender suas mercadorias, que assumiu um risco passivo, enquanto o aventureiro assumiu riscos físicos e emocionais e estabeleceu uma rota comercial para o oriente. Mas, foi o escritor e economista Richard Cantillon que, no século XVII usou o termo pela primeira vez, diferenciando o empreendedor do capitalista (DORNELAS, 2008). Cantillon via o empreendedor como alguém que aproveitava oportunidades, vislumbrando o lucro e correndo riscos; e que poderia obter um lucro maior pela inovação (CHIAVENATO, 2008).

O pensamento empreendedor iniciou nos séculos XVIII e XIX, com os defensores do liberalismo econômico, que pregavam um mercado de livre concorrência. Thomas Edison foi um dos primeiros pesquisadores que usou capital de investidores para financiar seus experimentos. Já os behavioristas, dos anos 1950, tentaram associar a autorrealização ao perfil empreendedor. Posteriormente, a escola dos traços de personalidade tentou desenvolver uma metodologia para definir comportamentos que orientassem o sucesso de novos empreendedores, mas, pelas dificuldades do tema, até hoje ele é um muito estudado (CHIAVENATO, 2008).

No campo da sociologia, Max Weber talvez tenha dado a maiores contribuições na compreensão dos princípios empreendedores, através de dois livros *A ética protestante e o espírito do capitalismo* e *Economia e Sociedade*. No primeiro ele observa a mudança ocorrida na sociedade ocidental depois da Reforma e a postura positiva da religião diante do trabalho e da acumulação financeira, o que foi bom para o desenvolvimento do empreendedorismo (CHIAVENATO, 2008). No segundo ele estuda os três tipos fundamentais “puros” da estrutura de dominação – burocrática ou legal, patriarcal ou tradicional e carismática – e

explica que a validade do poder da primeira baseia-se na autoridade racional e das demais na autoridade pessoal (WEBER, 1999). Sua *Teoria do Carisma* – que explica a dominação de um líder sobre seus subordinados pela influência obtida através de suas próprias qualidades pessoais e da *missão* que empreende – contribui para compreender, em parte, o tão complexo perfil empreendedor.

Drucker (1987) relata que o empreendedorismo teve um grande avanço nos Estados Unidos, nos anos 1980, quando a economia se redirecionou de *gerencial* para *empreendedora*. A demanda por empregos cresceu muito nos anos 1970 e 1980, devido à entrada das mulheres casadas no mercado de trabalho e também dos jovens, frutos do *baby boom*¹⁹, que atingiam a maioria. Porém, a quantidade de empregos decresceu, principalmente com a crise do petróleo em 1973, quando muitas indústrias fecharam. A grande maioria dos empregos estava nas grandes empresas (“500 da *Fortune*”)²⁰, governos, grandes universidades e escolas e hospitais. Essas organizações dinamizaram a economia, desde o pós-guerra, mas começaram a encolher nos anos 1970.

Na época da publicação de Drucker (1987), segundo a revista *The Economist*, 600.000 novas empresas eram abertas por ano. A indústria de alta tecnologia não foi a responsável, pelo menos inicialmente, por gerar tantos novos postos de trabalho. Mas, Drucker acredita que ela gerou o espírito empreendedor e de inovação, o que motivou muitos jovens a se tornarem empregadores, mudando radicalmente o mercado de ações e provocando a explosão na oferta de capitais de risco, que eram quase inexistentes nos anos 1960. Porém, a indústria de tecnologia não seria capaz de absorver toda a mão de obra liberada pelas indústrias tradicionais.

Contudo, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o modelo de tecnologia passou a ser o processo biológico, o que ocorre dentro de um organismo. E, num organismo os processos não estão organizados a partir da energia, no significado físico do termo; eles estão organizados a partir da informação (DRUCKER, 1987, p. 5).

Drucker (1987) afirmava que o empreendedorismo começava a dar sinais no Japão e que a Europa estava atrasada nesse processo. Também, os países em rápida industrialização, como o Brasil e o México, poderiam vir a ter a crise de empregos, semelhante à dos Estados Unidos. E concluiu “até agora, a economia empreendedora é puramente um fenômeno americano” (DRUCKER, 1987, p. 10).

¹⁹ *Baby boom* foi um fenômeno de crescimento populacional ocorrido nos Estados Unidos, causado por uma alta taxa de natalidade iniciada nos anos 1949 e 1950.

²⁰ A revista de negócios *Fortune* divulga anualmente a lista das 500 maiores corporações norte-americanas (<http://money.cnn.com/magazines/fortune/fortune500>).

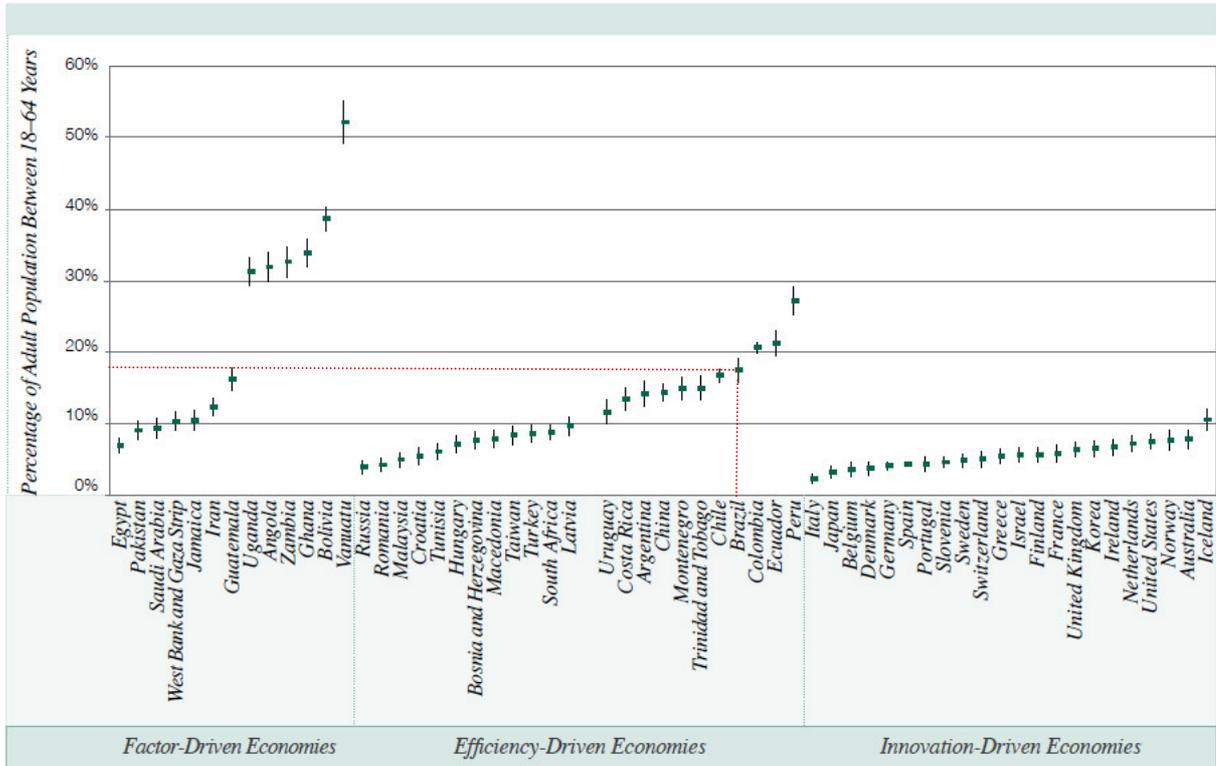
Para ele não foram a eletrônica, a genética ou os novos materiais que fizeram crescer a economia. A “nova tecnologia” é a administração empreendedora. Infelizmente, as indústrias de alta tecnologia sofriam do mal da falta de tecnologia na gestão. O surgimento de uma economia empreendedora tem aspectos culturais e psicológicos, na mesma medida que econômicos e tecnológicos. A mudança de comportamento, valores e atitudes é uma “tecnologia social” chamada Administração, disciplina que teve início durante e depois da II Guerra Mundial (DRUCKER, 1987). Disciplina, aqui, tem um sentido tanto de ordenação de funcionamento como de um conjunto de conhecimentos.

O empreendedorismo no mundo teve um crescimento maior a partir dos anos 1990, tendo se acentuado nos anos 2000. Demonstração disso está nos programas de incubação de empresas, nos parques tecnológicos, nos currículos que estimulam desde a educação fundamental e média, programas e incentivos governamentais voltados para: inovação, transferência de tecnologia, criação de novas empresas, agências de suporte ao empreendedorismo, programas de desburocratização e acesso ao crédito, instrumentos de reconhecimento da propriedade intelectual etc. (DORNELAS, 2008, p. 7-9)

Na Europa, Estados Unidos e Ásia não são só os governos que fomentam o empreendedorismo. A conferência anual de Davos, patrocinada pelo Fórum Econômico Mundial tem sido recorrente em discutir o tema. O GEM – *Global Entrepreneurship Monitor* (Monitor de Empreendedorismo Global) é um consórcio de pesquisa acadêmica sem fins lucrativos cujo objetivo é gerar informação de qualidade sobre a atividade empreendedora em todo mundo. A organização se autodenomina o maior estudo individual sobre atividade empreendedora do mundo (www.gemconsortium.org). Iniciado em 1997 com 10 países, no Relatório Global de 2010 o estudo aplicou *surveys* em 59 economias.

O Gráfico 4 mostra o índice TEA, que significa Atividade Empreendedora Total, de cada país. O eixo das ordenadas indica o percentual da população adulta (18 a 64 anos) envolvida no empreendedorismo. As barras verticais indicam a margem de erro. Nesta edição a GEM dividiu os países de acordo com os graus de evolução de suas economias, de acordo com o Relatório de Competitividade Global do Fórum Econômico Mundial, que são: *Factor-Driven Economies* (Economias baseadas em fatores) que vendem *commodities*, produtos básicos e naturais; *Efficiency-Driven Economies* (Economias baseadas na eficiência) que possuem produções mais eficientes, orientadas para a qualidade; e *Innovation-Driven Economies* (Economias baseadas na inovação) que competem com produtos de maior valor agregado.

Observa-se que o Brasil (destacado com linhas vermelhas) possui uma grande parcela da população (17,5%) envolvida no empreendedorismo, colocando o país no 10º lugar geral e 4º lugar entre os países com economias baseadas na eficiência.



Source: GEM Adult Population Survey (APS)

Gráfico 4 - Atividade Empreendedora Inicial de 59 economias do mundo

Fonte: GEM (2010, p. 10)

Dornelas (2008) relata que no primeiro relatório do GEM, de 2000, o Brasil apareceu em 1º lugar, mas explica que esse índice não mostra desenvolvimento econômico se os novos negócios não explorarem oportunidades de mercado. O GEM definiu dois tipos de empreendedorismo: o de oportunidade ou visionário, onde os empreendedores buscam independência ou aumento de renda e o de necessidade, onde se encaixam todos aqueles que montam um negócio por desemprego ou falta de opção de trabalho e os negócios costumam ser informais e não planejados adequadamente, o que os leva ao fracasso. No Brasil havia predominância do empreendedorismo de necessidade sobre o de oportunidade, mas em 2007 este quadro, felizmente, se reverteu com 57% das iniciativas empreendedoras terem sido consideradas de oportunidade.

De acordo com o relatório 2010 do GEM, os motivos que mais causaram descontinuidade dos negócios nas economias baseadas em eficiência (caso do Brasil) em 2010, pela ordem foram:

- Negócio não lucrativo;
- Problemas na obtenção de financiamento;
- Motivos pessoais;
- Outra oportunidade de negócio ou trabalho;
- Incidente;
- Oportunidade de venda;
- Saída planejada com antecedência; e
- Aposentadoria.

4.3 EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

A globalização impactou as grandes empresas brasileiras, que tiveram que reduzir seus custos para se manterem competitivas e no mercado.

Uma das consequências imediatas foi o aumento do índice de desemprego, principalmente nas grandes cidades, onde a concentração de empresas é maior. Sem alternativas, os ex-funcionários dessas empresas começaram a criar novos negócios, às vezes mesmo sem experiência no ramo, utilizando o pouco que ainda lhes restou de economias pessoais, fundo de garantia etc. [...] Muitos ficam na economia informal, motivados pela falta de crédito, pelo excesso de impostos e pelas ainda altas taxas de juros. (DORNELAS, 2008, p. 1).

Mas, nem só o desemprego conduz as pessoas ao empreendedorismo. Há também aqueles que aproveitam a “onda” da nova economia da Internet e aqueles que herdaram negócios familiares, dando-lhes continuidade.

No Brasil o empreendedorismo começou a ser estudado e fomentado na década de 1990 com o aparecimento do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas) e da SOFTEX (Sociedade Brasileira para Exportação de *Software*), esta última mais voltada à incubação de empresas de tecnologia. Passados vinte anos, a disseminação do ensino de empreendedorismo no Brasil só é menor que nos Estados Unidos (DORNELAS, 2008).

Um grande avanço ocorreu em 1999 quando o Governo Federal lançou o programa Brasil Empreendedor, com o objetivo de capacitar um milhão de empreendedores na elaboração de planos de negócios e captação de recursos em agentes financeiros (DORNELAS, 2008).

Dados publicados pelo Sebrae em 2005 no Boletim Estatístico das Micro e Pequenas Empresas mostram que, em conjunto, as micro e pequenas empresas responderam, em 2002, por 99,2% do número total de empresa formais, por 57,2% dos empregos totais e por 26,0% da massa salarial. O número de microempresas no Brasil, entre 1996 e 2002, evoluiu de 2.956.749 para 4.605.607, com crescimento acumulado de 55,8%, passando a

participação percentual no total de empresas de 93,2%, em 1996, para 93,6%, em 2002. O número total de pessoas ocupadas nas microempresas passou de 6.878.964 para 9.967.201, com crescimento de 44,9% entre os dois anos, elevando a participação percentual no total de ocupações nas empresas de 31,8% para 36,2% (DORNELAS, 2008, p. 2).

“No caso brasileiro, a preocupação com a criação de pequenas empresas duradouras e a necessidade da diminuição das altas taxas de mortalidade desses empreendimentos são, sem dúvida, motivos para a popularidade do termo empreendedorismo, que tem recebido especial atenção por parte do governo e de entidades de classe” (DORNELAS, 2008, p. 1).

Estudo realizado pelo SEBRAE-SP (2006) apresenta dados importantes sobre as micro e pequenas empresas do Brasil:

- Em 2004, 98,2% das empresas brasileiras se enquadram no porte de micro ou pequenas, distribuídas nos setores comercial (56%), de serviços (30%) e industrial (14%). Resumindo, 86% dos pequenos negócios estão no setor terciário da economia (comércio e serviços). Em ambos os seguimentos a quantidade média de empregados com registro em carteira por estabelecimento era de 2 (dois).
- Entre 2000 e 2004, 99% das novas empresas eram pequenas e médias e as taxas de crescimento eram maiores nas regiões Norte, Centro-oeste e Nordeste – regiões com menor concentração de empresas de micro e pequeno porte. A explicação dada pelo estudo era a tendência à desconcentração regional da atividade produtiva.
- No comércio predomina o varejo com a oferta de produtos que atendem às necessidades básicas e com valores unitários baixos.

Outra pesquisa do SEBRAE, de 2007, aponta uma melhoria nas condições do empreendedorismo no Brasil. A Tabela 5 demonstra que a taxa de sobrevivência tem crescido e, por consequência, a taxa de mortalidade tem decrescido.

Tabela 5 - Dados sobre sobrevivência e mortalidade de empresas no Brasil (SEBRAE, 2007)

Taxas de sobrevivência					
Anos de existência das empresas	Ano de constituição formal das empresas (Triênio 2002-2000)	Taxa de sobrevivência (A)	Ano de constituição formal das empresas (Triênio 2005-2003)	Taxa de sobrevivência (B)	Variação da taxa de sobrevivência (B-A)
Até 2 anos	2002	50,6%	Até 2 anos	78,0%	+27,4%
Até 3 anos	2001	43,6%	Até 3 anos	68,7%	+25,1%
Até 4 anos	2000	40,1%	Até 4 anos	64,1%	+24,0%
Taxas de mortalidade					
Anos de existência das empresas	Ano de constituição formal das empresas (Triênio 2002-2000)	Taxa de mortalidade (A)	Ano de constituição formal das empresas (Triênio 2005-2003)	Taxa de mortalidade (B)	Variação da taxa de mortalidade (B-A)
Até 2 anos	2002	49,4%	Até 2 anos	22,0%	-27,4%
Até 3 anos	2001	56,4%	Até 3 anos	31,3%	-25,1%
Até 4 anos	2000	59,9%	Até 4 anos	35,9%	-24,0%

Fonte: Dornelas (2008, p. 3)

Por tudo o que foi relatado, fica claro que o empreendedorismo se desenvolveu pela necessidade de um mercado de trabalho pressionado por um contingente de mão de obra crescente e onde a quantidade de empregos formais diminuía. Porém, a maioria dos desempregados são empreendedores de necessidade e não de oportunidade.

Uma pesquisa do SEBRAE-SP (2008) aponta os fatores que se conjugam para o encerramento prematuro dos negócios:

- (1) Comportamento empreendedor pouco desenvolvido;
- (2) Deficiências no planejamento antes da abertura do negócio;
- (3) Deficiências na gestão empresarial, após a abertura do negócio;
- (4) Insuficiência de políticas de apoio às empresas;
- (5) Problemas de conjuntura econômica e
- (6) Problemas pessoais dos sócios-proprietários.

As empresas encerram suas atividades não apenas devido a uma única causa, mas sim, devido a uma sucessão de falhas ou problemas que, por não serem resolvidos no tempo apropriado, levam à paralisação de suas atividades (SEBRAE-SP, 2008, p. 57).

Este mesmo documento do SEBRAE-SP (2008) aponta fatores associados à redução da taxa de mortalidade de empresas.

- (1) a melhora do perfil do empresário;
 - a. maior escolaridade;
 - b. maior busca de apoio;
 - c. maior planejamento e
 - d. maior capacitação pessoal;
- (2) melhora do ambiente de negócios;
 - a. estabilidade de preços;
 - b. retomada do crescimento econômico e
 - c. ampliação das políticas de apoio às empresas de micro e pequeno porte.

O fechamento de empresas traz impactos sociais em dois aspectos: eliminação de postos de trabalho e perdas financeiras. No estado de São Paulo, em 2006, com o fechamento de empresas com até 5 anos de idade, estima-se que houve uma perda de 267 mil postos de trabalho e cerca R\$ 2,2 bilhões de capital investido.

Os dados analisados demonstram que o empreendedorismo é de fundamental importância para a economia e, por consequência, para o desenvolvimento social de um povo, no capitalismo atual. Por essa razão, torna-se necessário estudá-lo e criar meios para que esse movimento continue crescendo. O foco deve ser dado ao comportamento empreendedor, por

ser o ator que faz o empreendedorismo acontecer. Por esse motivo os cursos de administração, que no passado ensinavam os alunos a serem bons profissionais para trabalhar em grandes empresas, hoje se preocupam em dar subsídios para que eles criem suas próprias empresas (DORNELAS, 2008).

4.4 PROBLEMAS DO EMIGRANTE EMPREENDEDOR

Algumas características empreendedoras são encontradas nos emigrantes, pois foram elas que lhes permitiram se aventurarem em outro país. Como exemplo pode-se citar: iniciativa e busca de oportunidades, perseverança, coragem de assumir riscos calculados, fixação de metas objetivas, busca de informações, capacidade de estabelecer rede de contatos, independência, autonomia, autocontrole, vontade de trabalhar duro, assumir responsabilidades e desafios, tomar decisões etc. Porém, essas características não pertencem a todos os emigrantes e nenhum deles possui todas elas.

Os motivos que fazem o emigrante retornar são variados. Mas, os problemas enfrentados no território original são muito semelhantes. Todos eles precisam trabalhar e conseguir renda, para sobreviver e, em alguns casos, sustentar sua família. Alguns tentam conseguir emprego e não conseguem ou, quando conseguem, ficam insatisfeitos com a renda obtida. Alguns retornam com capital e o sonho de trabalhar por conta própria, ou seja, tornarem-se empreendedores.

Dentre os que se tornam empreendedores, alguns tinham experiência prévia de negócio ou no ramo que atuam, são os empreendedores de oportunidade ou visionários. Outros abrem um negócio por falta de opção, são os empreendedores por necessidade. Os empreendedores do primeiro tipo têm uma chance maior de sucesso (GEM, 2010). Poucos planejam o negócio, mas nenhum deles no nível de detalhe que deveriam. Mesmo dentre os empreendedores visionários, a grande maioria tem conhecimentos gerenciais empíricos, mas falta-lhes capacitação formal na área.

Muitos deles voltaram a emigrar por não conseguirem se manter no território original. O Gráfico 5 mostra os motivos pelos quais o emigrante volta a emigrar, levantados em uma pesquisa realizada ares por Siqueira (2008) com emigrantes valadarenses nos EUA. Uma grande parte (31,4%) não conseguir se readaptar socialmente, mas a maioria não recupera o investimento realizado em algum negócio, seja por insucesso (48,6%) ou por falta de sustentabilidade o empreendimento (17,1% por baixo retorno e 2,9% por incapacidade em gerar recursos para o próprio crescimento).

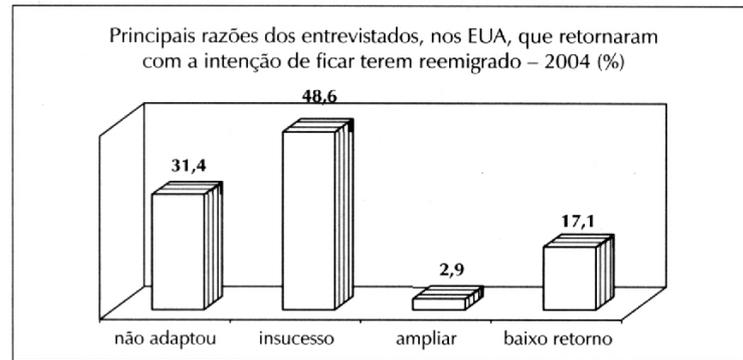


Gráfico 5 - Fatores motivadores de reemigração para os EUA.
Fonte: Siqueira (2008, p. 275)

A maioria dos emigrantes que retorna aplica seu capital baseado em informações de amigos, parentes ou em sua própria percepção, sem fazer um estudo do mercado e sem ter conhecimento sobre o ramo de negócio (SIQUEIRA, 2008, p. 274).

Siqueira (2006) afirma que “são necessários projetos e políticas públicas que auxiliem o emigrante no seu retorno e investimento, sejam acionadas para evitar que torne a emigrar”.

É urgente que a sociedade civil, entidades de classe e o poder público, elaborem programas que canalizem e oriente os investimentos desses que pretendem retornar para que não aconteça com eles o que aconteceu com os 48,6% dos entrevistados que emigraram para os EUA, retornaram, investiram na microrregião e foram mal sucedidos, tornando-se emigrantes novamente (SIQUEIRA, 2006, 169).

O empreendedorismo pode ser a forma mais rápida e efetiva de reinserir o emigrante retornado, contribuindo para o crescimento da economia local, fixando-o na cidade e reduzindo o risco de ele voltar a emigrar. Esta afirmação se baseia em dois princípios inerentes ao empreendedorismo:

- oferece a geração de renda para o sustento próprio e familiar; e
- proporciona gratificação pessoal ao empreendedor.

Ao final, os emigrantes que retornam ao seu território – tomando como exemplo os acessados pela pesquisa –, apesar de todas as vicissitudes, trazem capital, conseguem empreender e vários alcançam o sucesso. Suas dificuldades são de âmbito interno (psicológico, formação etc.) e externo (família, limitações do território etc.), mas eles possuem uma característica importante que é a vontade de vencer.

4.4.1 Empresas como territórios

Uma das primeiras experiências sobre as relações humanas no ambiente organizacional foi realizada por Elton Mayo na década de 1920 e descobriu que as relações interpessoais extrapolam os muros da empresa e se conectam a outras redes relacionais no

território externo. Essa descoberta deu início a uma série de estudos sobre organizações informais que existem no interior das empresas, da busca humana pela satisfação de suas necessidades básicas e da visão orgânica e sistêmica que se deve ter para com as organizações (MORGAN, 2006).

De acordo com as Teorias Sistêmica e Contingencial de Administração, as empresas têm que enfrentar um ambiente que inclui a concorrência de outras organizações, pela disputa de recursos escassos. Segundo Morgan (2006, p. 171) “as organizações são uma representação social; suas relações com o ambiente também são socialmente construídas”.

Empresas também são vistas como organismos vivos que buscam sobreviver em um ambiente, que se divide em ambiente próximo e macroambiente. O ambiente próximo é o que interfere de forma mais intensa, diretamente e imediata sobre o negócio. Nele estão os mercados: clientes, fornecedores, concorrentes, mão de obra, dentre outras classes de atores. Há também o macroambiente que interfere no negócio, mas também em várias outras organizações, de forma mais indireta em prazo mais longo. Nele estão contidas: leis, governo, tecnologias, aspectos culturais etc.

Uma recente área denominada *demografia organizacional* é criada pelos estudos relacionados à *ecologia da população* de empresas, baseando-se na teoria da evolução de Darwin, onde a seleção natural faz com que apenas as organizações mais aptas sobrevivam na luta pelos recursos escassos do ambiente. Porém, Schumpeter (1982, p. 43) é contrário à utilização da teoria evolucionista ao campo da economia, alegando que “à acusação de misticismo não científico e extracientífico que cerca as ideias ‘evolucionistas’ se acrescenta a de diletantismo”.

Independente das discussões sobre a adequação dessas teorias à realidade, fica claro que o ambiente em que a organização está inserida influi sobremaneira na sua sobrevivência. Outra compreensão é a de que o ambiente próximo é representado predominantemente pelos territórios local ou regional, apesar de não totalmente circunscrito a ele. Já o macroambiente tem uma abrangência muito maior, que pode ser estado, país, ou até o próprio mundo.

Caberia, principalmente, aos organizadores dos territórios, os atores sintagmáticos compreendidos pelo poder público local e outras instituições que exercem poder setorial, criarem um ambiente “protegido” para o desenvolvimento das empresas iniciantes. Incubadoras de empresas, normalmente, cumprem esse papel de apoiar as empresas “filhotes” a se desenvolverem até que se tornem capazes de suportar as forças de um território inóspito.

Os organizadores do território de Teófilo Otoni não apresentam programas de ajuda aos pequenos empreendimentos e também não fornecem informações a respeito. Devido à

carência de diversos recursos fundamentais (clientes com bom nível renda, mão de obra qualificada, infraestrutura pública adequada etc.) as dificuldades enfrentadas pelos negócios iniciantes são grandes nesse território.

Outro aspecto que também pode ser abordado é definir a empresa como um território simbólico, onde o empreendedor desenvolve, em conjunto com seus colaboradores, relações diferentes daquelas que existem no território externo. Neste território há uma riqueza de aspectos relacionais que criam uma cultura organizacional, com diversas identidades ligadas à essa cultura, uma intrincada rede de relações de poder. Porém, essas forças, que atuam, aparentemente, restritas ao ambiente interno, estão submetidas às forças externas.

Empresas podem ser encaradas como territórios físicos e simbólicos. Elas possuem aspectos estruturais: recursos, espaço físico, fronteiras, produtos ou mercadorias, máquinas e equipamentos; e aspectos simbólicos: estrutura hierárquica, relações de poder, cultura organizacional, grupos informais etc. O empreendedor se vê obrigado a cumprir outros papéis, não podendo se limitar à tarefa visionária de busca de oportunidades nos territórios externos. Ao se tornar um gestor ele possui um território a administrar. Um território dentro de outros.

O empreendedor é um ator sintagmático com poderes no seu próprio território-empresa e também no território-mercado. E a todo poder concedido corresponde uma responsabilidade compulsória. A correta gestão, antes de ser uma necessidade é uma obrigação. Como diz Dornelas (2008, p. 217) “ser empreendedor não é uma opção de vida, mas uma missão de vida. O empreendedor não arrisca apenas o seu futuro, mas também o de todos aqueles que estão à sua volta, que trabalham para o seu sucesso e dependem de suas atitudes e decisões”.

O território de Teófilo Otoni necessita de empreendedores para gerarem inovação e desenvolvimento econômico, tendo em vista que não há perspectivas de grandes empresas se instalarem na região. Uma das vantagens é que, devido às carências existentes neste território, as oportunidades são muitas, bastando apenas saber prospectá-las e explorá-las da melhor maneira possível. Para tal, os emigrantes possuem características que serão úteis na gestão do seu negócio, mas outras terão que ser desenvolvidas e, neste caso, o papel de instituições de ensino específicas para a formação empreendedora será fundamental.

Outra boa perspectiva pode ser obtida através de uma nova forma de empreendedorismo que vem surgindo recentemente, denominado empreendedorismo coletivo, baseado em redes organizacionais. Segundo Valle (2007), trata-se de um modelo de associativismo entre empresas, cujo desenvolvimento está galgado nos capitais físico (recursos naturais e equipamentos), humano (habilidades e conhecimentos) e social ou

relacional (valores compartilhados por grupos, capazes de viabilizar o empreendimento coletivo). Ela potencializa as capacidades competitivas tanto dos envolvidos como do território, de forma sistêmica. Seu elemento chave é o *empreendedor coletivo* capaz de gerar e explorar as sinergias da rede.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Quais são as possibilidades e as condições para o emigrante internacional retornado se inserir de forma positiva, através do empreendedorismo, na economia da cidade de Teófilo Otoni? Considerando esta questão fundamental, que norteia a presente pesquisa, delineou-se a metodologia descrita neste capítulo.

Na busca de responder o problema de pesquisa acima, foi definido o seguinte objetivo geral: *apresentar as possibilidades e condições de o emigrante retornado se inserir de forma positiva, através do empreendedorismo, na economia da cidade de Teófilo Otoni*. Este objetivo foi desmembrado nos seguintes objetivos específicos: (1) levantar o perfil dos emigrantes retornados do município de Teófilo Otoni; (2) destacar as motivações do emigrante para emigrar e para retornar; (3) apontar as demandas dos emigrantes retornados para sua (re)integração econômica na cidade de Teófilo Otoni; (4) identificar pontos fortes que possam ser potencializados e fracos que precisem ser minimizados, para tornar os emigrantes retornados mais aptos a alcançarem o sucesso profissional no território estudado; (5) traçar correlação entre as características individuais que predisponham o indivíduo à emigração com aquelas que favoreçam o empreendedorismo; (6) destacar as condições existentes e necessárias para o sucesso do emigrante como empreendedor na cidade de Teófilo Otoni; e (7) levantar, junto a entidades públicas, privadas e do terceiro setor os tipos de serviços que podem ser acessados pelos emigrantes retornados.

Recortar é uma necessidade de toda trabalho científico. Milton Santos nos oferece uma bela visão sobre essa necessidade de circunscrever o escopo de uma pesquisa.

Não será a ciência, tal como propôs Neil Postman (1992, p. 154) "uma forma de contar histórias"? Nesse processo, levados pelo investigador, alguns atores tomam a frente da cena, enquanto outros assumem posições secundárias ou são jogados para fora. O método em ciências sociais acaba por ser a produção de um "dispositivo artificial" onde os atores são o que Schutz (1945, 1987, p. 157-158) chama de marionetes ou homúnculos. Quem afinal lhes dá vida é o autor, daí esse nome de homúnculos, e sua presença no enredo se subordina a verdadeiras modelizações qualitativas, daí porque são marionetes. Mas o texto deve prever a possibilidade de tais bonecos surpreenderem os ventríloquos e alcançarem alguma vida, produzindo uma história inesperada: é assim que fica assegurada a conformidade com a história concreta (SANTOS, 2006, p. 12).

Por essa razão, neste estudo, ficam claros três recortes bem definidos: (1) o territorial, delimitado ao espaço geográfico do município de Teófilo Otoni/MG; (2) a migração internacional, mais especificamente representada pelo emigrante que retornou; e (3) o empreendedorismo como forma específica de trabalho e geração de renda. Evidentemente, os

recortes são definidos por razões práticas, não isolando o objeto de estudo, pois não se encontram no mundo dessa forma.

O município de Teófilo Otoni, por ser *polo* da mesorregião do Vale do Rio Mucuri, concentra atividades e poderes econômicos, políticos, administrativos, sociais e culturais desse território. Da mesma forma a emigração e o empreendedorismo são fenômenos que se entrelaçam com diversos outros neste e em qualquer outro território.

5.1 SUJEITO E LOCAL DE PESQUISA

Para realização da pesquisa empírica delimitou-se cidade de Teófilo Otoni. A escolha dessa cidade se deve ao fato de ser um dos pontos de partida que, assim como Governador Valadares, gerou considerável fluxo e formação de redes migratórias, nos últimos anos.

Dessa forma, delimita-se claramente o sujeito e o local de pesquisa: *emigrante internacional, de ambos os sexos que saiu da região de Teófilo Otoni, morou e trabalhou em outro país, retornou há pelo menos 6 meses, com intenção de permanecer, se encontra na faixa etária economicamente ativa (18 a 64 anos) e desenvolveu ou desenvolve alguma atividade empreendedora por conta própria no município de Teófilo Otoni.*

Neste caso, a técnica “bola de neve” (*snowball sampling*) é mais recomendada para se conseguir a amostragem dos indivíduos onde o primeiro é escolhido aleatoriamente e, a partir deste, cada entrevistado indica o próximo, de forma encadeada. Essa técnica é utilizada para tipos específicos de populações “invisíveis”, ou seja, em condições estigmatizadas como: criminosos, prostitutas ou usuários de drogas. Ela se torna necessária para se encontrar informantes qualificados, tendo em vista que não há uma forma de se conhecer a priori o universo dos emigrantes retornados empreendedores em Teófilo Otoni. O limite da amostra é alcançado pela saturação teórica, que acontece quando um mesmo informante tenha sido indicado repetidas vezes.

5.2 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Inicialmente, foi realizado um estudo bibliográfico sobre emigração internacional buscando compreender as teorias que explicam o fenômeno e as pesquisas empíricas realizadas sobre o tema, principalmente aquelas conduzidas no território do Vale do Rio Doce, uma das maiores origens de fluxo emigratório do país. O estudo procurou compreender o retorno e o investimento dos emigrantes para avançar em aspectos não abordados nessas

pesquisas, buscando compreender as características empreendedoras desses emigrantes e as atividades econômicas por eles desempenhadas após o retorno.

A princípio pensou-se em iniciar a amostragem por uma busca aleatória de informantes qualificados em cada região censitária do IBGE na cidade com o objetivo de obter uma amostra representativa, evitando tendência no seu início. Porém, tal procedimento mostrou-se inviável pela limitação temporal da pesquisa. Além disso, percebeu-se que o esforço se tornaria em vão, tendo em vista que a grande maioria dos empreendimentos no município se concentra em quatro regiões comerciais da cidade. Esta expectativa, de certa forma, se confirmou com a amostra já que, entre os entrevistados, 55,8% dos informantes tinham seus negócios localizados no centro da cidade, no bairro Marajoara e às margens das rodovias BR-116 (Avenida Alfredo Sá) e BR-418 (Avenida Sidônio Otoni). Este número pode não aparentar uma grande abrangência, mas torna-se representativo considerando-se que apenas 23,1% dos negócios se localizam em bairros ou na zona rural do município e que os restantes 21,2% dos entrevistados se enquadram nas categorias: *negócio fechado, sem localização fixa* (autônomos e aluguel) ou *localização não informada*.

O acesso aos primeiros sujeitos foi conseguido por contatos pessoais do próprio pesquisador na universidade (UFVJM) e no município de Teófilo Otoni. Inicialmente, a obtenção de indicações foi muito lenta e a técnica “bola de neve” não se desenvolveu satisfatoriamente. Apesar de se ter um grande número de emigrantes na cidade de Teófilo Otoni, muitos continuam no exterior ou não montaram negócio após o retorno. Esta percepção, todavia, é difícil de ser comprovada cientificamente.

A pesquisa de campo foi realizada no período de 21/05/2010 a 12/11/2010, quando foram entrevistados 54 emigrantes. Porém, 2 deles foram descartados por não terem tido negócio, restando 52 informantes qualificados.

Apesar de ter-se obtido 43 indicações de sujeitos além dos entrevistados, por diversos motivos eles não puderam ser ouvidos. Dentre os demais indicados 4 não empreenderam e 10 não quiseram ser entrevistados, por razões desconhecidas, sendo que, apenas 2 deles foram claros com respostas negativas, enquanto outros 8 protelaram a entrevista, levando os entrevistadores a concluir que visavam a desistência dos mesmos. Dentre os 29 indicados restantes, 17 não foram entrevistados por dificuldades de serem localizados ou contatados e 12 não foram contatados por falta de tempo, tendo em vista a necessidade premente de conclusão da pesquisa de campo.

Mesmo entre os que cederam entrevistas, alguns se mostraram resistentes ou omissos em prestar algumas informações, principalmente com relação àquelas de caráter financeiro,

como valores de ganhos e remessas, quantidades de imóveis adquiridos etc. Alguns tiveram resistência até mesmo em informar o nome completo ou a assinar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

A primeira fase da pesquisa de campo foi a *Entrevista Formal* aplicada aos 52 emigrantes retornados que se enquadraram dentro do perfil descrito anteriormente, ou seja, emigrantes internacionais retornados que empreenderam no município Teófilo Otoni. Nesta entrevista buscou-se levantar dados sobre os emigrantes que permitissem identificar: características demográficas, condições socioeconômicas e profissionais anteriores à emigração, características familiares, características da emigração, características do retorno, características empreendedora e do negócio, e características do território de retorno (ver Apêndice 1). No início desta fase foram aplicadas 10 entrevistas a título de piloto, onde foram testados o instrumento de coleta e a validade dos dados para atender às necessidades da pesquisa.

A segunda fase foi constituída pelas *Entrevistas em Profundidade* realizadas com 4 emigrantes retornados que obtiveram sucesso em seus empreendimentos permitindo expandir a compreensão do fenômeno, bem como apontar, a partir dos relatos pessoais, os percursos (emigração-retorno-investimento), fatores facilitadores e dificultadores no ato de empreender. Nas entrevistas os emigrantes tiveram liberdade para se expressar, mas, eventualmente o entrevistador estimulava-os com as questões do roteiro apresentado no Apêndice 2.

A seleção dos sujeitos para a entrevista em profundidade foi feita a partir da condição de sucesso obtido no negócio, ou seja, crescimento sustentável indicado pela obtenção de um bom retorno sobre o capital inicial, além da percepção de que terá capacidade de se manter no mercado no médio prazo (3 anos ou mais). Dentre os entrevistados que se enquadraram na condição de “bem sucedido”, esses 4 sujeitos foram selecionados intencionalmente, considerando a riqueza de experiências a relatar.

Dois dos entrevistados nesta fase formam um casal e foram entrevistados em conjunto. Além de serem os que conseguiram as maiores conquistas materiais, tanto no exterior quanto no município, foram os que permaneceram por mais tempo fora e tiveram a maior experiência empreendedora nos dois territórios. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Na terceira fase do estudo foram realizadas *Entrevistas em Profundidade com os Organizadores do Território*, que seriam organizações do município de Teófilo Otoni, supostamente responsáveis por influenciar, de alguma forma, as perspectivas empreendedoras dos emigrantes. Foram prospectadas ações de fomento e possibilidade de atendimento às

demandas dos emigrantes empreendedores, levantadas nas entrevistas com os mesmos. Os objetivos da entrevista eram: (a) informar as entidades sobre demandas desconhecidas dos emigrantes retornados empreendedores; (b) receber explicações e/ou justificativas; (c) estimular a criação políticas de incentivo ao empreendedor no ambiente econômico do território, principalmente voltado para o micro empresário; (d) fomentar a criação de uma cultura de discussão coletiva que possa favorecer o desenvolvimento socioeconômico da cidade. Foi utilizando o roteiro apresentado no Apêndice 3.

Como a maior parte das pesquisas sociais, esta também não foi puramente observatória, interferindo na percepção dos entrevistados quanto ao fenômeno estudado. No caso das organizações, seria bom que isso acontecesse, para que as mesmas se motivassem a gerar políticas e ações voltadas à melhoria das condições dos emigrantes empreendedores no território.

Foram entrevistados importantes atores sintagmáticos, aqui identificados como organizadores do território: SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais, através do seu representante regional, o senhor Cirilo Jardim Bonfim; CDL/TO - Câmara dos Dirigentes Lojistas de Teófilo Otoni, através de sua presidente, a senhora Rosilda Gonçalves Medeiro; SINDCOMÉRCIO – Sindicato do Comércio Varejista de Teófilo Otoni (associado e representante em Teófilo Otoni do FECOMÉRCIO – Federação do Comércio do Estado de Minas Gerais), através do seu Diretor, senhor Iesser Anis Lauar; ACITO – Associação Comercial e Industrial de Teófilo Otoni através da Secretária Executiva, a senhora Joelma Colen Rainer e a Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni, com dois entrevistados, o Secretário de Planejamento, senhor Renato Moreira Pinheiro e o representante da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, senhor Bruno Dias Bento.

Finalmente, a análise dos dados levantados foi realizada em duas etapas. A tabulação e análise quantitativa dos dados foram feitas com o uso dos softwares SPSS – *Statistical Processing for Social Science* e Microsoft Excel. Porém, por se tratar de amostra não probabilística não cabe fazer generalizações a partir dos resultados obtidos. A segunda etapa da análise dos dados foi qualitativa, feita à luz do referencial teórico, com o objetivo de ampliar a compreensão dos dados quantitativos. Dados demográficos do município, estado e país ajudaram a contextualizar as análises do território, de forma comparativa.

O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Para todos os entrevistados foram

lidos os TCLE (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) respectivos, contidos nos Apêndices 4, 5 e 6.

6 PERSPECTIVAS ECONÔMICAS DOS EMIGRANTES RETORNADOS

Este capítulo descreve os resultados obtidos no trabalho de campo, de forma a lançar luz sobre o sujeito estudado: o emigrante retornado que empreendeu no território de Teófilo Otoni. O objetivo é compreendê-lo como emigrante e como empreendedor, como indivíduo que sai do seu país e depois volta ao seu território com o sonho de ascender socialmente.

Além de traçar o perfil do emigrante, será descrita sua inserção no território, suas dificuldades e necessidades e como alguns dos atores do território influenciam suas perspectivas e os projetos de empreendedor.

6.1 CARACTERIZANDO O EMIGRANTE DO TERRITÓRIO ESTUDADO

Os emigrantes são atores paradigmáticos – dentro da tipologia de Raffestin (1993) –, ou seja, são passivos com relação ao seu território. Porém, ao entrarem na condição de empreendedores, eles se transformam em atores sintagmáticos, pois passam a ter uma postura realizadora perante o território. Isso representa uma mudança de postura do emigrante nos territórios vividos, o natal e o(s) de emigração, criando novas relações de poder com outros atores.

Para compreender melhor os sujeitos da pesquisa e responder a questão central desse estudo, eles serão analisados em três momentos distintos: antes, durante e depois da emigração. Isso permitirá compreender suas aspirações, seu esforço e seus ganhos e perdas. Entre os sonhos da partida e a realidade, muitas vezes dura, do retorno houve muito trabalho para acumular dinheiro.

Todos os emigrantes participantes da pesquisa, num total de cinquenta e dois entrevistados moram e investiram em Teófilo Otoni, mas nem todos nasceram na cidade, apesar de a maioria ter partido dela para o exterior. Somando os 48,1% de teófilo-otonenses com os 26,9% que nasceram em outros municípios dos vales do Mucuri ou Jequitinhonha – dentro da região de influência deste município – considerando que a maioria dos emigrantes quis voltar ao seu local de origem, confirmando o que diz Sayad (2000, p. 11) “o retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes”.

A maioria dos entrevistados é do sexo masculino (82,7%), trabalhavam e contribuíam para a renda familiar, 25,0% sustentavam a família e 48,1% apenas ajudavam na renda doméstica.

A variável relacionada à renda no Brasil antes de emigrar tornou-se muito imprecisa. Os valores, quando convertidos em salários mínimos da época, não condizentes com os trabalhos realizados nem com as condições financeiras descritas. Alguns entrevistados tinham dificuldade de lembrar suas rendas e outros eram evasivos, não queriam informar. Por esse motivo, abaixo foram realizadas análises de outras variáveis para indicar o nível aproximado das rendas anteriores.

Pode-se deduzir que eles não tinham altos ganhos através de outras respostas. Pelo menos 42,3% dos entrevistados informaram que ganhavam até 2 salários mínimos por mês e 55,8% até 4 salários. Destaca-se que 59,6% dos entrevistados não possuíam carro antes da emigração, o que indica uma renda baixa. Além disso, 50% tinha apenas o ensino fundamental (completo ou incompleto) e outros 40,3% concluiu o ensino médio. Apenas 5,8% dos sujeitos declarou ter formação superior. O Gráfico 6 apresenta a distribuição dos níveis de escolaridade anteriores à emigração.

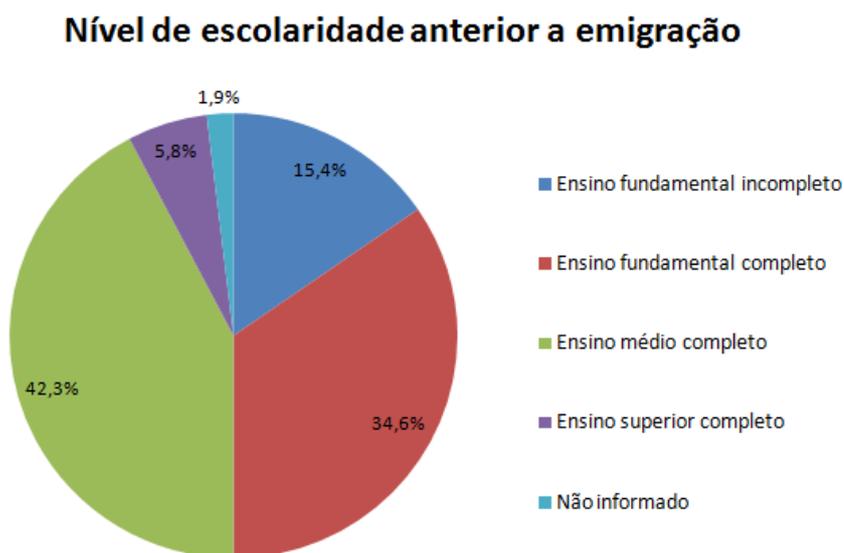


Gráfico 6 - Distribuição dos níveis de escolaridade dos emigrantes antes de saírem do Brasil
Fonte: Dados da pesquisa

Este perfil de baixa escolaridade indica um baixo nível de renda anterior à emigração. Confirmando essa baixa renda, apenas 38,5% pagou sua viagem com recursos próprios. Os demais recorreram a financiamentos, empréstimos de amigos ou parentes. Apesar da suposta baixa renda, 32,7% morava em casa própria. Os demais moravam de aluguel, favor ou com pais, explicando a emigração como forma de adquirir a casa própria.

Outro indicativo, porém não determinante, dessa baixa renda está na resposta de 75,0% dos entrevistados que declararam terem emigrado motivados por dificuldades financeiras (40,4%) ou por busca de melhoria de vida/financeira (34,6%).

O aspecto financeiro impulsionando o emigrante para fora do país, em busca de uma melhoria de vida está completamente de acordo com as teorias econômicas neoclássicas.

Por outro lado, não pode ser ignorada a importância das redes sociais como mecanismo motivador e organizador da migração. Para que o emigrante saísse do território estudado e conseguisse se estabelecer em outro ponto do planeta, o acesso aos recursos das redes sociais foi imprescindível.

[...] the vast majority of potential long-distance migrants anywhere in the world draw their chief information for migration decisions (including the decision to stay put) from members of their interpersonal networks, and rely on those networks for assistance both in moving and in settling at the decision (TILLY, 1990, p.84).²¹

A importância das redes sociais pode ser comprovada nesta pesquisa através de vários aspectos. Uma grande maioria dos emigrantes (80,8%) já conhecia alguém no país de destino e o tipo de relação com essas pessoas era de parentesco (42,6%) ou amizade (38,5%). Esses relacionamentos prévios foram fundamentais para 84,6% conseguir trabalho no exterior, tendo em vista que 23,1% já saiu do Brasil com emprego arranjado e 61,5% conseguiu através dos contatos dos amigos ou parentes que já estavam lá.

Outros aspectos que evidenciam o uso das redes são a ajuda financeira para emigrar vinda de familiares e/ou amigos utilizada por 51,9% dos emigrantes e o apoio que 59,6% deles deram para outras pessoas emigrarem. Há também o fato de 19,2% terem utilizado as redes (agências de turismo, amigos, parentes e outros) como meio de remessas de dinheiro para o Brasil, em algum momento. Essas remessas tinham beneficiários no Brasil, pois 42,3% apontaram *despesas da família* como forma de aplicação das mesmas. Apesar de não se ter quantificado, vários emigrantes declararam terem investido em imóveis e construções no Brasil, enquanto ainda estavam no exterior, o que indica a existência de pessoas para administrarem tais investimentos.

Os emigrantes saíram do território nacional de forma gradativa, demonstrado no Gráfico 7, com concentração maior no ano de 2001.

²¹ Tradução: [...] a grande maioria dos potenciais migrantes de longa distância, em qualquer lugar do mundo, obtém as informações mais importantes para as decisões sobre migração (incluindo a decisão de ficar parado) dos membros de suas redes interpessoais, e dependem dessas redes para ajuda, tanto para se mover quanto na tomada de decisão.

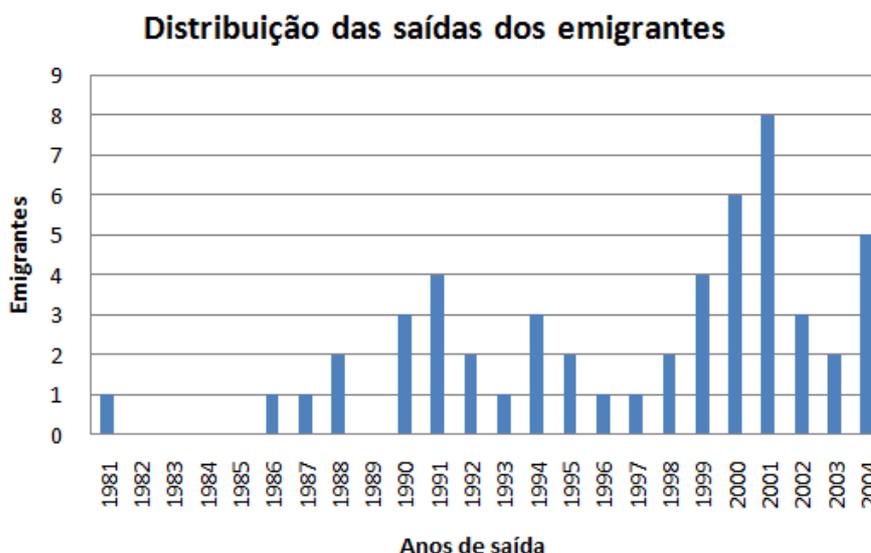


Gráfico 7 - Distribuição das saídas dos emigrantes por ano
Fonte: Dados da pesquisa

Quanto à variável idade da primeira emigração ocorreu uma pequena discrepância. Quando comparada com a idade atual menos a diferença entre o ano atual e o de emigração 13,5% dos sujeitos apresentaram diferenças de 2 a 4 anos, com relação a este cálculo. Considerando que eles têm certeza da idade atual e que devem recordar mais corretamente o ano em que partiram do que a idade que tinham na época, foram feitos ajustes nessas idades. Diferenças de 1 ano foram desconsideradas, pois podem ter sido causadas por arredondamentos de cálculos.

No Gráfico 8 observa-se que a variação entre os 17 e os 42 anos, com um valor *outlier* (fora de faixa) de 50 anos e uma concentração em torno dos 28 anos (mediana).

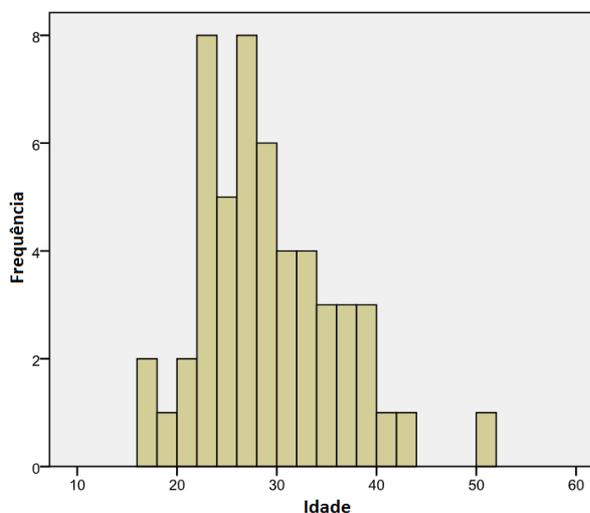


Gráfico 8 - Distribuição de frequência das idades da primeira emigração.
Fonte: dados da pesquisa

Uma análise desses dados demonstra uma concentração das emigrações no período mais produtivo da vida, indicando que os emigrantes tinham um projeto de vida e buscavam oportunidades que não existiam no território original. O valor que aparece fora da faixa é de um indivíduo que emigrou pela segunda vez, após ter perdido seu negócio por endividamento.

O destino dos entrevistados em sua primeira migração foi prioritariamente os Estados Unidos (51,9%) e, em segundo lugar, Portugal (38,5%). Aumentando essa prevalência, dentre os que foram inicialmente para Portugal, 7,8% reemigrou para os Estados Unidos, e apenas 1,9% fez o caminho inverso. Tais dados vão contra o senso comum existente em Teófilo Otoni de que a maioria dos emigrantes deste território foi para Portugal.

Aqui em Teófilo Otoni a maioria vai para Portugal, para Espanha, vai para a Europa, né? Para os Estados Unidos é mínimo. (D, emigrante retornado, masculino, 58 anos)

Talvez isso possa ser verdadeiro com relação aos emigrantes que não empreenderam ou que ainda residem no exterior, o que não faz parte do objetivo desta pesquisa. Hipóteses possíveis seriam a de que os emigrantes que vão para Portugal são menos empreendedores – talvez pudessem ter menor capital humano – ou não conseguiram acumular recursos financeiros necessários para empreender. Em ambos os casos eles não seriam acessados por esta pesquisa.

Quanto à entrada no país estrangeiro, 32,7% dos entrevistados declararam terem usado documentação indevida (passaporte montado ou entrada pela fronteira), enquanto o restante entrou com a documentação adequada (com algum tipo de visto, com cidadania ou não precisaram de visto para a entrada, como é o caso dos que emigram para Portugal). Porém, dos que entraram no país com visto (turismo, trabalho ou estudo) mais da metade (33,65% do total) entrou no mercado de trabalho no país de destino sem a devida documentação. Dentre os que entraram com documentação inadequada, apenas 3,8% conseguiu ficar documentado após algum tempo. Do total dos entrevistados, 5,8% declarou que havia conseguido carteira de motorista, ou seja, estavam indocumentados, mas tinham certa tranquilidade de locomoção.

É importante observar que, apesar de o governo português não exija visto para turistas brasileiros, permanecer no país trabalhando e residindo coloca os emigrantes em situação de indocumentado. Aparentemente, alguns dos entrevistados não perceberam essa diferença, ou quiseram melhorar sua imagem, dizendo que estavam documentados.

Mesmo que os emigrantes tenham tido a ajuda das redes sociais para conseguir trabalho, há que se lembrar que “o modelo neoclássico definia o sucesso do migrante pela sua educação, experiência de trabalho, domínio da língua da sociedade hospedeira, tempo de

permanência no destino e outros elementos do capital humano” (SASAKI e ASSIS, 2000, p. 6). Dessa forma, é fundamental analisar tais características do emigrante teófilo-otonense.

Um cruzamento de variáveis mostra que 40,4% dos emigrantes entrevistados não tinham conhecimento da língua do país para o qual foram (os casos incluem apenas Estados Unidos e Inglaterra), mas trabalharam para nativos do país. É intrigante saber como esses emigrantes conseguiam se comunicar com seus empregadores.

Dentre os emigrantes que declararam ter nenhum ou pouco conhecimento da língua do país (65,4% do total), apenas 42,4% estudaram o inglês (língua estrangeira da maioria dos países de emigração). Apesar da alegação de alguns de que não tinham tempo para o estudo, a média das horas trabalhadas por dia pelos que estudaram era de 11,9 horas contra 13,0 horas dos que não estudaram. Aparentemente, esta não seria uma justificativa plausível. Dentre os que estudaram o número máximo é 16 horas/dia, já entre os que não estudaram o máximo foi de 19 horas/dia.

O tempo médio de emigração (e também a moda) é de 7 anos, porém a maioria deles considera que precisaria um tempo razoavelmente menor – em torno de 5 anos, na média – para obter os recursos necessários para abrir seu negócio no Brasil. Porém, a amostra tem um desvio padrão de 4,63, que pode ser considerado alto. Retirando os valores *outliers*, a média cai para 6,42 anos.

Essa diferença entre os tempos de permanência e de necessidade pode indicar que eles tinham dificuldades não declaradas de retornar ao Brasil. Poderia haver um temor para investir no país, mas também poderia haver aspectos não financeiros, como o medo do estranhamento que iriam sentir ao chegar ao território natal, como alguns poucos relatam. Poderia haver uma insegurança pela recepção dos familiares, mas todos relatam que a recepção foi, no mínimo, normal.

Quanto às atividades profissionais no exterior 32,7% dos entrevistados desempenharam mais de uma modalidade. O Gráfico 9 apresenta a distribuição das atividades principais, considerando a primeira resposta dos emigrantes. A predominância é dos serviços na construção civil (30,8%); em restaurantes, bares e afins (26,9%) e faxina doméstica (17,3%).

Atividades profissionais principais no exterior

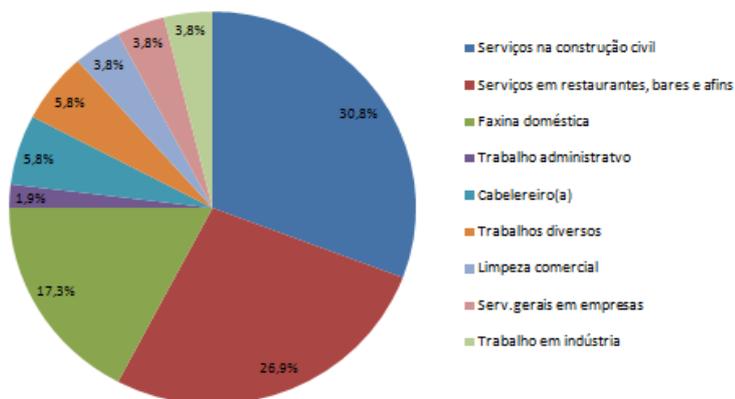


Gráfico 9 - Atividades profissionais principais desenvolvidas pelos emigrantes no exterior
Fonte: Dados da pesquisa.

Uma curiosidade apresentada no Gráfico 9 é o pequeno percentual (1,9%) de emigrantes que trabalharam em atividades administrativas. Isso pode ser um problema considerando que todos vieram a empreender no Brasil. Compensando essa fragilidade, destaca-se que 57,7% desenvolveu, no exterior, algum tipo de atividade que exigia capacidades de liderança e/ou negociação, o que pode tê-los ajudado a desenvolver habilidades gerenciais necessárias ao empreendimento atual.

O Gráfico 10 mostra a distribuição dessas atividades. Um número razoável (13,5%) teve um negócio, o que consiste na situação ideal para o desenvolvimento das habilidades empreendedoras. Contudo, a maior parte exerceu liderança no ramo de restaurantes (15,4%) e em outros ramos menos especializados (13,5%): construção, obras e indústria. Destaca-se pequena participação (3,8%) da modalidade conhecida como *schedule* de faxina, que apesar de não exigir nenhuma qualificação, demonstra um censo empreendedor incipiente, já que essas pessoas tornam-se intermediários, desenvolvendo neles as habilidades de negociar com as partes envolvidas (clientes e prestadores de serviço), administrar horários, controlar a qualidade do atendimento, dentre outras.

Atividades gerenciais exercidas no exterior

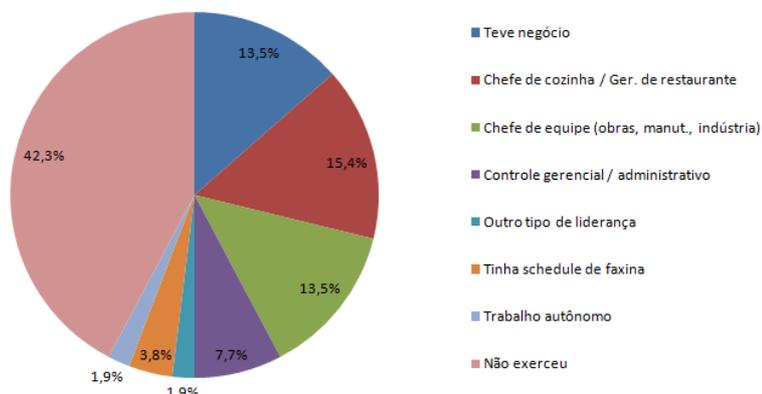


Gráfico 10 - Distribuição das atividades gerenciais exercidas pelos emigrantes no exterior
Fonte: Dados da pesquisa

Quanto à renda no exterior, os valores foram informados em moedas diferentes²² e foram convertidas para dólares americanos, pela média das cotações nos períodos em que os emigrantes estavam no exterior. Esses valores, porém, tornam-se pouco precisos, devido aos longos períodos de permanência no exterior e à flutuação do câmbio. Além disso, os emigrantes informaram valores aproximados. Apesar disso, é um dado que ajuda a dar uma noção do nível de ganhos que os emigrantes tiveram fora do Brasil.

O Gráfico 11 mostra que a renda média mensal de 40,4% dos emigrantes foi menor que US\$ 2000 (dois mil dólares americanos), o que pode ser considerada muito baixa para os padrões de vida dos países desenvolvidos. Outros 40,4% ganhavam entre US\$ 2000 (dois mil dólares americanos) e US\$ 4000 (quatro mil dólares americanos) por mês. Juntos, 80,8% dos entrevistados tinham renda até quatro mil dólares.

Renda média mensal no exterior (US\$)

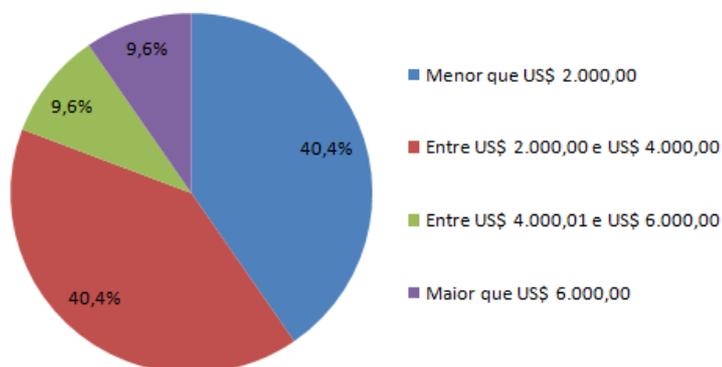


Gráfico 11 - Renda média mensal dos emigrantes no exterior, em US\$
Fonte: Dados da pesquisa

²² Os rendimentos dos emigrantes no exterior foram informados em Dólares americanos, Euros, Libras Esterlinas e Marcos alemães.

Considerando que o custo de vida nesses países estrangeiros é alto, os emigrantes tiveram que passar por muitas privações para conseguirem acumular o capital para investir no território de origem.

Os emigrantes moravam bem no exterior, pois pelo menos 69,2% declarou que as condições de moradia eram boas ou excelentes (Gráfico 12). Cabe uma consideração sobre a percepção dos emigrantes quanto às condições de moradia. A maioria daqueles que informaram viver em moradias coletivas (*Dividia com outras pessoas*) considera que as condições de moradia eram boas ou excelentes. De acordo com os estudos realizados, esse resultado é duvidoso, pois as condições de moradia dos emigrantes são normalmente ruins. Siqueira (2006) explica que os emigrantes dividiam moradias e quartos e moravam em regiões degradadas e pouco valorizadas das cidades.

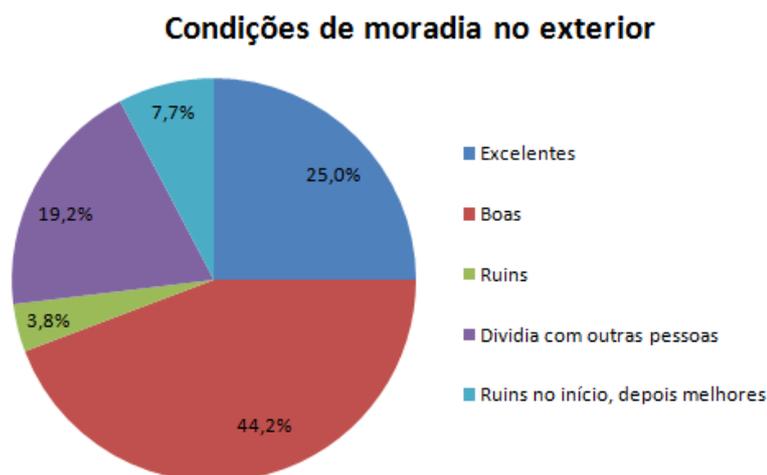


Gráfico 12 - Condições de moradia dos emigrantes no exterior.

Fonte: Dados da pesquisa

Se a moradia poderia não ser um problema, eles tiveram outras dificuldades. O desconhecimento da língua (25,0%) foi a maior dificuldade apontada seguidas de saudade e a solidão (9,6%), falta de documentos (9,6%), preconceito e abuso (9,6%), dentre outras (Gráfico 13). Também foram dificuldades enfrentadas no exterior foram: o frio, a condição de indocumentado, o preconceito dentre outros.

Dificuldades enfrentadas no exterior

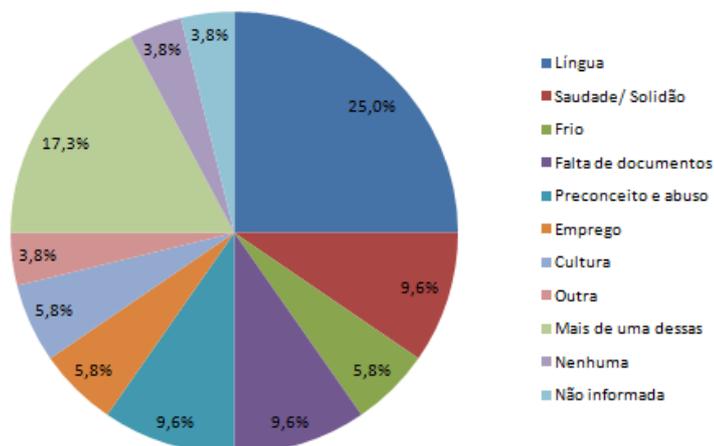


Gráfico 13 - Dificuldades enfrentadas pelos emigrantes no exterior.
Fonte: Dados da pesquisa

O maior fluxo de retornos, dentre os entrevistados, ocorreu a partir de 2003, tendo o seu pico em 2008, como pode ser visto no Gráfico 14.

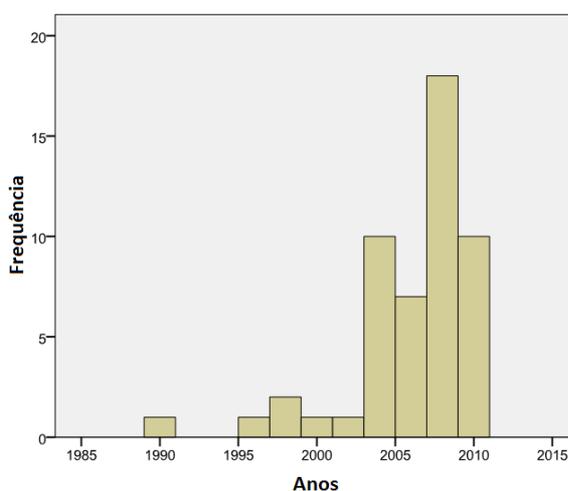


Gráfico 14 - Anos dos retornos dos emigrantes
Fonte: Dados da pesquisa.

Considerando que a maior parte dos emigrantes estava nos EUA, poder-se-ia deduzir que o motivo para o aumento do número de retornos a partir de 2003 seria reflexo do atentado de 2001, que provocou a intensificação da fiscalização pelo departamento de migração americano associado ao crescimento da xenofobia entre os nativos daquele país. Já o segundo aumento dos retornos, ocorrido a partir de 2008, seria provocado pela crise econômica dos países desenvolvidos, reduzindo as possibilidades de trabalho e da melhoria econômica do Brasil.

Porém, analisando as respostas dos entrevistados (Gráfico 15), vê-se que o motivo *Família (saúde, doença, morte etc.)* é o predominante (48,1%) e que os motivos presumidos: *Intranquilidade pela falta de documentação* e *Economia do país estrangeiro piorou* aparecem com apenas 3,8% e 1,9%, respectivamente.

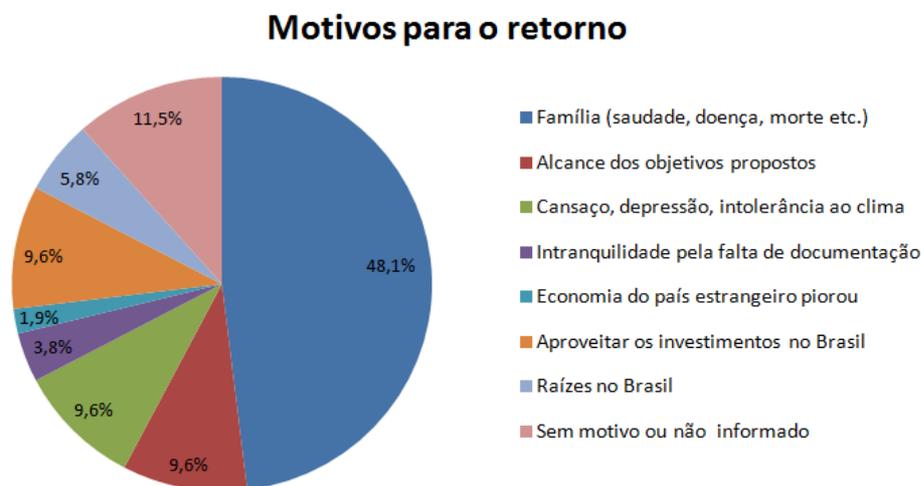


Gráfico 15 - Motivos para o retorno dos emigrantes a Teófilo Otoni
Fonte: Dados da pesquisa.

Por outro lado, comparando os picos de retornos com a situação econômica do município eles acontecem em momentos posteriores aos melhores e piores valores do PIB do período entre 1999 e 2008. De acordo com a Tabela 2 o ano de 2001 foi o melhor valor relativo de PIB e 2006 foi o pior valor relativo de PIB.

Essas análises apontam indícios da existência de fatores motivadores mais subjetivos e implícitos para explicar os retornos. Os motivos familiares são uma explicação, porém parcial, e não contemplam plenamente a compreensão desse fenômeno.

A vida melhorou para a maioria dos sujeitos após o retorno, devido à emigração. Pelo menos esta é a percepção de 88,5% deles, e os motivos que mais causam tal sentimento estão relacionados ao aspecto material. O Gráfico 16 mostra que *melhoria financeira e de qualidade de vida* (26,9%) foi o mais respondido e se somado a *aquisições conseguidas* (15,4%) demonstra que fatores materiais totalizam 42,3% dessa mudança. Porém, fatores mais culturais também tiveram uma participação considerável: *experiência de vida, conhecimento, estudo, aprendizado da língua* (19,2%), *aprendeu uma profissão, um trabalho* (3,8%) e *conquistou independência* (3,8%), totalizando 26,9%.

Mudança de vida com a emigração



Gráfico 16 - Motivos da mudança de vida pela emigração
Fonte: Dados da pesquisa.

Um número maior ainda (98,1%) afirma que valeu a pena emigrar e questionados sobre os motivos eles se mostraram menos materialistas. O Gráfico 17 mostra que o *crescimento pessoal, profissional e cultural* (53,8%) se sobrepôs ao *crescimento material* (38,5%). Apenas 1,9% dos emigrantes consideram não ter valido a pena.

Motivos pelos quais valeu a pena emigrar

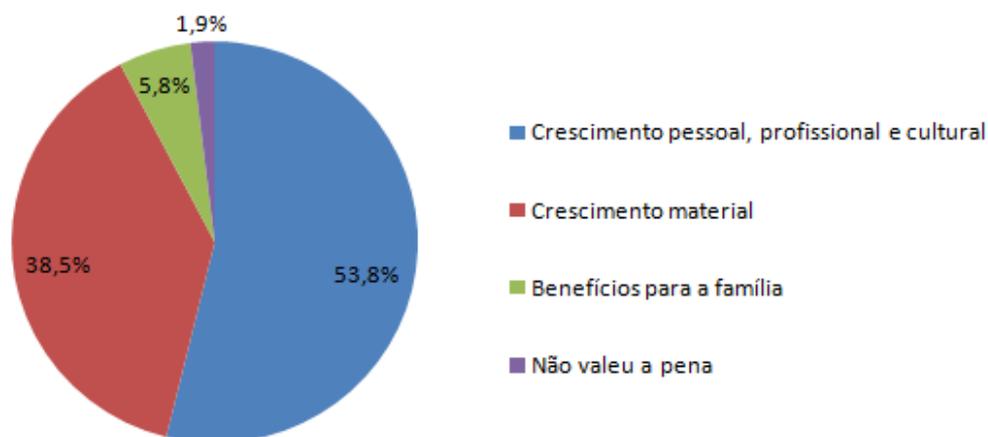


Gráfico 17 - Motivos pelos quais valeu a pena emigrar
Fonte: Dados da pesquisa.

Apesar de quase a totalidade dos entrevistados terem respondido que valeu a pena emigrar, em uma pergunta eles se contradisseram. Quando questionados sobre o conselho que dariam aos filhos com relação à emigração (*Você aconselharia seu filho ou filha a fazer o mesmo que você fez e nas mesmas condições?*) apenas 21,4% dos 42 respondentes deram resposta positiva. Suas justificativas para a negação foram: filhos devem estudar, a emigração

é sofrida e perigosa, filhos podem ir desde que em condições melhores e hoje em dia não vale mais a pena.

Dessa forma, uma importante conclusão a que os emigrantes parecem ter chegado é que a emigração, na verdade, é uma solução para a falta de estudo, que não lhes permitiu terem oportunidades ou perspectivas no território.

Nesta pesquisa não foram identificados, explicitamente, através das ferramentas de coleta, a existência de transmigrantes. Porém, é possível inferir, a partir dos diálogos ocorridos durante as entrevistas, que alguns dos entrevistados têm potencial para estarem nesta condição. Vários entrevistados conseguiram obter cidadania e tiveram filhos durante a migração, o que os torna passíveis de terem dupla nacionalidade. Tais vínculos facilitam a ida e vinda frequente aos países de emigração. Uma família específica deixou dois filhos, já adultos, residindo permanentemente na Europa, uma filha casada e um filho estudando.

6.2 O EMIGRANTE EMPREENDEDOR

Poucos empreendedores mal sucedidos foram acessados pela pesquisa, provavelmente porque o insucesso lhes retire o reconhecimento social da condição de empreendedor, além de torná-los menos *visíveis* socialmente. Apenas 13,5% dos emigrantes fecharam seus negócios iniciais. Considerando que 7,7% mudaram de ramo abrindo outro negócio, esse número cai para 5,7%, que são os não voltaram a empreender, tornando-se empregados.

Enquanto estavam no exterior, uma grande maioria (94,2%) dos emigrantes enviava remessas para o Brasil. Em muitos casos esses valores não eram fixos, pois dependiam dos ganhos que eles conseguiam ou do tempo que levavam para acumular. Em uma escala de prioridades, as remessas eram utilizadas para: investimentos, despesas com família, poupança e pagamento de dívidas. Alguns poucos declararam enviar dinheiro para parentes ou para amigos, como presente ou como ajuda. Seja enviado por remessas ou não, 90,4% dos emigrantes investiram seu capital, ganho no exterior, em Teófilo Otoni ou na região próxima.

Os investimentos dos retornados foram classificados em três tipos, apenas para efeito de análise: (1) *bens de consumo*, que seriam veículos adquiridos para uso próprio; (2) *bens de renda*, que seriam imóveis urbanos e (3) *bens de produção*, onde foram inseridos: propriedades rurais, gado, negócios, caminhões e outros equipamentos produtivos. O Gráfico 18 apresenta a participação dos investimentos dos emigrantes em cada uma dessas categorias.

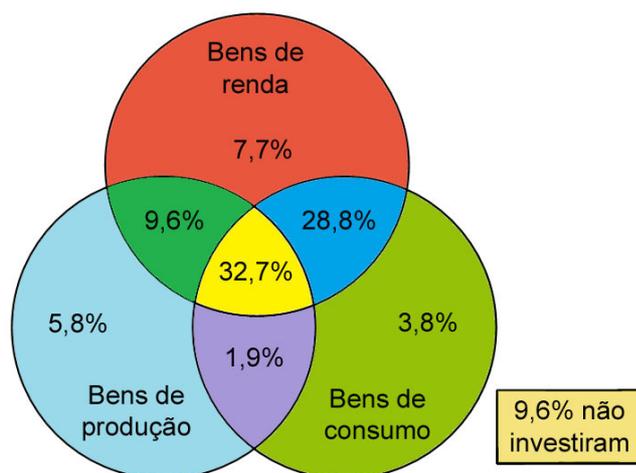


Gráfico 18 - Distribuição dos investimentos dos emigrantes retornados no Brasil
Fonte: Dados da pesquisa

Fica claro que os emigrantes investiram prioritariamente em imóveis. Destaca-se que 76,9% dos entrevistados adquiriram imóveis urbanos. Em uma visão mais conservadora, imóvel ainda é o investimento mais seguro.

Aparentemente, a maior necessidade dos emigrantes é a moradia própria, pois 34,6% dos entrevistados investiram em apenas um imóvel (construído ou lote) e outros 42,3% investiram em número maior, o que não deixa de incluir a moradia, além de gerarem rendas com aluguéis. Pelo menos 5,8% dos emigrantes investiu em construção ou reforma. Isso é perfeitamente compreensível tendo em vista que 65,4% dos entrevistados morava com pais ou parentes, de favor ou pagava aluguel.

A segunda prioridade são os veículos, que aqui aparecem categorizados como bens de consumo (duráveis), adquiridos por 67,2% dos emigrantes entrevistados. No total foram 52 veículos adquiridos, gerando uma média de 1,5 veículos/emigrante, dentre os que adquiriram algum veículo. Assim como o caso da moradia, essa atitude se justifica no fato de que apenas 36,5% dos emigrantes possuíam carro antes da emigração.

Esses números indicam que os emigrantes buscam suprir suas necessidades básicas de moradia e locomoção, escolhendo o investimento em negócio como terceira opção.

A menor aplicação em bens de produção sugere que o empreendedorismo não ocorra por uma vocação natural. Apesar disso, os entrevistados são empreendedores bem sucedidos na sua maioria, afinal, apenas 13,5% deles não continuam com seus negócios originais, mas 7,7% voltaram a empreender.

Esse comportamento pode ser explicado pela Teoria da Motivação do psicólogo Abraham Maslow²³, que descreveu a hierarquia ou ordem com que o ser humano busca atender às suas necessidades, que seria: fisiológicas básicas, segurança, sociais/amor, estima (reconhecimento e auto reconhecimento) e de auto realização. Apesar de críticas à esta teoria, no que tange a inexistência de uma hierarquia para atendimento das necessidades, pode-se considerar que a moradia atende a um número maior dessas necessidades enquanto o negócio – e aqui não se considera apenas o aspecto renda –, atende a fatores menos básicos, podendo alcançar o nível máximo da auto realização, o que o coloca em um grau de prioridade menor.

Outro aspecto que pode ter desencorajado outros emigrantes a empreender, bem como ter feito com que os entrevistados tenham dado menor prioridade ao investimento no negócio seria as dificuldades de abrir um negócio em Teófilo Otoni. Essas dificuldades serão tratadas mais a frente.

A microempresa tem encargos muito altos, eu acho que deveriam ser baixos os encargos da microempresa, prestadora de serviço. Isso não está sendo viável. Isso é desvantagem, que a gente trabalha para o governo, e a gente não temos retorno do que a gente paga pro governo. (S, emigrante retornada, sexo feminino, 45 anos)

O investimento em imóveis é considerado conservador, pois traz mais segurança do que rentabilidade, com o inconveniente da baixa liquidez. Contudo, seu retorno pode maior no longo prazo do que outros tipos de investimento.

Nas palavras de um emigrante fica claro que é da sobra do capital aplicado que normalmente se investe em um negócio.

Então, a primeira coisa que o emigrante faz? É chegar na casa dele e comprar um carrinho zero, comprar um carrinho, comprar uma moto e depois aplicar o resto. (D, emigrante retornado, masculino, 58 anos)

Quando questionados se conseguiram trabalho em Teófilo Otoni após o retorno, 75,0% dos emigrantes disseram que não procuraram emprego. Este dado se confirma com outra resposta de outra questão em que apenas 4% dos entrevistados tinham a intenção de trabalhar empregados após o retorno (Gráfico 19).

²³ Publicação original: MASLOW, Abraham. A Theory of Human Motivation. Psychological Review #50 (1943) p.370-396.

Plano de trabalho após o retorno

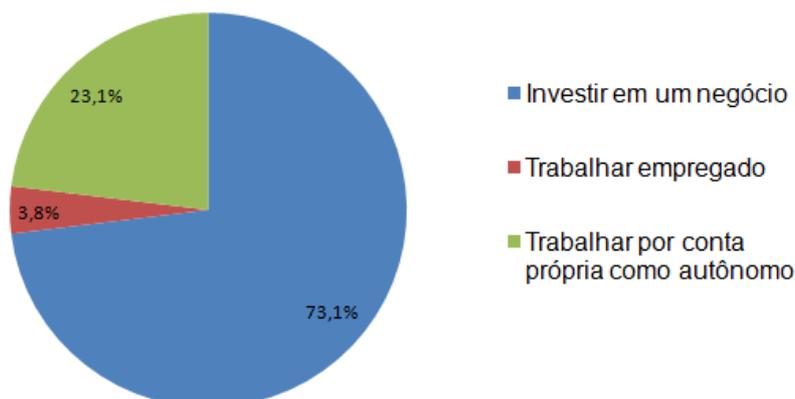


Gráfico 19 - Plano de trabalho dos emigrantes após o retorno a Teófilo Otoni
Fonte: Dados da pesquisa.

Outros dados levantados, contudo, nos indicam que o empreendedorismo ocorre mais por falta de opção do que por vocação pessoal. Os emigrantes saíram do Brasil com baixo nível de escolaridade e não agregaram estudos significativos ao seu currículo. Uma grande parcela (55,8%) dos emigrantes não estudou e entre os que fizeram algum tipo de estudo, os cursos avulsos foram responsáveis pela maior parte (17,3%). Apenas 3,8% declarou ter feito curso superior enquanto moraram fora.

Estudos realizados no exterior

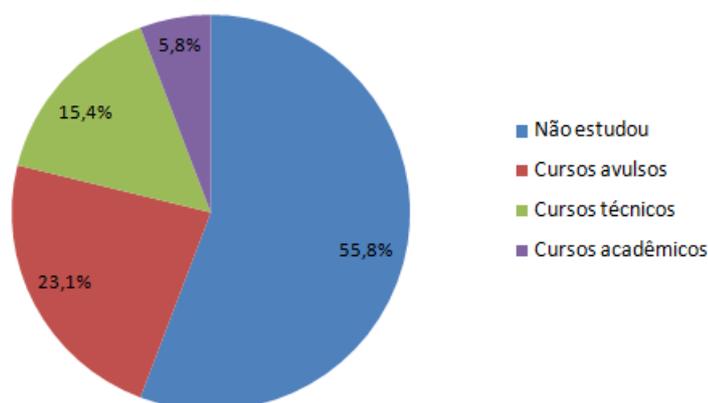


Gráfico 20 - Estudos realizados pelos emigrantes no exterior
Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 20 mostra as modalidades de estudos que os emigrantes fizeram no exterior, dentro da maior importância. Nos cursos avulsos foram computados os cursos de inglês, mas esses foram feitos por 28,8% dos entrevistados, ou seja, vários deles acumularam o curso da língua com outros estudos de maior importância.

Como visto, o objetivo dos emigrantes é acumulação financeira rápida para voltar ao seu território e investir. Por esta análise, fica claro que não há tempo para os estudos. Os cursos avulsos (predominantemente inglês) e técnicos, além de terem uma duração mais curta, eram aplicados direta e imediatamente no trabalho, aumentando sua renda. Essa visão pragmática e imediatista está de acordo com esses objetivos.

O mercado de trabalho do município não oferece muitas opções de trabalho. Não há empresas de maior porte, o que restringe o trabalho para uma mão de obra com maior qualificação. Menores ainda são as oportunidades para os emigrantes, que não tem qualificação formal e terão que concorrer com uma grande massa de trabalhadores. Apesar de ter agregado algumas competências ao seu capital humano, elas não são aceitas pelo mercado de trabalho do município. A saída é a via do empreendedorismo.

Várias questões são preocupantes com relação às atividades empreendedoras dos pesquisados. A primeira delas é quanto à experiência gerencial que eles tiveram antes e durante a emigração, o que lhes daria *background* para o negócio atual.

Os negócios dos emigrantes empreendedores se distribuem em vários setores. O Gráfico 21 mostra que houve maior concentração nos setores de serviço (21,2%), seguidos por comércio (19,2%) e alimentação (17,3%).

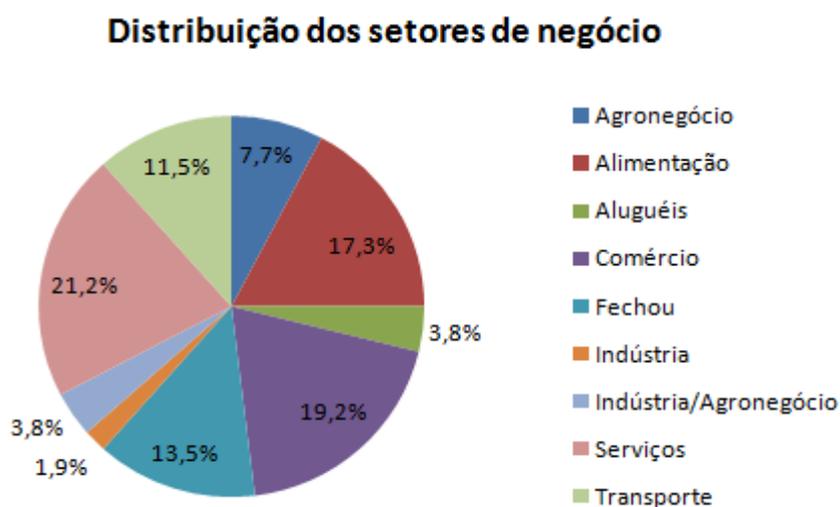


Gráfico 21 - Distribuição dos setores dos negócios iniciais dos emigrantes.

Fonte: Dados da pesquisa

Esta concentração pode ser explicada pelas características dos trabalhos que os emigrantes realizavam no exterior. A experiência profissional adquirida é necessária e recomendável para o seu novo empreendimento, após o retorno. Conhecer o negócio e/ou o ramo é fundamental para a sobrevivência do empreendimento.

O Gráfico 22 mostra a percepção que os empreendedores têm sobre a situação atual de seus negócios. Há uma predominância de otimismo na visão de futuro dos empresários, o que é um aspecto positivo, pois se torna uma motivação para ele próprio e para sua equipe, que pode se refletir no bom desempenho futuro.

Fases de desenvolvimento dos negócios

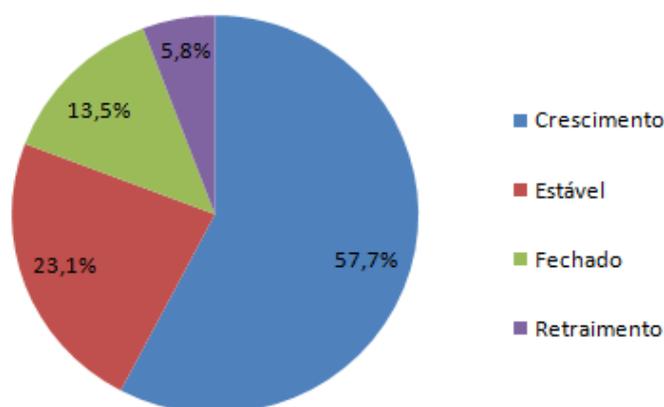


Gráfico 22 - Fases dos negócios percebidas pelos emigrantes empreendedores
Fonte: Dados da pesquisa

Mas, como definir o sucesso de um negócio? A GEM (2010) definiu uma metodologia para classificar os negócios em dois estágios²⁴: *negócio novo*, com até 3,5 anos de idade e *negócio estabelecido*, com mais de 3,5 anos de vida. No segundo grupo os negócios já passaram pelas dificuldades iniciais, tendo uma maior chance de sobrevivência.

No entanto, neste trabalho, apenas para efeito de análise comparativa, convencionou-se que um *negócio estabelecido* ou bem sucedido seria o que possui uma combinação dos seguintes fatores: gerando lucro, em situação de crescimento ou estabilidade e tempo de funcionamento de 2 anos ou maior. Neste perfil se enquadram apenas 21,2% dos negócios.

Reduzindo o grau de exigência, um *negócio novo* seria definido por: situação atual em crescimento ou estabilidade, sem lucro ou prejuízo e tempo de funcionamento de pelo menos a 1 ano. Neste novo enquadramento o número de negócios cresce para 38,5%.

Outro interessante indicativo de sucesso é a formalização do negócio. Neste trabalho 90,9% dos negócios considerados em *negócio estabelecido* estão formalizados, ou seja, têm toda a documentação exigida por lei, enquanto a formalização dos considerados com *negócio novo* cai para 80,0%. Segundo a GEM (2010), negócios informais são responsáveis por 80% das atividades econômicas nos países em desenvolvimento.

²⁴ A GEM (2010) definiu os termos: *new business* e *established business*.

Também, confirmando a expectativa, a experiência gerencial auxilia no desempenho dos negócios. Habilidades gerenciais incluem: liderança de pessoas, planejamento, controle e negociação. Entre os negócios com sucesso pleno, 72,7% dos emigrantes tiveram alguma experiência gerencial no exterior. Entre os considerados *negócio novo* este número também cai e nestes casos para 60%.

Quanto ao tempo de funcionamento dos negócios, uma constatação surpreendente: 19,2% dos negócios já funcionavam antes do retorno dos emigrantes. Alguns deles já existiam antes mesmo da emigração, sendo de propriedade dos emigrantes, de suas famílias ou foram adquiridos de terceiros, durante ou após a emigração. Dentre esses, dois emigrantes (3,8%) fecharam seus negócios e mudaram de ramo de atividade. Interessante que um deles declarou estar fazendo plano de negócio para abertura do novo negócio, diferentemente do primeiro.

Dois cruzamento interessantes foram feitos relacionando ao sucesso do primeiro negócio aberto após o retorno com a experiência do empreendedor. A experiência empreendedora anterior ou durante a emigração²⁵ apareceu em 30,8% dos entrevistados. Já a experiência no ramo de atividade do negócio, adquirida antes ou durante a emigração, foi encontrada em 34,6% dos entrevistados. Em ambos os cruzamentos, um emigrante, em particular, aparece como exceção, tendo seu negócio inicial fechado. Porém, este caso específico não é um mero acaso. O fracasso do negócio é atribuído a uma perda familiar importante, que deixou o emigrante emocionalmente abalado. Apesar disso, ele abriu um novo negócio e, aparentemente, está tendo sucesso.

Uma das funções fundamentais do empreendedor é o planejamento, pois esse reduz o risco inerente a qualquer atividade. No entanto, os entrevistados não planejaram adequadamente seus negócios. O plano de negócio é o resultado material de um planejamento básico e obrigatório para a montagem de qualquer negócio, que faz o futuro empreendedor refletir sobre sua viabilidade.

O plano de negócio – *business plan* – descreve a idéia de um novo empreendimento e projeta os aspectos mercadológicos, operacionais e financeiros dos negócios propostos, geralmente, para os próximos três ou cinco anos (CHIAVENATO, 2008, 132).

Quanto à confecção de um plano de negócios, apenas 11,5% dos entrevistados se declararam arrependidos de não terem feito plano de negócio. Dentre eles, 5,8% fizeram em um momento posterior, de expansão. Dentre os 25,0% que fizeram algum tipo de planejamento, apenas 1,9% contratou consultoria, 3,8% buscaram informações profissionais

²⁵ Foi considerado o trabalho autônomo de faxina (*Schedule*) como uma atividade empreendedora informal.

no mercado e 5,8% já tinham experiência no ramo e os 13,5% restantes fizeram um planejamento superficial, 7,7% deles só planejaram a parte financeira (receitas x despesas), ou seja, apenas um aspecto dentro da complexidade do ato de empreender.

Um dos aspectos mais importantes do plano de negócios é a pesquisa do mercado. Quando questionados sobre isso 51,9% dos entrevistados afirmam não ter feito nenhum estudo. Porém, dentre estes, há 5,8% que avaliou algum aspecto do mercado. Apenas 1,9% dos entrevistados respondeu que “foi um erro” em complementação à resposta negativa. Já 9,6% justificaram a falta do estudo de mercado por possuir experiência anterior no ramo ou pelo bom funcionamento que o negócio já vinha apresentando. Por outro lado, entre os 48,1% que responderam afirmativamente, em outra questão que descreve as pesquisas realizadas percebe-se que elas foram muito superficiais.

Os emigrantes empreendedores investiram sem planejamento e estudo de mercado adequados. Em alguns relatos percebe-se falta de reflexão e paciência e também a influência de outras pessoas.

Quando perguntados sobre as características pessoais negativas que acreditam dificultar sua atividade de empreendedor 32,7% não soube responder ou disse não ter nenhuma. Essa posição demonstra o desconhecimento ou a dificuldade em apontar suas falhas e de fazer uma autocrítica em relação a sua própria atuação como empreendedor/empresário.

Com relação aos aspectos pessoais positivos que ajudam no negócio apenas 5,8% não respondeu ou disse não saber. As respostas são aparentemente coerentes, porém em alguns casos enfatizam em demasia suas qualidades, o que também parece irreal. O fato de eles enxergarem mais pontos positivos do que negativos agrava a situação, podendo levá-los a acreditar que não necessitam de ajuda ou de aperfeiçoamento pessoal.

Considerando que o autoconhecimento, a sinceridade e a transparência são características importantes para um empreendedor e líder, o que permite uma busca constante de melhoria, isso pode ser um fator prejudicial, do ponto de vista da eficácia administrativa e sobrevivência dos empreendimentos.

Se alguns desses dados analisados poderiam causar preocupação, do ponto de vista do sucesso do empreendedorismo no território estudado, há outra variável que pode ser alentadora. A maioria dos emigrantes retornados empreendedores se coloca com uma postura positiva diante das perspectivas dos negócios. O Gráfico 23 mostra que a maioria de 62% pretende crescer e/ou diversificar seus negócios (as duas situações ficaram imbricadas nas respostas).

Quais são seus planos em relação a sua empresa para o futuro?

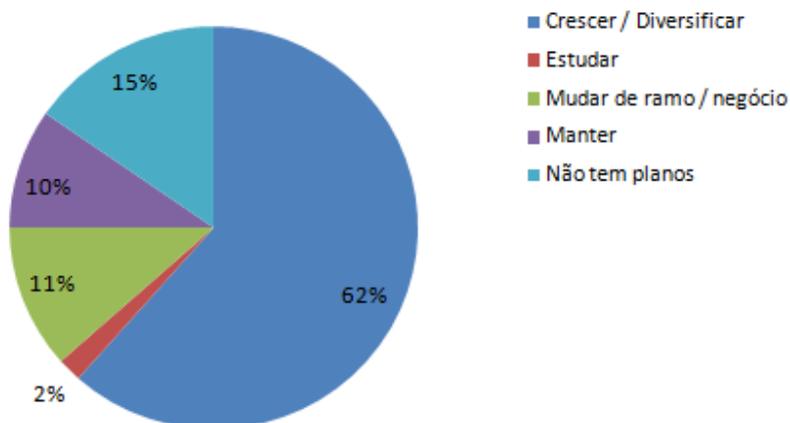


Gráfico 23 - Planos futuros dos empreendedores para seus negócios
Fonte: Dados da pesquisa.

Apenas 1,9% dos entrevistados indicou o interesse em estudar para aprofundar os conhecimentos do seu negócio. Dentre os 15,4% de entrevistados que não têm planos para o futuro, metade já teve seus negócios fechados e apenas 1,9% está tendo sucesso no seu empreendimento. A ausência de planos para o futuro também não é uma atitude típica de um empreendedor.

O empreendedorismo passa a ser uma solução que não irá se encaixar em todos os casos. Nem todos os emigrantes serão empreendedores de sucesso, pois um rol mínimo de características pessoais deve fazer parte do perfil de quem pretende seguir pela vereda do negócio próprio. Esse aspecto é independente do território, ou seja, mesmo que o território criasse as melhores condições possíveis, o emigrante teria que ter a aptidão mínima para ser empreendedor.

Mais da metade dos empreendedores (55,8%) relataram não terem encontrado dificuldades para empreender. Apesar disso, alguns deles apontaram problemas, o que faz esse número reduzir para 38,5%, percentual menor que os 40,4% que responderam terem tido dificuldades. Dentre as dificuldades apontadas pelos emigrantes para empreender em Teófilo Otoni destacam-se, por prioridade de importância, problemas relativos a: qualificação da mão de obra local, mercado local, limitações do próprio empreendedor, governo (burocracia, legislação, fiscalização, impostos), mercado, falta de capital e crédito e cultura da cidade. Aqui, não foram apresentados valores percentuais devido a indicação de mais de um problema por cada entrevistado.

Os emigrantes consideram alguns atores do território como órgãos de apoio, pois os citam em suas respostas. São eles: Governo – representado pela prefeitura municipal –, SEBRAE, CDL/TO, SENAI, SENAC, BNDES/BDMG, faculdades, associações comunitárias, sindicatos e contadores.

Eles levantaram algumas demandas específicas voltadas para os emigrantes retornados e que estão relacionadas resumidamente no Quadro 4.

Ações voltadas para os emigrantes retornados
Apoio para emigrantes que mantêm vínculo no exterior
Agilidade da Receita Federal no desembaraço da mudança do emigrante
Assessoria antes de o emigrante retornar
Assessoria específica para emigrantes retornados
Centro de referência do emigrante, com apoio psicológico e profissional
Garantir direitos constitucionais dos emigrantes
Orientação dos consulados

Quadro 4 - Demandas dos emigrantes retornados ao território
Fonte: Dados da pesquisa.

Uma das ideias mais interessantes, levantadas pelos próprios emigrantes, foi a criação de um tipo de serviço de assessoria prestado ao emigrante quando ele ainda está no território estrangeiro. O interessante é que ele pode se preparar para montar um negócio da forma correta, enquanto ainda tem renda. A dificuldade, em se estando longe de casa, de compreender o funcionamento social e econômico do território é grande.

Um serviço de assessoria – que poderia incluir capacitação, estudo de mercado, opções de investimento, dentre outras – seria de grande ajuda e evitaria os casos dos emigrantes que se sentem perdidos após o retorno. Porém, alguns problemas ainda persistirão, como é o caso de se ter uma pessoa de confiança e capacitada para gerir seu negócio embrionário. Alguns emigrantes relataram problemas de perda do capital por aplicações erradas de parentes muito próximos.

A segunda lista de demandas apresentadas pelos emigrantes empreendedores está resumida no Quadro 5, e é bem mais abrangente, pois pretendem ajudar aos empreendedores do território, independentemente de ter emigrado.

Ações voltadas para os empreendedores
Acesso à matérias-primas de qualidade
Acompanhamento especializado
Ajuda para os que estão começando
Apoiar a micro/nano economia
Assessoria para abertura de empresa
Assessoria para investimentos
Assistência técnica
Avaliação vocacional
Consultoria em gestão
Crédito para bons planos de negócio com bons currículos
Cultura ser mais aberta
Cursos profissionalizantes
Diminuir burocracia
Formação / Escola de comércio
Estimular emigrante a empreender quando ainda está no exterior
Financiamento barato em geral
Financiamento barato para bens de produção
Fomento atrelado ao desenvolvimento gerencial do empreendedor
Redução da carga tributária / Imposto único (como em outros países)
Incentivar o estudo
Investir mais no agronegócio
Maior divulgação (publicidade) dos órgãos de apoio ao empreendedorismo
Manter população no campo
Melhorar a administração pública
Melhorar cultura e lazer
Melhorar economia, gerar empregos
Melhorar Infraestrutura do país
Mudar lei trabalhista
Orientação profissional
Pesquisa de mercado
Subsídio do governo (EUA 20%)

Quadro 5 - Demandas dos emigrantes para os empreendedores do território
Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre as demandas descritas, as que mais destacaram foram as ações relacionadas a consultoria, assessoria, assistência técnicas etc. citadas por 53,8% dos emigrantes; seguidas por ações relacionadas à formação e qualificação citadas por 40,4% e ações de fomento de crédito citadas por 28,8%. Esses percentuais não são cumulativos, devido aos emigrantes terem dado mais de uma resposta.

Observando tais demandas, vê-se que o apoio ao empreendedor iniciante é a tônica fundamental, mas há solicitações que são de âmbito conjuntural (inacessíveis ou inviáveis, por natureza), e não territoriais, que estariam fora de controle. Dentre as ações mais factíveis de apoio ao pequeno empreendedor estão: capacitação, assessoria gerencial e técnica, pesquisa de mercado, fomento e acesso ao crédito etc.

Essas ações já são bem conhecidas e propagadas pela mídia, como sendo de interesse para o crescimento da economia nacional. Diversas instituições são responsáveis por esses

tipos de apoio e, devido a isso, foram procuradas algumas, existentes no território para compreender sua atuação.

Foram entrevistados os seguintes instituições, consideradas como *organizadores do território* no que se refere ao objeto desse estudo: SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais, através do seu representante regional, o senhor Cirilo Jardim Bonfim; CDL/TO - Câmara dos Dirigentes Lojistas de Teófilo Otoni, através de sua presidente, a senhora Rosilda Gonçalves Medeiro; SINDCOMÉRCIO – Sindicato do Comércio Varejista de Teófilo Otoni (associado e representante em Teófilo Otoni do FECOMÉRCIO – Federação do Comércio do Estado de Minas Gerais), através do seu Diretor, senhor Iesser Anis Lauer; ACITO – Associação Comercial e Industrial de Teófilo Otoni através da Secretária Executiva, a senhora Joelma Colen Rainer e a Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni, com dois entrevistados, o Secretário de Planejamento, senhor Renato Moreira Pinheiro e o representante da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, senhor Bruno Dias Bento.

Durante a entrevista, foram feitos questionamentos sobre a promoção de ações voltadas para os emigrantes e/ou empreendedores, aqui encarados como atores que pertencem aos dois grupos ou apenas a um deles. Além das entrevistas, foram apresentadas as reclamações e demandas dos emigrantes empreendedores.

De uma forma geral esses importantes atores territoriais têm a mesma postura. Todos declararam não conhecerem com precisão (alguns têm apenas noção) a realidade dos emigrantes retornados ou que empreenderam no território. Nenhuma instituição possui qualquer tipo de programa para auxiliar os emigrantes retornados. Algumas instituições promovem ações de assistência aos empreendedores em geral. Elas também não colocaram expectativa de solução às demandas apresentadas pelos entrevistados.

O governo é criticado por 28,8% dos entrevistados, identificando, normalmente, de forma genérica ou como prefeitura. A prefeitura foi citada, explicitamente, apenas por 5,8% dos entrevistados. As reclamações são relativas a: excesso de impostos e fiscalização, falta de retorno dos impostos pagos, falta de respeito do poder público, excesso de burocracia e falta de ajuda aos empreendedores. Houve reclamações contraditórias quanto à proteção aos trabalhadores, pela falta e excesso (lei trabalhista protecionista).

Os emigrantes empreendedores fizeram demandas específicas para o governo relacionadas ao apoio deste, principalmente em termos de capacitação (técnica) e ajuda financeira. Outro aspecto é a redução de impostos e burocracia, pelo menos para os novos empreendimentos. Um envolvimento mais direto da prefeitura também foi solicitado.

Foram entrevistados dois profissionais que trabalham na prefeitura, o senhor Renato Moreira Pinheiro, Secretário Municipal de Planejamento e o senhor Bruno Dias Bento que trabalha na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Social. Pôde-se observar que a prefeitura não tem preocupação em desenvolver ações que favoreçam ou apoiem os empreendedores e muito menos os emigrantes retornados.

Vários entrevistados (36,5%) citaram o nome do SEBRAE como referência no apoio ao empreendedor, porém 7,7% reclamou do seu atendimento ou de seus produtos e outros 7,7% declarou que falta divulgação.

Segundo o senhor Cirilo, representante do SEBRAE entrevistado, a instituição oferece vários produtos e serviços diferenciados para aqueles que querem empreendedor, para os empreendedores iniciantes (*negócios iniciais*) e para aqueles já consolidados (*negócios estabelecidos*). Dentre os produtos oferecidos há cartilhas, orientações e três tipos de eventos: palestras, atendimentos coletivos e cursos (aqui dispostos por ordem de duração e profundidade) com 3 focos: gestão e finanças, recursos humanos e empreendedorismo e mercadológico. O principal produto oferecido é o EMPRETEC, programa de capacitação de padrão internacional, patrocinado pelo PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, com maior profundidade. Ele relatou, ainda, que já recebeu até ligações de emigrantes da região diretamente dos Estados Unidos pedindo auxílio para a montagem do negócio e citou o projeto do SEBRAE em Governador Valadares voltado para os emigrantes.

O SINDICOMÉRCIO - Sindicato do Comércio Varejista de Teófilo Otoni foi citado por 1,9% dos empreendedores e se destacou pela sua ligação com a FECOMÉRCIO - Federação do Comércio do Estado de Minas Gerais, órgão estadual, do sistema FIEMG - Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais de grande atuação e projeção no setor. Seu representante, o senhor Iesser, forneceu uma boa quantidade de dados, porém de natureza setorial e referentes ao estado de Minas e à capital.

As demais instituições não foram citadas pelos emigrantes e alguns alegaram desconhecimento delas.

O CDL-TO - Câmara dos Dirigentes Lojistas de Teófilo Otoni, depois do SEBRAE, é a instituição que oferece mais opções de produtos e serviços para os empreendedores, apesar de sua ação ser mais voltada para um público mais específico: o comerciante.

Finalmente, a ACITO - Associação Comercial e Industrial de Teófilo Otoni é uma instituição que se encontra praticamente inativa na sua atual gestão. Não promove nenhuma ação no território e vem perdendo seus associados gradativamente.

O empreendedorismo é importante para os emigrantes assim como para o território. Nem só os emigrantes devem empreender, mas eles compõem um grupo especial que possui características distintas dos demais habitantes. Os emigrantes retornados trazem consigo, além do capital financeiro, capital humano e social que são difíceis de serem mensurados e reconhecidos pelo mercado de trabalho. Porém, esses capitais podem ser – e têm sido – muito úteis para a sociedade, permitindo a geração de novos negócios, que trazem desenvolvimento econômico e social.

Em termos de capital humano, eles trazem experiências de vida que ampliaram suas visões de mundo e permitem que eles tenham uma postura mais firme e positiva diante da vida. É claro que alguns dos entrevistados fracassaram, assim como muitos outros que não estavam no recorte desta pesquisa, e provavelmente não desenvolveram as mesmas características.

Além das experiências, como emigrantes desenvolveram competências que são necessárias aos empreendedores, como por exemplo: disposição para o trabalho, vontade de vencer, persistência, resignação ante as adversidades, autonomia, auto gestão, iniciativa, flexibilidade, tolerância dentre outros.

A maioria deles desenvolveu a habilidade fundamental do relacionamento interpessoal, que ajuda muito na criação e manutenção de redes de contatos, nas negociações e na mobilização de recursos nessas redes, aspectos mais importantes para o sucesso dos negócios que o próprio perfil empreendedor.

[...] no decorrer da criação e evolução de novos negócios, os empreendedores tendem a mobilizar sua rede de relacionamentos para acessar recursos e transformar visões e planos de negócios em realidade [...] para obter recursos [...] que, por diversas razões, não estão disponíveis internamente na firma [...] e/ou não são facilmente adquiridos por meio de transações de mercado (VASCONCELOS et al., 2007, p. 114).

As redes sociais que ajudaram na migração provavelmente não serão úteis para os negócios. Alguns dos emigrantes empreendedores poderiam utilizar suas redes de contatos para criarem um diferencial em seus negócios, mas na pesquisa não foi identificado – pelo menos não foi informado de forma espontânea – algum entrevistados que as tenha utilizado para alavancar seu negócio.

Alguns emigrantes trouxeram inovação ao território. A inovação não vem somente na abertura de negócios que não existiam, mas também nas ideias de novas formas de negociar, de atender os clientes, de gerenciar, de melhorar processos e produtos; enfim agregar mais valor aos produtos e serviços. Este é um aspecto estratégico importante. Alguns exemplos dessas inovações estão em negócios como: frango na brasa, lavanderia, indústria de bebidas,

investimento na cadeia produtiva, adoção de praça pública, mecanismo de zona de processamento de exportação etc.

O território se criou pelos sonhos do empreendedor Teófilo Otoni, que veio de fora, e se consolidou com a miscigenação de etnias gerada pela imigração. Dentro de um processo cíclico, o território passa por uma reconfiguração, provocada pelos imigrantes que chegam, pelos emigrantes que retornam e pelos empreendedores que investem.

Os emigrantes saíram do país em busca de um sonho e retornam para realizá-lo, para tornarem-se empreendedores e melhorarem sua posição social na origem. A emigração internacional é uma nova etapa da história deste território.

O recorte feito neste estudo demonstrou que os emigrantes retornados tinham a clara vontade de tornarem-se empreendedores. Contudo, aspectos positivos e negativos foram encontrados. O capital, as experiências e habilidades desenvolvidas potencializam a realização de seus sonhos, porém lhes falta qualificação formal, conhecimentos gerenciais e autocrítica.

Emigrantes saíram da cidade e retornaram com ideias novas e o desejo de permanecer e contribuir para o desenvolvimento. Novos sonhos se realizarão, novas identidades e culturas surgirão, novos sentimentos de pertencimento poderão surgir e, com isso, fazer as pessoas se enraizarem. Enfim, uma nova configuração territorial está se gestando.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão central desta dissertação é compreender quais são *as possibilidades e as condições para o emigrante internacional retornado se inserir de forma positiva, através do empreendedorismo, na economia da cidade de Teófilo Otoni.*

Os dados levantados pela pesquisa empírica, apoiados nas teorias estudadas, permitem a afirmação de que, apesar das carências e dificuldades tanto intrínsecas dos emigrantes empreendedores quanto extrínsecas do território, o empreendedorismo se mostrou como uma possibilidade interessante para o emigrante que retorna ao território de Teófilo Otoni, já que, dentre os que escolheram este caminho, apesar da dificuldade de se quantificar, uma boa parte obteve sucesso. Já a opção do emprego não foi favorável ou cogitada pela maioria dos entrevistados (75,0% não procuraram e só 4% tinham a intenção de trabalhar empregados).

O perfil predominante dos emigrantes que saíram da região e retornaram para o município de Teófilo Otoni pode ser descrito como: sexo masculino, idade média de 28 anos, baixa renda, baixa escolaridade (fundamental e médio).

Eles emigraram em busca de melhoria financeira, utilizando os recursos das redes sociais, com destinos para EUA e Portugal, permanecendo no exterior por 7 anos, na média. No exterior a maioria não estudou e trabalhava, em média, 12,5 horas por dia e na condição de indocumentados. Por esse motivo, eles trabalhavam basicamente nos três ramos típicos que os emigrantes trabalham: construção civil, restaurantes e faxina doméstica.

Apesar de os emigrantes declararem que os principais motivos para retornarem foram a família, o alcance dos objetivos propostos e o cansaço; ficaram implícitos outros motivos. Observando que os retornos iniciaram em 2003, logo após o atentado de 11 de setembro de 2001 e que o pico ocorreu em 2008, após o início da crise financeira dos países desenvolvidos. Dessa forma, a intranquilidade pela falta de documentos ou a falta de trabalho causado pela crise também devem ser considerados como fatores motivadores do retorno.

A grande maioria considera que melhorou de vida (88,5%) e considera que valeu a pena emigrar (98,1%). Interessante que dentre os benefícios obtidos com a emigração, uma parcela maior valorizou o crescimento pessoal, profissional e cultural antes do ganho material.

As demandas dos emigrantes retornados empreendedores, na sua maioria, são plenamente justificadas. Eles requerem, em primeiro lugar, que haja mais ajuda do governo ou de organizações no sentido de oferecer consultoria, assessoria, assistência técnica, que os auxilie a administrar seus negócios. Em segundo lugar, de forma complementar, eles gostariam que houvesse cursos ou escolas voltadas para uma formação ou capacitação

gerencial. Em seguida, a terceira demanda é redução da taxa de juros ou subsídios para os empreendedores iniciantes. Outras solicitações são a redução da carga tributária e da burocracia, tanto pública como bancária.

Confirmando as expectativas iniciais, a grande maioria dos emigrantes retornados que empreenderam em Teófilo Otoni, dentro da amostra entrevistada, não possuíam, previamente, os conhecimentos administrativos necessários. Isso fica demonstrado pelo grande número de 69,2% que não construiu um plano de negócio ou não fez qualquer planejamento ou estudo de mercado antes de iniciar o empreendimento e pelos 42,3% que não exerceram atividades gerenciais no exterior. Na questão sobre dificuldades encontradas para empreender, 13,5% deram respostas relacionadas à falta de conhecimentos administrativos e na questão sobre características pessoais que prejudicam 9,6% responderam falta de conhecimento administrativo. Estes valores não são cumulativos.

No entanto, a maioria dos emigrantes exerceu algum tipo de atividade gerencial ou liderança, o que é interessante para o empreendedorismo. Este aspecto precisa ser potencializado. Pela natureza dos trabalhos realizados no exterior, devem ter desenvolvido habilidades de liderança e controle operacional. Apesar disso, faltam-lhes conhecimentos administrativos que precisam ser adquiridos, principalmente nos aspectos relacionados a planejamento e à gestão estratégica, como a pesquisa de mercado, por exemplo.

Seria aconselhável, mas não necessário que eles façam curso superior para adquirirem tais qualificações, que podem ser adquiridas em cursos específicos de curta duração. Tal afirmação se deve ao fato de que a maioria dos negócios dos entrevistados é de pequeno porte, com baixo grau de complexidade, relacionados, principalmente, a atividades de comércio e prestação de serviços. O número médio de empregados por negócio é de 9,6, mas apenas 11,5% das empresas possuem mais de 10 empregados. Retirando estas últimas do cálculo, a média cai para 3,3 empregados por empresa.

Correlacionar características que predisõem os indivíduos à emigração com as que favorecem o empreendedorismo é uma tarefa difícil. As reflexões a seguir foram feitas a partir das competências que os emigrantes demonstraram possuir ou ter adquirido com a migração, relacionando-as com as características empreendedoras descritas por McClelland e Chiavenato, relacionadas no capítulo 4.

Os emigrantes tiveram iniciativa, foram *autopropulsionadores*, buscaram informações, usaram suas habilidades de comunicação, relações interpessoais e poder de persuasão para mobilizarem relacionamentos e acessarem os recursos nas redes sociais com vistas a atingir o objetivo da emigração, bem como para conseguirem trabalho, moradia e se manterem no

território estrangeiro. Estas habilidades são muito importantes também para a obtenção de recursos necessários ao negócio, como descrito por Vasconcelos et al (2007).

Nas atividades profissionais desenvolvidas no exterior exerceram liderança de equipes e/ou trabalhos gerenciais, o que exigiu deles as habilidades de comunicação, relacionamento interpessoal e persuasão. Além disso, para galgar tais postos eles tiveram que demonstrar as seguintes capacidades: comprometimento, busca da qualidade e eficiência, organização do trabalho, assumir responsabilidades e desafios e tomar decisões.

Eles também desenvolveram a capacidade de viver com recursos escassos, economizando ao máximo, controlando seus desejos ou necessidades imediatas, se privando no presente com vistas ao cumprimento de um objetivo futuro. Essa persistência aliada à fixação de metas, eficiência, planejamento, controle e autocontrole são muito importante para manter equilibrados os recursos, principalmente os financeiros, de seus negócios e enfrentar situações de crise, evitando o desperdício e endividamento do negócio.

A perseverança também é um aspecto importante, demonstrada no fato de 7,7% ter voltado a empreender após o insucesso e também no longo tempo de emigração cuja média foi de 7 anos. Essa perseverança demonstra também um alto comprometimento com o cumprimento dos objetivos propostos.

Correr riscos calculados é outra habilidade importante que a maioria dos emigrantes demonstrou, pois saíram do país com conhecimento de pessoas no exterior. Alguns poucos foram com empregos garantidos, o que reduziu ainda mais o risco. Da mesma forma, muitos deles foram cautelosos, investindo em imóveis antes de investirem em seus negócios.

Quanto ao trabalho duro, a maioria demonstrou disposição, pois 12 horas/dia era a média trabalhada por eles no exterior, sendo que 53,8% trabalhavam mais do que esta média.

Os emigrantes desenvolveram a adaptabilidade, pois estavam expostos a condições adversas, a culturas diferentes e conseguiram se comunicar em outra língua (no caso dos que não dominavam a língua do país). A experiência de vida que tiveram lhes ofereceu a oportunidade de crescimento pessoal, psicológico, profissional e cultural, o que traz importantes desdobramentos para a gestão de seu negócio atual.

Finalmente, quanto às capacidades de planejar, fixar metas, assumir responsabilidade e desafios – e até mesmo certo orgulho do que faz – a maioria deles apresentou planos futuros de expansão do negócio.

De forma objetiva, as condições para que o empreendedorismo ocorra satisfatoriamente dependem dos próprios emigrantes. Contudo, 94,2% dos entrevistados

acreditam que alguma ação pode ser feita para fomentar as iniciativas empreendedoras no território.

Singer (2008) afirma ainda que a transformação de desempregados em microempresários é uma tendência atual, mas que lhes falta experiência profissional, conhecimento de como operara um negócio e reconhecimento junto à clientela potencial. Isso explica o pequeno índice de sucesso. O positivo aqui é que a atividade empreendedora, no entanto, gera um aumento de demanda no mercado, fruto do consumo da renda gerada pelas pequenas empresas. Com isso cresce a economia do território, pois uma boa parte da renda não vai para o exterior, além da vantagem de se evitar o risco da superprodução, desde que seus negócios sejam em ramos diversificados.

Considerando o perfil conservador dos empresários estabelecidos anteriormente no território de Teófilo Otoni, o emigrante traz inovação para o mercado. Sua visão mais globalizada e criativa de negócios se alia ao hábito do trabalho duro para ganhar dinheiro, com menor tendência à especulação e ao oportunismo. Porém, fica faltando a busca de estudo e especialização para agregar valor às suas empresas.

A nova visão dos emigrantes internacionais que retornaram ao território, aliada a uma quantidade considerável de imigrantes internos recém-chegados ao território já tem alterado a cultura da cidade, sua paisagem física e social. A Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, por exemplo, trouxe quase uma centena de professores e uma grande quantidade de alunos de outras regiões do país.

Fica clara a falta de interação entre os atores do território. Os emigrantes e as instituições responsáveis pela organização econômica, política e social coexistem de forma isolada e parecem se desconhecer. Isso é uma característica de apatia observada no território. Essa apatia parece ter sido gerada historicamente em períodos mais recentes, pois a cidade já teve um período de glória.

Vários sujeitos (28,8%) reclamaram do governo, o que é compreensível, já que o Estado ainda é o maior ator sintagmático de praticamente todos os territórios. Porém, abaixo dele há uma lacuna que poderia ser ocupada por organizações não governamentais ou corporações de maior porte. Algumas poucas instituições associativas, normalmente de classe, existentes no território não contribuem para o fortalecimento do ambiente de negócios.

A postura do Estado e de outros atores paradigmáticos perante a emigração no território estudado é ambígua. A indiferença é grande e deixa esses indivíduos completamente por sua própria conta e risco. Ele não tem o poder de evitar a emigração, mas também não demonstra nenhuma preocupação a respeito. Isso pode ocorrer pela falta de interesse em

levantar informações ou por considerar o fenômeno como de pouca expressividade no território. Os dados levantados mostram que o número de emigrantes é maior do que se supunha, confirmado pela surpresa dos entrevistados, quando informados a respeito.

O descaso dos políticos aliada à baixa autoestima da população criam uma situação cultural de apatia. Reclama-se muito, mas faltam empreendedores com coragem de mudar o território. O mais importante é que haja oportunidades para a prosperidade de todos.

Apesar da problemática descrita, existe a esperança de que os dados levantados pela pesquisa possam subsidiar políticas voltadas para o estímulo e a sustentação do empreendedorismo do emigrante retornado e, principalmente, daquele que ainda está no exterior. Aprender a empreender, pesquisar o mercado e planejar o negócio enquanto ainda se tem renda, mesmo que no exterior, é mais fácil e tranquilo e potencializará resultados muito mais efetivos.

É possível fazer uma comparação com o território do Rio Doce, onde o Banco Interamericano de Desenvolvimento em parceria com o SEBRAE e a Caixa Econômica Federal – não diretamente o Estado – criaram um programa²⁶ com o objetivo de reduzir as perdas econômicas dos emigrantes retornados que trazem capital e pretendem investir naquele território. O programa oferece educação financeira e capacitação empreendedora, através do ensino a distância.

Em Teófilo Otoni, parcerias entre a prefeitura, o SEBRAE e outras organizações, a exemplo do programa desenvolvido em Governador Valadares, podem auxiliar o emigrante empreendedor que possui o capital, mas não o conhecimento e as habilidades necessárias para atuar competitivamente no mercado regional.

Cabe também ao SEBRAE divulgar mais amplamente seus produtos já existentes, que atendem a uma vasta gama de empreendedores, em diversos estágios do processo de concepção de seus negócios. Produtos como o aprofundado EMPRETEC e a capacitação a distância Aprender a Empreender poderiam atender às demandas dos empreendedores do território, mesmo os que não emigraram.

Evidentemente, este trabalho não se encerra em si mesmo. Alguns desafios podem ser vislumbrados a partir da temática e utilizando a base de dados por ele construída e que poderá ser ampliada. Outros estudos sobre o território de Teófilo Otoni podem abranger temas como, por exemplo: aspectos relacionados ao papel das redes sociais no empreendedorismo;

²⁶ O Fundo Unilateral de Investimentos (FUMIN) do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) criou o *Programa de Remessas e Capacitação para Emigrantes Brasileiros e seus Beneficiários no Brasil* em parceria com a Caixa Econômica Federal (CEF) e o SEBRAE de Governador Valadares.

questões de gênero, raça ou credo relacionadas à migração; características locais e regionais que diferenciam o empreendedorismo com relação a outros territórios e principalmente ao exterior; dentre outras.

Dornelas (2008) explica que há empreendedores que gostam do lado operacional e não conseguem sair desse nível, centralizam todos os controles e dificultam o crescimento da empresa. Pelas características dos trabalhos que os emigrantes tinham no exterior eles não estariam limitados aos aspectos operacionais, restringindo o crescimento ou o sucesso dos seus negócios? Outras pesquisas podem ser conduzidas com o objetivo de traçar um paralelo aprofundado entre as características dos emigrantes e as características empreendedoras e a influência dessas características positivas e negativas na gestão dos seus negócios.

Surgem vários questionamentos que podem ser respondidos por trabalhos futuros. Dentre os emigrantes empreendedores há negócios que estão sobrevivendo por anos no mercado, mas será que estão sendo bem administrados? Quais as perspectivas de crescimento e sobrevivência no médio e longo prazo? Em que medida a experiência obtida com a emigração colabora ou prejudica na administração do negócio? Em que medida as diferenças existentes entre território local e o de emigração interferem na percepção do empreendedor e na sua forma de condução dos negócios? Por que outros emigrantes não empreenderam? Por que alguns emigrantes que empreendera tiveram sucesso e outros não?

Soares (2002), em sua tese de doutoramento, traça um paralelo entre os movimentos emigratórios internacionais que ocorreram a partir das cidades de Governador Valadares e Ipatinga, à luz das teorias das redes sociais. Analisado por esse princípio teórico é possível observar que “essa rede, originada em Valadares, amplia seu campo de ação e incorpora regiões vizinhas” (SOARES, 2002). Considerando que grande parte dos emigrantes teófilo-otonenses se dirigiu aos EUA e que, assim como Ipatinga, Teófilo Otoni guarda contiguidade regional com Valadares, é possível e interessante que um trabalho semelhante seja realizado, comparando as características e avaliando conexões entre os comportamentos emigratórios dessas cidades.

Concluindo, em resposta à questão que norteou este estudo, segundo os dados apresentados, são promissoras as perspectivas para os emigrantes que retornaram a Teófilo Otoni e se inseriram no mercado com empreendedores. O território está iniciando uma fase de desenvolvimento, após um período de estagnação, oferecendo oportunidades para os empreendedores que souberem explorar. Para que seus empreendimentos sejam sustentáveis – competitivos ao longo do tempo –, os emigrantes precisam agregar qualificações que lhes permitam construir um bom estudo de mercado atrelado a um detalhado plano de negócio.

Além disso, devem desenvolver habilidades gerenciais e de liderança. O desafio é plenamente factível.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ACHTSCHIN, Márcio. **A Filadélfia não sonhada**: escravidão no Mucuri do século XIX. Teófilo Otoni, MG: [s.n], 2008.

AMORIM, Aparecida. A interface entre emigração internacional e a religião: um estudo de caso. **Caderno Neder**. Governador Valadares, MG: Editora Univale, v. 1, n. 2, 2008. p. 98-113.

ARAÚJO, Valdeí Lopes. **Teófilo Otoni e a Companhia do Mucuri**: a modernidade possível. Belo Horizonte: Governo de Minas, Secretaria de Estado de Cultura, Arquivo Público Mineiro, 2007.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Estar aqui, estar lá... O retorno dos valadarenses ou construção de uma identidade transnacional? **Caderno de Ciências Sociais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 36-47, dez 1996.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. As mulheres na formação das redes de emigração. In: PÓVOA NETO, Hélio; FERREIRA, Admir Paccelli. Cruzando fronteiras disciplinares. **Um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005. P. 311-348.

ATKINSON, Rowland; FLINT, John. Accessing Hidden and Hard-to-Reach Populations: Snowball Research Strategies. **Social Research Update**. n. 33, summer 2001. Disponível em: <<http://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU33.pdf>>

BENTO, Bruno Dias. **As matrizes e a fundação: a Companhia de Comercio e Navegação do Mucury & a Estrada de Ferro Bahia e Minas**: um breve estudo da formação do Vale do Mucuri. 2006. 139f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Faculdade de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

BORJAS, George J. The economics of immigration. **The Atlantic Monthly**. Boston, p.72-80, November 1996.

BORJAS, George. J. **Friends or strangers**: the impact of immigrants on U.S. Economy. New York: Basic Book, 1990.

CAMPOS, Emerson César. **Territórios deslizantes**: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea - Criciúma (SC) (1980-2002). 2003. 222f. Tese (Doutorado em História Cultural) - Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

CARVALHO, J. M. Ouro, terra e ferro: vozes de minas. In: GOMES, A. D. C. (Org.). **Minas e os fundamentos do Brasil moderno**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 55-78.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CHAGAS, Paulo Pinheiro. **Teófilo Otoni: ministro do povo**. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

COSTA, Cláudia C. R. Caxias. **A migração de retorno para o estado da Bahia**: uma análise demográfico-espacial 1991 – 2000. Dissertação de mestrado em Geografia – Tratamento da Informação Espacial – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

COSTA, Sergio. Desigualdade social e identidades culturais. In: _____. **As Cores de Ercília**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p.131-154.

DEGEN, Ronald Jean. **O empreendedor**: empreender como opção de carreira. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Cultura; 2003.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DRUCKER, Peter. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship)**: prática e princípios. 3 ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais (ARS) e migração: mito e realidade. In: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 13, 2002, Caxambu. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST1_Fazito_texto.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2011.

FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do “retorno”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 25, n. 72, p. 89-100, fev 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v25n72/v25n72a07.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

FRANKEN, Ieda; COUTINHO, Maria da Penha de Lima, RAMOS, Natália. Migração, qualidade de vida e saúde mental: um estudo com brasileiros migrantes. In: RAMOS, Natália (org.). **Saúde, migração e interculturalidade**: perspectivas teóricas e práticas. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008. Cap. 5. P. 177-212.

FUSCO, Wilson. **Redes sociais na migração internacional**: o caso de Governador Valadares. Campinas: IFCH-UNICAMP, 1998.

GAMA, Eduardo Rodrigues Nogueira. **Referências do Brasil pré-industrial úteis ao turismo em áreas naturais e rurais**. 2004. 115f. Monografia (Especialização em Ecoturismo) - Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, Brasília, 2004. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/587/1/2004_EduardoRodriguesNogueiraGama.pdf>. Acesso em 04 abr. 2011.

GEM – *Global Entrepreneurship Monitor. 2010 Annual Report*. Babson Park, MA, EUA: Babson College, 2010. 85 p. Disponível em: <<http://www.gemconsortium.org/download.asp?fid=1093>>. Acesso em: 05 mai. 2011.

GEPAF - Grupo de Pesquisa em Agricultura Familiar. **Atualização do plano de desenvolvimento territorial rural sustentável:** território da cidadania Vale do Mucuri-MG / Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Pró-reitoria de Extensão. Grupo de Pesquisa em Agricultura Familiar. Teófilo Otoni: UFVJM, 2010. 120 p.

GIDDENS, Anthony. Sistemas abstratos e a transformação da intimidade In: _____. **Conseqüências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991. p. 115-150.

GOLGHER, André Braz; ARAÚJO JUNIOR, Ari Francisco. Migrantes e não migrantes em Minas Gerais: a influência de fatores pessoais e de contexto socioeconômico e criminal. Work Paper WP4. IBMEC-MG, [S.l.]: [s.n.], 2004. Disponível em: <http://www.ceae.ibmecmg.br/wp/wp4.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2011.

GOODMAN, Leo A. Snowball Sampling. **Annals of Mathematical Statistics.** V. 32. n. 1 1961. p. 148-170. Disponível em: <<http://projecteuclid.org/DPubS?verb=Display&version=1.0&service=UI&handle=euclid.aoms/1177705148&page=record>>. Acesso em: 25 fev. 2010.

GURVITCH, George. Definição do conceito de classe social. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **Estrutura de classes e estratificação social.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977. cap. 4. p. 94-113.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

IANNI, Octavio. **A sociedade global.** 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

IDENE. In: DIVERSOS **Reflexões e experiências para a sustentabilidade do desenvolvimento do norte e nordeste de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Instituto Mineiro de Gestão Social - IMGS, 2008.

MARASCHI, Kátia. **A construção/reconstrução de identidades no contexto migratório:** a narrativa de dirigentes imigrantes na cidade de Pomerode. 2006. 185f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Sociais da Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, 2006. Disponível em: <http://www6.univali.br/tede/tede_busca/arquivo.php?codArquivo=200>. Acesso em: 05 abr. 2011.

MARSHALL, T. H. Cidadania e Classe. In: _____. **Cidadania, classe social e status.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 57-114.

MCT. **Sociedade da informação no Brasil:** livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

MERCADANTE, Paulo. **Os Sertões do Leste:** estudo de uma região, a Mata mineira. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MILES, R. E.; SNOW, C. C. **Organizational strategy, structure and process.** New York: McGraw-Hill, 1978.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. **200 anos de Ministério da Fazenda.** 2008. Disponível em: <<http://200anos.fazenda.gov.br>>. Acesso em 12 abr. 2011.

MIRANDA, Aluizio Ribeiro. **Serro: três séculos de história.** Rio de Janeiro, 1972.

MIRANDA, Leonardo Souza de Araújo. A democracia da gravata lavada: Teófilo Ottoni, liberdade, e espaço público no periódico Sentinella do Serro. In: **Associação Nacional de História**. XX, 2010. Anais eletrônicos. Disponível em:

<<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Leonardo%20S.%20de%20Ara%20FAjo%20Miranda.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

MIRANDA, Nilmario. **Teófilo Ottoni, a república e a utopia do Mucuri.** 1 ed. São Paulo: Caros Amigos, 2007.

MONKEN, Maurício; BARCELLOS, Christovam. Vigilância em saúde e território utilizado: possibilidades teóricas e metodológicas. **Cadernos de Saúde Pública** v.21 n.3 Rio de Janeiro, mai/jun 2005.

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização.** Edição executiva. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

NUNAN, Carolina dos Santos; FERNANDES, Duval. O imigrante internacional de retorno e a (re) inserção no mercado formal de trabalho. In: **Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. 15, 2006, Caxambu/MG. Anais eletrônicos. Disponível em:

<http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_417.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2011.

PATARRA, Neide L. migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 23-33, jul./set. 2005.

PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil.** 2003. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

PORTES, Alejandro. Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview. In: **The economic sociology of immigration: Essays on network, ethnicity, and entrepreneurship.** New York: Russell Sage Foundation, 1995. Cap. 1, p. 1-41.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RAVENSTEIN, E. G. The Laws of Migration. **Journal of the Statistical Society of London**. v. 48. n. 2. Jun. 1885. pp. 167-235. Blackwell Publishing for the Royal Statistical Society. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/2979181>. Acesso em 18 jul. 2011.

RENAULT, Pedro Victor. **Relatório da Expedição dos Rios Mucury e Todos os Santos.** 1837. Movimento Pró Rio Todos os Santos e Mucuri. Disponível em:

<<http://www.roteirodaspedras.com.br/rtm/portfolio/eventos/?noticia=25&evento=Relat%F3rio%20Expedi%20E7%20Mucury%20e%20Todos%20os%20Santos>>. Acesso em: 25 mai. 2011.

RENGER, Friedrich Ewald; MACHADO, Maria Márcia Magela. Do descobrimento do ouro à criação das vilas na cartografia histórica da Capitania de Minas Gerais. In: **I Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica**, [s.d.], UNICAMP, Campinas. Disponível em:

<<http://revistas.ceurban.com/numero5/artigos/friedrichewaldrenger.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

RODRIGUES, Ana Aparecida Villanueva. A queda d'água chamada Ytu-Guassu e o rio Tietê: a fundação de cidades no interior de São Paulo como estratégia portuguesa de expansão territorial no Brasil. In: **I Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica**, [s.d.], UNICAMP, Campinas. Disponível em:

<<http://revistas.ceurban.com/numero7/artigos/anaaparecidavillanuevarodrigues.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

SACHSIDA, Adolfo; CASTRO, Paulo Furtado de; MEDONÇA, Mário Jorge Cardoso de; ALBUQUERQUE, Pedro H. Perfil do migrante brasileiro. **Texto de discussão IPEA**, n. 1410, julho de 2009. Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4942:perfil-do-migrante-brasileiro&catid=170:presidencia&Itemid=2>. Acesso em: 31 mai. 2011.

SACK, Robert David. **Human territoriality: its theory and history**. New York: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS JÚNIOR, Enestor da Rosa; MENEZES-FILHO, Naércio; FERREIRA, Pedro Cavalcanti. Migração, seleção e diferenças regionais de renda no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, p. 299-331, 2005. Disponível em:

<<http://ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/viewFile/47/25>>. Acesso em 21 mai. 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e cultura de fronteira. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 5(1-2), p. 31-52, nov. 1994.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. O esquema de classe neomarxista de Erik Olin Wright. In: _____. **Estrutura de posições de classe no Brasil: mapeamento, mudanças e efeitos na renda**. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Editora UFMG e IUPERJ, 2002. p. 37-68.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, v. Coleção Milton Santos; 1, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das migrações internacionais. In: **Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. 13, 2000, Caxambu. Anais eletrônicos. Disponível em:

<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2011.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno segundo Abdelmalek Sayad. **Travessia**, São Paulo, v. Especial, p. 3-33, jan. 2000.

SCHNEIDER, Sergio. e TARTARUGA, Iván G. Peyré. Território e abordagem territorial: das referências cognitivas aos aportes aplicados à análise dos processos sociais rurais. **Raízes**, Campina Grande, vol. 23, n. 01 e 02, p. 99-116, jan./dez. 2005. Disponível em:

<http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo_4.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2009.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SEBRAE-SP. **10 anos de monitoramento da sobrevivência e mortalidade de empresas.** São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.sebraesp.com.br/sites/default/files/livro_10_anos_mortalidade.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2009.

SEBRAE-SP. **Onde estão as micro e pequenas empresas no Brasil.** São Paulo; 2006. Disponível em: <http://www.sebraesp.com.br/sites/default/files/onde_mpes_brasil.pdf> Acesso em: 06 nov. 2009.

SILVA, Eva Aparecida; CANATO, César; MIRANDA, Luiza Eliote. Emigração Teófilo Otoni – Portugal. **Relatório técnico – BIC-JR FAPEMIG.** Teófilo Otoni, 2008.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas.** 7 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SINGH, Padam; PANDEY, Arvind; AGGARWAL, Abha. House-to-house survey vs. snowball technique for capturing maternal deaths in India: A search for a cost-effective method. **Indian Journal of Medical Research**, **125**, April 2007, p. 550-556. Disponível em: <<http://www.icmr.nic.in/ijmr/2007/april/0408.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

SIQUEIRA, Sueli. **Migrantes e empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno.** 2006. 200f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Sociologia e Política) – Faculdade de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://www.editora.univale.br>>

SIQUEIRA, Sueli. Emigração: Sonhos e frustrações no retorno à terra natal. In: **Área Domenium.** Portugal/Brasil, v.3, n.3, p. 267-288, fev. 2008.

SIQUEIRA, Sueli. Mobilidade social: análise comparativa do retorno de brasileiros dos EUA e Portugal. **Revista Migrações** - Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina, Outubro 2009, n.º 5, Lisboa: ACIDI, pp. 135-154. Disponível em: <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_5/Migr5_Sec1_Art7.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2011.

SOARES, Weber. **Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga.** 2002. 344f. Tese (Doutorado em Demografia) – CEDEPLAR, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. A farsa do neoliberalismo. In: SODRÉ, Olga (org.). **Desenvolvimento brasileiro e luta pela cultura nacional.** Itu (SP): Ottoni Editora, 2010. p. 91-136.

SOROKIN, Pitirim A. O que é uma classe social? In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **Estrutura de classes e estratificação social.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977. cap. 3. p. 84-93.

SOUZA, Luiz Eduardo Simões. **Elementos de demografia econômica.** São Paulo: LCTE, 2006.

TILLY, Charles. Transplanted networks. In: MCLAUGHLIN, Virginia Yans- (Ed.) **Immigration reconsidered: history, sociology, and politics.** New York: Oxford University, 1990. p.79-95.

TIMMERS, Frei Olavo. **Theophilo Benedicto Ottoni**: Pioneiro do Nordeste Mineiro e Fundador da Cidade de Teófilo Otoni. Ed. do Autor, 1969.

VALLE, Gláucia M. Vasconcellos. **Territórios vitoriosos**: o papel das redes organizacionais. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

VASCONCELOS, Geraldo Magela R.; REZENDE, Sérgio Fernando L.; GUIMARÃES, Liliane de Oliveira; FACHIN, Roberto Costa. Mobilizando relacionamentos e acessando recursos na criação e evolução de novos negócios. In: **O&S**, v.14, n.41, abr./jun. 2007.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 12 ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

GLOSSÁRIO

TERMOS RELACIONADOS À MIGRAÇÃO

Emigração	É o processo de saída de uma unidade geográfica para outra, passando a adotá-la como residência permanente.
Imigração	É o processo de entrada numa unidade geográfica, deixando outra e passando a adotá-la como residência permanente.
Migração	É o movimento de pessoas através de uma divisão política para estabelecer uma nova residência permanente. Divide-se em migração internacional (entre países) e migração interna (dentro do país).
Migração Familiar	Deslocamento de todos os indivíduos de uma mesma família, podendo ser induzida pelo responsável pela família.
Migração Interestadual	Tipo de migração no qual o migrante efetua mudança (temporária ou permanente) de residência entre dois ou mais Estados da Federação.
Migração Líquida	É o efeito líquido da imigração e da emigração sobre a população de uma zona num determinado período de tempo, expresso como aumento ou diminuição da população de uma divisão territorial, ou a diferença entre as entradas ou chegadas e as saídas ou partidas.
Migração de Retorno	Deslocamento de indivíduos naturais de uma unidade geográfica que durante algum tempo residiram em localidades distintas do local de nascimento e que, no momento da realização do Censo Demográfico, residiam na unidade geográfica de origem.
Migrante	É a pessoa de cinco anos ou mais de idade que declarou, numa data fixa quando da realização do levantamento censitário, residir numa Unidade da Federação diferente daquela em que foi enumerada cinco anos antes.
Pirâmide etária	É a representação gráfica (histograma) da população classificada por sexo e grupos quinquenais de idade. Deve ser construída considerando os percentuais de homens e mulheres em cada grupo etário com relação à população total.
Razão de sexo	Designa o número de homens que correspondem a 100 mulheres e é obtida dividindo-se o número total de homens pelo de mulheres e multiplicando-o por 100.
Regiões Econômicas	São unidades espaciais compostas de municípios fisicamente contíguos, estabelecidas para o planejamento governamental, comumente utilizadas para a divulgação de estatísticas agregadas. Expressam formas predominantes de produção/estágios econômicos específicos do Estado. Comportam, entretanto, grande heterogeneidade interna – entre os municípios integrantes – em termos econômicos, sociais e demográficos.
Saldo Migratório	É o resultado da diferença entre totais de imigrantes e emigrantes; seu volume mede a migração líquida.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA FORMAL

Roteiro da Entrevista Formal

Condição de inclusão do sujeito a ser entrevistado: Emigrante internacional que saiu da cidade de Teófilo Otoni, morou em qualquer país, retornou há pelo menos 6 meses, com intenção de permanecer, se encontra na faixa etária economicamente ativa e desenvolveu ou desenvolve alguma atividade econômica por conta própria (empreendedorismo).

Identificação da Entrevista

- 01) Número: _____ 02) Data: _____
 03) Entrevistador: _____

Identificação do Entrevistado

- 04) Nome: _____
 05) Endereço: _____
 06) Cidade/UF: _____
 07) Idade: _____ anos
 08) Sexo: Masculino Feminino
 09) Estado civil: Solteiro(a) Casado(a) / União estável
 Viúvo(a) Divorciado(a) / Desquitado(a) / Separado(a)
 10) Naturalidade: _____
 11) Como você se classifica com relação à cor? _____

Identificação Sócio-Econômica

- 12) Antes de emigrar, qual era a dependência de sua família com relação a você?
 Você sustentava a família
 Você ajudava a família mas havia outras rendas
 Você não ajudava na renda doméstica
 Outro - descrever: _____
- 13) Quando emigrou você tinha carro? Sim Não
- 14) Qual era o seu grau de escolaridade antes de partir para o exterior?
 Ensino fundamental incompleto
 Ensino fundamental completo
 Ensino médio incompleto
 Ensino médio completo
 Ensino superior incompleto
 Ensino superior completo
 Outro - descrever: _____
- 15) Qual era a sua renda mensal aproximada antes de partir para o exterior? R\$ _____
- 16) Antes de você emigrar pela primeira vez como você morava?
 Em casa própria paga
 Em casa própria financiada
 De aluguel
 De favor
 Com pais ou parentes
 Outro - descrever: _____

17) Quando você emigrou pela primeira vez, sua situação profissional em Teófilo Otoni era:

- Emprego formal (carteira assinada, funcionário público efetivo etc.)
 Emprego informal (sem carteira assinada, temporário etc.)
 Proprietário de negócio
 Trabalhava por conta própria
 Desempregado
 Estudante
 Outro - descrever: _____

18) A atividade profissional que você tinha em Teófilo Otoni antes de emigrar era:

- Trabalhador rural
 Serviços domésticos
 Funcionário público
 Serviço técnico-especializado
 Profissional liberal com ensino superior
 Atividades do comércio
 Trabalhador autônomo
 Aposentado/pensionista
 Não trabalhava
 Outro - descrever: _____

Características da Migração

19) Em que ano que você migrou pela primeira vez? _____

20) Para qual(is) país(es) você emigrou (primeira e última vez)?

- Estados Unidos
 Portugal
 Inglaterra
 Espanha
 Canadá
 Outro - descrever: _____

21) Qual foi o motivo principal para emigrar?

22) Qual era a sua idade quando emigrou pela primeira vez? _____ anos

23) Quanto tempo ficou fora do país na última vez? _____ anos _____ meses

24) Você já conhecia alguém no país da primeira emigração?

- Sim Não

25) Se você já conhecia alguém, qual a sua relação com esta pessoa?

- Marido / esposa
 Filho / filha
 Namorado(a) / noivo(a)
 Parente
 Amigo(a)
 Outro - descrever: _____

26) Quando você emigrou qual foi a forma de entrada no país estrangeiro?

- Visto de turista
- Visto de trabalho
- Visto de estudante
- Com Cidadania
- Com Green Card (EUA)
- Passaporte montado
- Pela fronteira de país vizinho
- Outro - descrever: _____

27) Qual foi a condição documental (legal) que você ficou no país estrangeiro?

28) Como foi financiada a sua viagem?

29) Como conseguiu o seu primeiro emprego no exterior?

- Já foi com emprego arranjado por amigos ou parentes
- Fez contato com conhecidos para conseguir trabalho
- Procurou em jornais
- Outro - descrever: _____

30) Você levou ou ajudou a levar algum parente ou amigo para o exterior?

- Sim
- Não

31) Se levou, qual o grau de parentesco do mais próximo?

32) No exterior você trabalhava para:

- Brasileiros
- Nativos do país
- Imigrantes de outra nacionalidade

33) As atividades profissionais que você exercia no exterior eram:

- Serviços domésticos / faxina
- Serviços em restaurantes, bares e afins
- Serviços na construção civil
- Entregas
- Acompanhante de pessoas idosas
- Babá
- Não trabalhava
- Outro - descrever: _____

34) Qual era a sua renda média?

em:

- Dólares
- Euros
- _____

por:

- Semana
- Mês
- _____

35) Quantas horas por dia você trabalhava, na média?

_____ horas / dia

36) Como eram suas condições de moradia no exterior?

37) Qual a maior dificuldade enfrentada no exterior?

38) Você enviava dinheiro para Teófilo Otoni quando estava no exterior?

() Sim () Não

39) Se enviava dinheiro, como foi aplicado o dinheiro das remessas?

- () Despesas da família
 () Pagamento de dívidas
 () Poupança
 () Investimento - descrever: _____
 () Outro - descrever: _____

40) Aproximadamente, quanto você enviava para seus familiares?

_____ em: () Dólares () Semana
 () Euros () Mês
 () _____ () _____

41) Como você enviava dinheiro para seus familiares?

- () Através de parentes ou amigos que estavam retornando para o Brasil
 () Cheque de viagem
 () Agência de turismo
 () Western Union, Vigo, outro
 () Transferência direta de conta bancária para o Brasil (CEF, Sicoob, AC Cred etc.)
 () Correio
 () Outro - descrever: _____

42) Enquanto esteve fora do Brasil você estudou?

() Sim () Não

43) Se estudou, que tipos de estudos fez?

- () Cursos avulsos
 () Cursos técnicos ou de certificação em áreas específicas
 () Cursos acadêmicos em escolas regulares
 () Outro - descrever: _____

44) Quando emigrou, qual o nível de conhecimento da língua daquele país?

- () Nenhum
 () Pouco (noções rudimentares)
 () Razoável (me comunicava com dificuldade)
 () Bom (conseguia me comunicar)
 () Outro - descrever: _____

45) Quais os bens que você adquiriu no Brasil resultado do dinheiro que ganhou como emigrante?

- () Casa ou apartamento Quantos? _____
 () Propriedade rural Quantos? _____
 () Lote Quantos? _____
 () Carro ou moto Quantos? _____
 () Empresa ou negócio Quantos? _____
 () Outros: _____ Quantos? _____
 () Nenhum

- 46) Você considera que sua vida, após ter saído de Teófilo Otoni:
- () Melhorou Por quê? _____
- () Piorou Por quê? _____
- () Não mudou

- 47) De uma forma geral, valeu a pena ter emigrado?
- () Sim () Não

- 48) Por quê? _____
- _____

Características do Retorno

- 49) Durante o período de emigração quantas vezes você retornou para Teófilo Otoni? _____

- 50) Quando você retornou para Teófilo Otoni pela última vez? _____

- 51) Que motivo(s) o fez(fizeram) retornar para Teófilo Otoni?

- 52) Nesses retornos você tinha a intenção de permanecer em Teófilo Otoni?
- () Sim () Não

- 53) Se tinha intenção de ficar, por qual(is) motivo(s) você não permaneceu em Teófilo Otoni?

- 54) Quais as principais dificuldades você teve nas vezes que retornou para Teófilo Otoni?

- 55) Qual o seu estado civil após o último retorno?

() Solteiro(a) () Casado(a) / União estável

() Viúvo(a) () Divorciado(a) / Desquitado(a) / Separado(a)

- 56) Você conseguiu trabalho em Teófilo Otoni, após o último retorno?
- () Sim () Não

- 57) Qual(is) motivo(s) te permitiram ou te impediram de conseguir trabalho em Teófilo Otoni?

58) Como foi a recepção da família e amigos em Teófilo Otoni após o último retorno?

59) Qual era os seu principal plano quando voltou pela última vez para Teófilo Otoni?

- Trabalhar empregado
 Trabalhar por conta própria como autônomo
 Investir em um negócio
 Outro - descrever: _____

60) Valeu a pena ter retornado?

- Sim Não

61) Por quê?

Características Empreendedoras e do Negócio

62) Você exerceu atividades gerenciais quando esteve no exterior?

- Sim Não

63) Descreva:

64) Se sim, essas atividades gerenciais te ajudaram na sua vida profissional atual?

- Sim Não

65) Explique:

66) Seu negócio continua funcionando?

- Sim Não

67) Qual o setor e ramo de negócio da sua empresa?

- Comércio _____
 Indústria _____
 Serviço _____
 Agronegócio _____

68) O que o levou a escolher este negócio / ramo?

69) Quanto tempo de funcionamento? _____ anos _____ meses

70) Como está a situação do seu negócio?

- Em fase de crescimento com boas perspectivas
 Um empreendimento sólido com boas perspectivas
 Em fase de retraimento com poucas perspectivas

Outro - descrever: _____

71) Como é ou era a formalização do seu negócio?

- Totalmente formalizado (Tem toda a documentação exigida por lei)
 Parcialmente formalizado (Faltam alguns documentos)
 Informal (Ainda não providenciou a documentação)

Outro - descrever: _____

72) Qual a composição do capital inicial do seu negócio?

- Capital próprio fruto de trabalho no exterior
 Capital de sócio
 Empréstimo familiar
 Empréstimo bancário
 Outro - descrever: _____

73) A emigração foi importante para você abrir seu negócio?

- Sim Não

74) Se foi importante, descreva em que:

75) Dentre o tempo que ficou no exterior, quanto foi necessário para montar o seu negócio?

_____ anos

76) O seu negócio atual tem relação com suas atividades profissionais que você exerceu no exterior?

- Sim Não

77) Explique: _____

Que características pessoais suas você acredita que te ajudaram ou prejudicaram a empreender?

78) Ajudaram: _____

79) Prejudicaram: _____

- 80) Em relação ao seu empreendimento você considera que:
- Sem emigrar não seria possível se estabelecer como empreendedor
 - A emigração apenas possibilitou empreender em um tempo menor
 - O fato de ter emigrado foi indiferente para estabelecer-se como empreendedor
 - Outro - descrever: _____
- 81) Você fez algum tipo de pesquisa de mercado antes de abrir o negócio?
- Sim Não
- 82) Descreva: _____

- 83) Seu negócio contrata ou contratava mão-de-obra?
- Sim Não
- 84) Se não emprega, por que não?
- _____
- 85) Se emprega, quantas pessoas trabalham em seu negócio? _____
- 86) Quais os tipos de relação de trabalho seu negócio tem?
- Empregados em regime de CLT
 - Contratos verbais
 - Misto entre CLT e contrato verbal
 - Por produção / comissão
 - Outro - descrever: _____
- 87) O negócio tem dado lucro ou prejuízo?
- Lucro
 - Prejuízo
 - Nem um nem outro
- 88) Quais são seus planos em relação a sua empresa para o futuro (próximos dois anos, por exemplo)?
- _____

Características do Território

- 89) Sua experiência prévia em Teófilo Otoni ajudou nas suas atividades profissionais no exterior?
- Sim Não
- 90) Explique: _____

- 91) Você encontrou dificuldades para empreender em Teófilo Otoni?
() Sim () Não
- 92) Quais? _____

- 93) Você fez algum tipo de planejamento (plano de negócio, por exemplo) ou teve alguma ajuda especializada antes de abri-lo?
() Sim () Não
- 94) Descreva: _____

- 95) Você utilizou algum tipo de serviço de alguma instituição ou consultoria para abrir o negócio? (Ex.: SEBRAE, CDL, sindicato etc.)
() Sim () Não
- 96) Quais? _____

- 97) Descreva: _____

- O que você acredita que deveria haver para ajudar os emigrantes retornados?
- 98) Em T.Otoni _____

- 99) No Brasil _____

- O que você acredita que deveria haver para ajudar os empreendedores?
- 100) Em T.Otoni _____

- 101) No Brasil _____

- 102) Você aconselharia seu filho ou filha a fazer o mesmo que você fez e nas mesmas condições?
() Sim () Não
- 103) Por quê? _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

Roteiro da Entrevista em Profundidade

*Condição de inclusão do sujeito a ser entrevistado:
Emigrante retornado empreendedor bem sucedido, já entrevistado com questionário
fechado e selecionado para a entrevista em profundidade.*

Prezado entrevistado,
Esta entrevista será gravada apenas com a finalidade de facilitar o trabalho de pesquisa. Ela não será ouvida por ninguém além da equipe de pesquisa. Seus dados individuais e todas as suas falas serão mantidas no mais absoluto sigilo e somente servirão para enriquecer os dados levantados e as conclusões da pesquisa.

Identificação do Entrevistado

- 01) Nome: _____
- 02) Endereço: _____
- 03) Cidade: _____ UF: _____

Questões sobre sucesso como empreendedor

- 04) Fale mais sobre o seu sucesso como empreendedor.
- 05) Você tentou trabalhar empregado antes de ser empreendedor? Por que escolheu este caminho?
- 06) Você tentou outros negócios antes do atual? Foi bem sucedido nos outros? Fale um pouco a respeito.
- 07) Você tem mais de um negócio hoje em dia? Fale a respeito.
- 08) Por que você escolheu o negócio que você tem agora? Você já tinha experiência neste negócio ou setor aqui no Brasil ou no exterior?
- 09) Você fez alguma pesquisa de mercado ou teve alguma ajuda profissional para abrir seu negócio?
- 10) Quais serviços existem em Teófilo Otoni para ajudar o empreendedor?
- 11) Você acredita que as situações que você viveu no exterior facilitaram o seu sucesso como empreendedor?
- 12) Quais as maiores dificuldades que você enfrentou no retorno e para se tornar empreendedor?
- 13) O que existe em Teófilo Otoni que facilitou o seu sucesso como empreendedor?
- 14) O que você acredita que deveria haver em Teófilo Otoni e Brasil para aumentar a chance de sucesso do emigrante retornado?
- 15) E o que deveria haver para ajudar o empreendedor?
- 16) Você se arrepende de alguma coisa e não faria novamente se tivesse outra oportunidade?
- 17) Se precisasse, você faria tudo novamente? Os sofrimentos valeram o resultado alcançado?

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM ORGANIZAÇÕES

Roteiro da Entrevista com Organizações

Condição de inclusão da entidade a ser entrevistada:

Entidades de todos os setores (público, privado, ONG) localizadas ou acessíveis na cidade de Teófilo Otoni, que ofereçam algum tipo de apoio aos empreendedores e, em especial, aos emigrantes retornados.

Identificação da Entidade

- 01) Data da entrevista: _____ / _____ / _____
- 02) Razão Social: _____
- 03) Endereço: _____
- 04) Cidade: _____ UF: _____
- 05) Telefones: _____
- 06) Email: _____
- 07) Site: _____
- 08) Pessoa entrevistada: _____
- 09) Cargo: _____
- 10) A entidade oferece algum tipo de apoio/ajuda ao empreendedor ou quem quer ser?
() Sim () Não
- 11) Quais produtos e/ou serviços? _____

- 12) A entidade oferece algum tipo de apoio/ajuda ao emigrante retornado?
() Sim () Não
- 13) Quais produtos e/ou serviços? _____

- 14) Descreva os serviços: _____

15) Como funcionam? _____

16) Quais os públicos atendidos por cada produto/serviço? _____

17) Quais as exigências para serem atendidos por cada um? _____

18) Qual a quantidade de pessoas atendidas em cada? _____ por: _____
(período)

19) Tem alguma coisa que você gostaria de complementar? _____

Observação: Descrever todos os produtos e/ou serviços dentro do mesmo roteiro (descrição, funcionamento, público, exigências e qtde. de pessoas atendidas).

APÊNDICE D – TCLE DA ENTREVISTA FORMAL



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E EXATAS - FACSAC

www.ufvjm.edu.br



***Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
para Entrevista Formal***

Somos pesquisadores da UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri), campus Teófilo Otoni e da UNIVALE (Universidade Vale do Rio Doce), de Governador Valadares e convidamos você a participar da pesquisa ***“Empreendedorismo como forma de reinserção econômica do emigrante internacional que retorna para o município de Teófilo Otoni”***. Você nos foi indicado(a) por alguma pessoa conhecida, que pode ter sido emigrante como você, ou não.

Você só irá participar desta pesquisa se quiser. Se não tiver interesse em participar ou se desistir, a qualquer momento, não terá nenhum problema e não ficará mal perante os pesquisadores e nem perante as instituições.

O objetivo desta pesquisa é conhecer as condições em que se encontram os emigrantes internacionais que retornaram para a cidade de Teófilo Otoni e tentaram abrir um negócio. As informações e demandas levantadas serão divulgadas para a comunidade científica e para as instituições públicas e privadas da cidade e do estado. O intuito é sensibilizar para a criação de políticas e projetos que possam melhorar a vida dos emigrantes que retornam para este território através do empreendedorismo.

Por isso, as informações que você fornecer serão importantes para a pesquisa e para a economia da cidade. Você não correrá nenhum risco ou constrangimento e também não terá nenhum gasto. O tempo despendido será pequeno, apenas o necessário para responder questões relacionadas à sua emigração, retorno e investimentos realizados em Teófilo Otoni.

Garantimos o sigilo das informações prestadas. O entrevistador fará perguntas e anotarás suas respostas em um formulário que será guardado em local seguro dentro da UFVJM e ninguém, além dos pesquisadores, terá acesso a eles. As informações serão apresentadas em encontros ou em publicações científicas, e seu nome ou qualquer outra informação que possa identificá-lo(a) não serão divulgadas. Só serão apresentados os dados agregados, ou seja, respostas de vários entrevistados em conjunto. Por exemplo: “tantos por cento dos emigrantes responderam que tiveram dificuldade em empreender em Teófilo Otoni”.

Dependendo das respostas que você e outros entrevistados derem, poderá ser necessário entrevistá-lo novamente, para aprofundar o conhecimento sobre o seu esforço em empreender em Teófilo Otoni. Mas, assim como agora, você só irá participar se quiser.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam os contatos do pesquisador responsável para, a qualquer momento, tirar dúvidas sobre a pesquisa ou sua participação. Você também poderá fazer qualquer tipo de reclamação ou denúncia ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM.

O pesquisador abaixo se responsabiliza por quaisquer danos que você possa vir a ter com esta pesquisa.

Pesquisador responsável:

Marcelo Cambraia de Alvarenga
Professor da UFVJM - Teófilo Otoni
Telefones: (33) 8805-0595 (celular)
(33) 3522.3830 (residência)
(33) 3522.6037 (geral UFVJM)
E-mail: marcelocambraia@ufvjm.edu.br
Residência: Rua Padre Virgulino, 407 / apto. 03
Centro – Teófilo Otoni – MG

Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM:

Coordenadora: Prof^a. Agnes Maria Gomes Murta
Vice-Coordenadora: Prof^a. Etel Rocha Vieira
Secretária: Dione Conceição de Paula
Telefone: (38) 3532-6060
E-mail: cep.secretaria@ufvjm.edu.br
Endereço: Rua da Glória, 187 – Centro – Caixa postal 38
CEP 39100-000 – Diamantina – MG

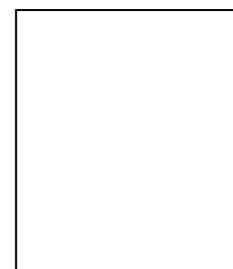
Outras informações podem ser obtidas no site da universidade www.ufvjm.edu.br ou no telefone (33) 3522-6037.

Termo de Consentimento

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assinatura

Nome: _____



Polegar

APÊNDICE E – TCLE DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E EXATAS - FACSAAE

www.ufvjm.edu.br



*Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
para Entrevista em Profundidade*

Somos pesquisadores da UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri), campus Teófilo Otoni e da UNIVALE (Universidade Vale do Rio Doce), de Governador Valadares e convidamos você a participar da pesquisa ***“Empreendedorismo como forma de reinserção econômica do emigrante internacional que retorna para o município de Teófilo Otoni”***.

Você foi selecionado(a) a partir dos dados da entrevista formal, que você respondeu anteriormente, por ser considerado bem sucedido(a) em seu empreendimento.

Você só irá participar desta entrevista se quiser. Se não tiver interesse em participar ou se desistir, a qualquer momento, não terá nenhum problema e não ficará mal perante os pesquisadores e nem perante as instituições.

O objetivo desta pesquisa é conhecer as condições em que se encontram os emigrantes internacionais que retornaram para a cidade de Teófilo Otoni e tentaram abrir um negócio. As informações e demandas levantadas serão divulgadas para a comunidade científica e para as instituições públicas e privadas da cidade e do estado. O intuito é sensibilizar para a criação de políticas e projetos que possam melhorar a vida dos emigrantes que retornam para este território através do empreendedorismo.

Por isso, as informações que você fornecer serão importantes para a pesquisa e para a economia da cidade. Você não correrá nenhum risco ou constrangimento e também não terá nenhum custo. O tempo gasto será o que você puder dispor para relatar um pouco mais aprofundadamente sua experiência de emigrar, retornar e empreender em Teófilo Otoni.

Garantimos o sigilo das informações prestadas. O entrevistador gravará seu relato que posteriormente será guardado em local seguro, dentro da UFVJM e ninguém, além dos pesquisadores, terá acesso a ele. As informações serão apresentadas em encontros ou em publicações científicas, e seu nome ou qualquer outra informação que possa identificá-lo(a) não serão divulgados.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam os contatos do pesquisador responsável para, a qualquer momento, tirar dúvidas sobre a pesquisa ou sua participação. Você também poderá fazer qualquer tipo de reclamação ou denúncia ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM.

O pesquisador abaixo se responsabiliza por quaisquer danos que você possa vir a ter com esta pesquisa.

Pesquisador responsável:

Marcelo Cambraia de Alvarenga
Professor da UFVJM - Teófilo Otoni
Telefones: (33) 8805-0595 (celular)
(33) 3522.3830 (residência)
(33) 3522.6037 (geral UFVJM)
E-mail: marcelocambraia@ufvjm.edu.br
Residência: Rua Padre Virgulino, 407 / apto. 03
Centro – Teófilo Otoni – MG

Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM:

Coordenadora: Prof^ª. Agnes Maria Gomes Murta
Vice-Coodenadora: Prof^ª. Etel Rocha Vieira
Secretária: Dione Conceição de Paula
Telefone: (38) 3532-6060
E-mail: cep.secretaria@ufvjm.edu.br
Endereço: Rua da Glória, 187 – Centro – Caixa postal 38
CEP 39100-000 – Diamantina – MG

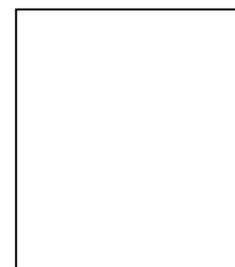
Outras informações podem ser obtidas no site da universidade www.ufvjm.edu.br ou no telefone (33) 3522-6037.

Termo de Consentimento

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assinatura

Nome:



Polegar

APÊNDICE F – TCLE DA ENTREVISTA COM ORGANIZAÇÕES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E EXATAS - FACSAC

www.ufvjm.edu.br



***Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
para Entrevista com Organizações***

Somos pesquisadores da UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri), campus Teófilo Otoni e da UNIVALE (Universidade Vale do Rio Doce), de Governador Valadares e convidamos você a participar da pesquisa ***“Empreendedorismo como forma de reinserção econômica do emigrante internacional que retorna para o município de Teófilo Otoni”***.

Você pode participar só se quiser. Se não quiser participar ou se desistir de participar a qualquer momento não terá nenhum prejuízo e não ficará mal perante o pesquisador e nem perante as instituições.

O objetivo desta pesquisa é conhecer as condições em que se encontram os emigrantes internacionais que retornaram para a cidade de Teófilo Otoni e tentaram abrir um negócio. As informações e demandas levantadas serão divulgadas para a comunidade científica e para as instituições públicas e privadas da cidade e do estado. O intuito é sensibilizar para a criação de políticas e projetos que possam melhorar a vida dos emigrantes que retornam para este território através do empreendedorismo.

Por isso, as informações que você fornecer serão importantes para a pesquisa e para a economia da cidade. Você não correrá nenhum risco ou constrangimento e também não terá nenhum gasto. O tempo necessário é pequeno, apenas o necessário para responder questões relacionadas à políticas, projetos, ações ou serviços desta organização que podem auxiliar o emigrante internacional retornado a empreender na cidade de Teófilo Otoni.

Garantimos o sigilo das informações prestadas. O entrevistador fará perguntas e anotarás suas respostas em um formulário que será guardado em local seguro, dentro da UFVJM e ninguém, além dos pesquisadores, terá acesso a eles. As informações serão divulgadas em encontros ou em publicações científicas.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço do pesquisador responsável, podendo, a qualquer momento, tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e sobre sua participação. Você também poderá fazer qualquer tipo de reclamação ou denúncia ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM.

O pesquisador abaixo se responsabiliza por quaisquer danos que você possa vir a ter com esta pesquisa.

Pesquisador responsável:

Marcelo Cambraia de Alvarenga
Professor da UFVJM - Teófilo Otoni
Telefones: (33) 8805-0595 (celular)
(33) 3522.3830 (residência)
(33) 3522.6037 (geral UFVJM)
E-mail: marcelocambraia@ufvjm.edu.br
Residência: Rua Padre Virgulino, 407 / apto. 03
Centro – Teófilo Otoni – MG

Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM:

Coordenadora: Prof^ª. Agnes Maria Gomes Murta
Vice-Coordenadora: Prof^ª. Etel Rocha Vieira
Secretária: Dione Conceição de Paula
Telefone: (38) 3532-6060
E-mail: cep.secretaria@ufvjm.edu.br
Endereço: Rua da Glória, 187 – Centro – Caixa postal 38
CEP 39100-000 – Diamantina – MG

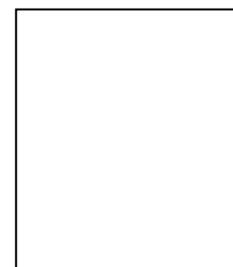
Outras informações podem ser obtidas no site da universidade www.ufvjm.edu.br ou no telefone (33) 3522-6037.

Termo de Consentimento

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assinatura

Nome:



Polegar